CARTA PRIMEIRA,

ESCRIPTA AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CAVROÉ,

Mestre examinado do Officio de Carpinteiro de Moveis,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA:
NA IMPRENSA NACIONAL.

ANNO 1821.

Com Licença da Commissão de Censura.

AMIGO.

FALLA o Poeta Estacio de hum Leão velho, pacato e socegado dentro de seu covil; sua longa idade já tinha diminuido alguma cousa as espantosas furias da sua mocidade; era o terror dos bosques, e apenas soltava hum rugido, não havia alimaria na espessura, que, mettendo o rabo entre as pernas, sem tugir, nem mugir, senão fosse alapardar no seu conhecido boraco. Assim mesmo, diz o tal Poeta com sua costumada agudeza, que a tal velhice do Leão não era muito para se lhe chegar ao pé. *Et non adeunda senectus.* E com effeito, se se atrevesse algum gozo a latir-lhe aos ouvidos, estendendo huma pata, o tal gozinho hia-lhe acabar de ladrar no buxo. Senhor Mestre Pedro, (visto assignar-se no seu impresso, creio lhe não faço huma injuria em lhe chamar pelo seu nome, e em lhe determinar a graduação que tem no seu officio;) Senhor Mestre Pedro, entende isto? O *adeunda senectus* não póde V. m. entender, porque he Latim; e não se envergonhe, porque ha muita gente boa que o não sabe; ainda que V. m., pelo que ralha no seu impresso da traducção das Odes de Horacio, parece que entende a lingua dos Romanos: mas isso em V. m. he bazofia, nem V. m. sabe que cousa he Ode, quanto mais que cousa he Horacio; mas para ser Escriptor publico não devia ser tão ignorante. Todos os seus companheiros d'armas, e ir-

mãos, á excepção do Mestre Artista, que esse he igual a V. m., lá tem seus laivos de Latim: mas como V. m. tem alguma luz da lingua Portugueza, isto he, falla esta lingua, como fallarão os seus Aprendizes, e Officiaes, e fallão os que aqui nascêrão, alguma cousa entenderá a exposição, que lhe faço do texto do grande Poeta citado. Ora, se não he bom acordar o cão que dorme, que será acordar o Leão, que nem dormindo fecha os olhos? V. m. hirá vendo quanto isto era perigoso. O meu silencio, Senhor Mestre Pedro, era a pausa que ha entre trovão e trovão, entre raio e raio. O Leão velho, que já molhou as garras, e as clinas no sangue de Pérros, e Mastins esmagados, não perdeo com a idade o antigo vigor. Havia muito que nem Cães de dentro, nem Cães de fora lhe ladravão ao longe, e muito menos se aproximavão á fatal caverna, domicilio da féra; e sem imagem, porque o seu grande entendimento não he para metáforas, havia muito tempo que não escutava os insultos *Coutacs* e *Pataes*, que com mil personalidades, não tão calvas como as suas, desafiavão a sua mesma derrota, e confusão. Appareceo V.m. no campo, e não só provocou, mas declarou a guerra, e confessando-se V. m. antigo camarada. E que sincero pezar tem da sua camaradagem, os que formavão a pacifica *cotteria* do grave e tranquillo Café do Deserto! Alguns dos membros erão illustres pelo seu sangue e geração, outros pelo seu caracter, outros pelos seus talentos, e todos pela sua honra, probidade, zelo da Religião, e amor da Patria, que não consiste em gritarias, e archotes, consiste na invariabilidade dos principios de Justiça, na adhesão ao interesse geral, e no desempenho dos proprios deveres. Nesta sociedade foi V. m. admittido, e não convidado. Porque,

que hia V. m. alli fazer? Tratava-se alli de letras, lião-se composições de preço, e com profusa erudição; daquillo nada pescava V. m., gozavamos só da sua corporal presença, e silencio: e quem dissera que V. m. neste silencio se aproveitava de confidencias amigaveis, para as transformar hoje em delictos, chamando-lhe então virtudes, quando V. m. nos papeis em que pintava o Terreiro e o Adro de Jesus queimava baixos incensos aos Governadores que hoje tão vilmente insulta? Porém, Senhor Mestre Pedro, a mim não me importa o que V. m. fez, faz, e ha de fazer; o que me importa, e interessa são os seus escriptos, que são tambem do Publico, huma vez que apparecem impressos, e authorisados com o seu nome, tão capaz de ser de si mesmo o Mecenas. A sua alma toda se retrata nos seus escriptos, que são cousa mui diversa dos costumes. Como cidadão, não me embaraço com V. m.; lá está o Senado; se houver falha no seu officio, o Senado o chamará, e lhe dará os nomes que eu já vi em huma sentença de hum pobre Official. Eu não considero em V. m. mais do que o homem sabio, litterato, instruido, e o que mais he, Escriptor publico e até Poeta, porque eu aqui tenho versos seus impressos, que V. m. me deo para ou corrigir ou admirar. Por tanto não se assuste V. m. que eu sei fazer abstracção dos escriptos, e do homem que os escreve. V. m. applaudia algum tempo com enthusiasmo tundas a Pato, e tundas a Couto, e via que o homem ficava intacto, e que se não tratava naquellas tundas mais do que das producções litterarias daquellas duas fortissimas columnas do Templo da Sabedoria. Huma cousa he o nosso Mestre Pedro, outra são os escriptos com que o nosso Mestre Pedro tem engrossado a fama litteraria de Portugal, e servido

agora tão utilmente a causa da Patria, pelo Oceano de luz que nella tem derramado. Ninguem tanto como V. m. está persuadido da sua inquestionavel supremacia aos outros seus coevos litteratores; porque, em quanto os outros Escriptores da sua estofa as levão, e se calão, he tão orgulhoso o seu melindre, como V. m. mesmo me disse, que qualquer leve toque que se dê nos seus immortaes escriptos, basta para o fazer vomitar mais chammas de fogo que o Etna, e o Visuvio. Tenha pois paciencia. O Pedro de Malas-artes sou eu, não he V. m.; porque hei de excogitar taes cousas nos seus escriptos, entrar tanto no cerne da madeira das suas producções, sepilhallas com tanta arte, que o Mundo espantado ha de dizer = Isto só por artes de Pedro de Malas-artes!! Se lhe parecer lá pelo tempo adiante, (por que eu não o largo, e duas pranchas grudadas pela sua mão não lhe ficarão mais unidas,) muito azeda a minha critica, culpe-se a si mesmo, pois he de eterna verdade o proloquio — *Manha do Açougue, quem mal falla peor ouve.* — De mistura com a critica dos seus doutos escriptos hirão dissertações, e discursos moraes, politicos, e coçadores de outros objectos, mas análagos: com a sua mascara, verá outras deitadas abaixo, e se alguma cousa eu posso, desde já lhe afianço que este Pedro de Malas-artes, passará á Posteridade com a tunda mestra nos escriptos de Mestre Pedro, e assignados por Mestre Pedro: hirá a Historia do tempo; e a obra, que parece a mais frivola pelo titulo, e pelo objecto, quaes são as Mnemosines de Mestre Pedro, será no juizo de bons entendedores a mais interessante do seculo 19 em Portugal. Eu tinha encostado a lança e pendurado o escudo; todo o genero humano me buzinava aos ouvidos, que escrevesse, que o meu si-

lencio era culpavel, que a virtude occulta pouco dista da inercia: mas que homem prudente pegaria na pena entre hum viveiro de cochichos, ou se misturaria como o forte Saul entre hum bando de Profetas taes como V. m., vendo que no momento em que era tão precisa a harmonia de idéas, de sentimentos, e de cooperação, não apparecia mais que huma confusão de eccos soltos, e disparatados, que não merecião, nem merecem mais que o odio e execração publica! Como se serve a Patria na sua crise com escriptos que produzem Demandas, pois me dizem que V. m. já tem tres? Pois o escandalo dos cidadãos póde ser a defensa da Patria? Eis-aqui porque eu me calava, e continuaria a calar-me, se V. m. não fora. Os seus insultos me despertárão.—Ora aqui para entre nós, Mestre Pedro; que ninguem nos ouve: V. m. assentou lá comsigo que eu lhe não saberia responder? He possivel que se lembrasse, que eu, provocado por V. m. tão porcamente, ficaria callado? Eu espero que até os antigos, e honrados collegas do Café do Deserto me digão: = Deixe o pobre homem, porque he hum inimigo de quem vossê não devia fazer caso: qual he o leão que olha para hum triste gatinho deitado no chão? = Isto me dirão; mas eu estou surdo; este escripto vai a dar mais do que promette o titulo, e chegou o tempo de eu fazer jogar o Artilharia grossa, eu não erro o alvo.

Apparece V.m. com hum annuncio pelas esquinas desta Capital, que tem escandalisado os homens, não digo eu probos, porém até os mais immoraes do seculo. Não só me insulta com descaramento; porém commette desde já hum crime civil, contrario a todas as Leis, e até áquellas que permittem a liberdade da Imprensa; porque nestas Leis, nos Paizes em que a Imprensa he livre, sem-

pre ha a expressa restricção dos ataques pessoaes, deixando salvo o direito ao insultado para demandar em Juizo o Aggressor. Se eu lhe tivera attacado a sua vida civil, revelando faltas, e turpitudes, a que as nossas Leis ainda não abrogadas chamão — *Doestos* —, tinha V. m. muita razão de se desforrar, e de me pagar na mesma moeda. Mas em que escriptos ataquei eu os seus costumes, ou fallei eu da sua vida privada, e publica? Aponte V. m. huma passagem, cite alguma tirada, produza algum documento. Até agora a Censura não permittia isso, e julgo que agora mesmo o não permitte, porque a Censura he para qualificar os escriptos, e não para facilitar attentados, e em lugar de progredirmos para a perfeição social nós tornariamos para a barbaridade, se tal se consentisse; porque, se a nova ordem de cousas vem manter não só a ordem publica, mas a segurança individual, como póde o Cidadão estar seguro, se ha liberdade na Censura para se lhe attacar o que he mais precioso que a vida, quero dizer, a reputação, a fama, e o bom conceito em que naturalmente desejamos permanecer entre os nossos semelhantes?

Creia, Sr. Mestre Pedro, que até os mesmos que se sentão nas suas cadeiras se tem revoltado contra a sua expressa resolução. Quando duas Meretrizes guerreão, a que não tem que allegar, lança mão do recurso das descomposturas pessoaes; esta he a arma da cobardia, da perfidia, e da vileza.

Deixe-me V. m. descobrir-lhe huma verdade; desde o momento em que V.m. affixou o seu affrontoso Annuncio, tem vindo a minha casa differentes individuos offerecer-me documentos contra V.m. e bem authenticos, entre outros hum miseravel Official do seu Officio, com huns autos, ou hum feito

volumoso com huma Sentença dada no Senado, e depois embargada, porque o homem em razão da sua pobreza não pode progredir; tornou a commetter-me com o mesmo documento em a loja de hum Confeiteiro no Rocio. Outro me veio offerecer huma especie de Novella, que se intitulava.... Hoje mesmo 24 de Março na Sacristia do Sacramento me offereceo hum sugeito grandes documentos.... E era eu capaz de os acceitar, ou de os produzir? Eu não attaco a sua pessoa, heide responder sim aos seus insultos na parte litteraria, separando com toda a dignidade a sua pessoa dos seus doutos escriptos, porque não tem parentesco huma cousa com a outra, são inteiramente diversas, e separadas. Letras são huma desforra, personalidades são hum crime; e por isso mesmo que temos huma Constituição liberal, devem os Cidadãos ser mais respeitados, e ter mais força o freio da moral publica, para se não dizer que a bondade, e santidade das novas Leis, produzem crimes, e authorisão desaforos. Quem se defende com insultos mostra que não tem outra razão, e além de se mostrar ignorante, porque não sabe o que ha de dizer, se mostra perverso, porque diz o que não deve dizer. = Se V. m. attacar os meus escritos, *eu hei de attacar a sua vida publica, e privada.* = Esta consequencia de huma tal premissa, parece estudada na Logica da Ribeira nova, ou da Madragoa. V. m. tem duas Mnemosines, e hum Responso, a isto he que eu vou. Eu tenho o que dizem esses Catalogos impressos, eu o desafio para se espraiar no vasto campo de tantos escritos. Assim eu tivera cousas suas! Mas no meio desta esterilidade nunca me heide lembrar da sua pessoa; eu nada tenho com quem escreve, tenho alguma cousa com o que se escreve. Eu fallei na Mnemosine, mas

não no Author da Mnemosine. A Mnemosine he hum escrito , e o Author he hum homem, e huma sousa he o homem, outra cousa he o escrito. He V. m. Poeta? Ahi tem Poemas de alguma polpa: o Oriente, a Meditação , o Newton ; vá-se a elles, escangalhe tudo. He Filosofo ? Ahi tem as Cartas a Attico, a Demonstração *a priori* da Existencia de Deos, os principios Metafysicos, e Moraes dos Illuminados ; a Verdade , livro profundo; o Homem, Compendio de Metafysica, e Ethica. He Critico? Ahi tem a Censura das Lusiadas. He hum Humanista, e hum Litterator ameno? Ahi tem o Motim, e a obra diz mais do que o titulo. He hum Theologo , e Orador Christão ? Ahi tem Sermões impressos, que alguma idéa dão de Eloquencia sagrada. He hum Moralista popular? Ahi tem o Desapprovador, que he a Censura dos costumes do tempo presente. He hum satyrico, que sabe tambem manejar a difficil arma da ironia, e do ridiculo? Ahi tem as Pateadas, que são alguma cousa, ao menos pela originalidade. He hum Lyrico, ou pelos vôos de Pindaro , ou pelas amenas veredas de Anacreonte? Ahi tem Odes no estylo levantado, e no *molle atque facetum.* He hum Controversista profundo; e hum Polemico vigoroso? Ahi tem huma sustentada impugnação no Espectador. Nada disto diz V. m. que he. O seu argumento he este. — Fallou na minha Mnemosine? Pois então hei de descompolo, hei de abusar como hum pérfido de confidencias amigaveis, de effusões do coração em conversações familiares. Aos escritos deste homem não tenho que responder, nem sei responder, porém chamarlhe-hei *o meu Corcunda, o meu Corcundinha.*

Olhe, Sr. Mestre Pedro, se huma adhesão constante aos eternos principios de Justiça ; se hum desejo sincero, efficaz, e ardente de huma Consti-

tuição em que appareça , e se conserve a dignidade do homem , e se conheção limites na soberania ; se hum voto constante ao Ceo por hum Governo que viesse acudir á nossa desgraça economica , emendar os nossos erros administrativos , e fazer huma escolha capaz dos sugeitos para os empregos civis e militares , he ser Corcunda , então sou Corcunda , e Corcundissimo ; não tenha duvida em mo chamar , porque Corcunda com esta significação será sempre hum nome synonimo do homem de bem , do Cidadão honrado , e do amigo da Patria.

Chamar-me sabio por mofa , e de quatro pêz P. P. P. P. . . . Isto não he defender os seus escritos , nem impugnar os alheios , isto he pulha arrieiral. E de que serve tudo isto ? De cousa nenhuma , *chalaças* não são razões , nem descomposturas são argumentos. Nomes affrontosos , affrontão a quem os diz. O modo pois de impugnar , criticar , e combater Impressos , eu lho vou mostrar nesta Carta, sem azedume nenhum ; atacarei o seu *Responso* , e não a sua pessoa , mostrarei que não tem razão no que diz , mas não me aproveitarei dos Autos , e mais documentos que se me offerecerem , para mostrar o que fez. A sua litteratura he cousa muito diversa da sua conducta , huma cousa não influe na outra ; póde ser hum Anjo nos costumes , e hum toleirão nos escritos ; póde ser hum Diabo na vida , e huma Aguia nas producções. Attacar a vida he crime , analysar escritos he saber. Entre nós nada houve para nos descompormos. Eu comprei-lhe doze cadeiras , e hum leito ; paguei. V. m. encommendou-me hum sermão , e pagou ; pouco foi , mas paciencia , esmolas não são ajustes ; eu acceitei a paga ; porque he o meu officio ; V. m. acceitou o preço , porque o genero era seu ; estas são as trans-

acções da nossa vida civil. No Café do Deserto pagava cada noite hum por todos, e corria a roda, eu não me fui embora antes de chegar a minha vez. Eu não gosto da sua Mnemosine, póde V. m. tambem não gostar dos meus Mnemosinos, e estamos pagos. V. m. póde criticar os meus escriptos, e eu heide criticar os seus ; V. m. póde descompor-me, se o deixarem ; eu, ainda que me deixem, não o heide descompor. V. m. diz que guarda documentos, eu não os quero aceeitar ; V. m. quererá ser hum Delator, eu serei hum homem honrado. Vamos á obra.

Embravece-se V. m. no seu Responso, *assignado* por V. m., contra hum papel muito mal impresso, intitulado — *Exorcismos* — anonymo, e embute-o a este seu venerador, e amigo, servo, e obrigado. Isto, Mestre Pedro, he huma injustiça; para V. m. me atacar a mim, como faz, ao menos era preciso que judicialmente se provasse que o escripto era meu; isto não se prova. Quantos me tem a mim attribuido, porque o Povo assentou de me fazer essa honra; e isto he publico, em apperecendo escripto que geito tenha, logo me empurra o panal; V. m. sabe muito bem que me attribuírão o *Compadre de Belém*, o *Carapuceiro*, *o Mestre Periodiqueiro*, *e até o Mestre Barbeiro*, e comsigo mesmo ateimavão que eu era o Author. Não se dizia que era Mestre Pedro, ou Mestre Paulo, mas que era eu, e não fui eu o Author de tão assizados, eruditos, e urbanissimos escriptos. Se eu quizesse bazofiar, ao menos lá para as Provincias, diria que sim; e chegou a persuação a tal auge, que das Provincias me mandárão hum grande cartão (seja pelo amor de Deos o porte do Correio!) com o *Compadre* dentro, e huma terrivel censura, pagando eu o que não tinha feito. V. m. sem provas razoaveis me attribue

os — *Exorcismos* — e em lugar de saltar nelles, salta em mim.

Não posso deixar de lhe dizer, Mestre Pedro, que a sua Logica he muito fraquinha, ou não he nenhuma. V. m. intitula o seu papel — *Resposta ao Papel intitulado Exorcismos* — e delles não cita huma só passagem, apenas dos Exorcismos se lê em toda a sua obra o *Fugite partes adversæ*, mais nada; e então onde está a resposta? Diz V. m. que os Periodicos se vendem a tres vintens, e que por tres vintens tambem se vendem os Exorcismos. E a Logica, Mestre Pedro? Não vê que os Periodicos são todos os dias quantos Nosso Senhor manda ao Mundo; porque aos Domingos tambem vêm Supplementos; e os Exorcismos forão huma só vez na vida! Isto não he bom, Mestre Pedro, hum Geómetra deve ser mais exacto nos seus raciocinios, e argumentar bem. Diz V. m. que os Exorcismos fallão n'huns Periodicos, e não nomeão todos. O' Mestre Pedro, se os nomeasse todos, então a quantos volumes deitarião os Exorcismos? *Contra Periodicos*, e he o que basta. Diz V. m. que ficou de fóra o *Jornal Encyclopedico*. Engana-se, Mestre Pedro, tambem vai com os outros, ninguem o exclue: he Periodico? Pois então não escapa, porque o titulo diz — *Exorcismos contra Periodicos*, o *Patriota*, o *Pregoeiro*, tudo isto vai, e vão todos a eito, e a esmo. Começa V. m. com a sua illustrada critica, e subtil, e terrivel Dialectica, a esmiuçar, e cirandar o Jornal Encyclopedico, que o põe de rastos. Pag. 4. §. 3.° do Responso: = *No N.° 9.° do Jornal Encyclopedico já publicado depois da nossa* Regeneração Politica, *se lê hum artigo sobre a Independencia, traduzido do Francez. Achava-se licenciado no tempo da* Oppressão!!! *E como teimasse em o publicar, a Commissão de Censura*

achou-o tão revesso *nas actuaes circunstancias que lhe poz huma annotação no fim.* = Em primeiro lugar, o termo *revesso* he termo de madeira, isto lá entenderá V. m. Se o artigo estava licenciado no tempo da *Oppressão*, servia para então, e ninguem está obrigado a adivinhar o que ha de succeder, assim mesmo o tal Author do Jornal he constante nos seus principios, pois V. m. confessa que teimou em o publicar. Que annotações poria agora a Commissão a alguns artigos da Mnemosine velha? Oh! meu rico Mestre Pedro, ou a Mnemosine de agora, ou a Mnemosine de então!!

A gente muda o vestido
Conforme muda a Estação.

Vamos a mais, meu querido Amigo. He pena não nos ter V. m. dado hum curso de Filosofia racional! Quem discorra melhor, não existe. Dizem que Pedro Abailard se distinguira tanto na Arte da Dialectica, que punha cartazes de desafio aos primeiros Dialecticos do Mundo para se baterem em publico com elle; mas quanto vai de Pedro a Pedro! Do Pedro do 12.° seculo ao Pedro do 19.° seculo! Oiçamos o Dialectico por excellencia: se ha hum Pedro Grande em Politica, ha hum Pedro maior em Dialectica. Basta que o oiçamos discorrer para nos convencermos desta verdade. Eis-aqui o que elle diz do Jornal Encyclopedico, que não tem parentesco com os Exorcismos, a que S. m. diz que responde. = *Pelo que respeita aos N.os estampados antes da nossa* Regeneração, *mas já depois da Hespanhola, isso então Deos nos acuda, são huma mina inexgotavel de idéas subversivas, incendiarias, &c.* Então, Senhor Mestre Pedro, porque os Castelhanos estavão em Março ou Fevereiro de 1820 regenerados, devia eu cá nesses mesmos mezes prégar a regeneração? Que Logica, que novo

Pedro Abailard! Porque não pegava V. m. na sua fecunda penna nesses mesmos mezes, e não arcava contra os *marotos* dos Corcundas Portuguezes? Hum Filosofo tão impávido como V. m. dá sempre a conhecer os seus sentimentos. O Filosofo deve ser o Martyr da verdade. V. m. ha de conhecer bem Socrates! Olhe que não he Socrates de Gesso, que por ahi andava, he hum Filosofo chapado; pois esse, no meio da Idolatria, ou Polytheismo (isto, Mestre Pedro, quer dizer—culto de muitos Numes,) se atreveo a sustentar o Dogma da Unidade, que elle conheceo com a luz da Natureza. Porque não invectivava V. m. os Corcundas no dominio da *Oppressão*? E então queria que eu dissesse bem das revoltas Hespanholas no dominio da Oppressão? Mestre Pedro, olhe que isto não he boa Logica. Se o actual Governo não consente o que então se dizia, como quer V. m. que o que acabou consentisse o que agora se diz? Continúa V. m. com a sua fulminante eloquencia a invectivar-me, e diz: = Vio-se maior servilismo? Maior adulação aos *Mandões Despoticos*? Maior desapprovação do que fizerão os *bons* Portuguezes para salvar a Patria. = Ah! meu *bom e verdadeiro amigo*, se V. m. tem o dom de adivinhar, esse nos foi negado! V. m. adivinhava em Abril o que devia acontecer em Agosto? Ainda se não sonha com o Imperio liberal, e já V. m. nota o meu servilismo!

Continúa V. m. a malhar vigorosamente o N.° 5.° do Jornal, que he o de Maio de 1820, onde se falla na mulher teimosamente Constitucional, e saca-se com esta: = *Póde haver maior zombaria, e achincalhação ao Systema Constitucional?* = E a Logica, Mestre Pedro? Pois em Maio já estava entre nós estabelecido o Systema Constitucional, ou já estava jurada a Constituição? Ora isto não he

discorrer de hum homem Mestre no seu Officio!! Com que razão nos arguirião os Mouros se agora cá viessem, de se não ter proclamado, e respeitado o Alcorão ha hum anno a esta parte?

Na verdade força arguitiva, e nervo de Logica como V. m. tem, ainda se não vio! Eis-aqui o que V. m. diz fallando do Jornal: = *O fermento da inquietação não deixará jámais de levedar a massa da sociedade humana, em quanto as forças*..... Estas são as palavras do Jornal N.° 5.° em Maio, agora vão as suas: = *Tem alguem mostrado maior raiva, maior rancor, maior indignação contra a Constituição?*.... Onde estava a Constituição em Maio, Senhor Mestre Pedro? E a Logica? Eu fallo em fermento de *inquietações*, não fallo na *Constituição.* Se eu pedia forças para os inquietadores, porque as pede V. m. agora para os Corcundas? Antes da Lei, Mestre Pedro, não ha peccado. Materias Politicas são opiniões Filosoficas; não he crime ser Peripatetico, e não ser Carteziano, não he crime ser Gazendista e não ser Newtonianno, he indifferente seguir a Wolfio, ou seguir Kant. Se não perturba a sociedade, he indifferente ser Republicano, ou Realista, ou Constitucional; o ponto está que se obedeça ao Governo *de facto*, que se não formem partidos, porque delles se seguem as discussões, e a perturbação publica. Mas querer V. m. que eu o adivinhasse em Maio, e que o proclamasse antes delle proclamado!! Ora isto he muito apertar com os amigos, ou mostrar V. m. que não sabe o que diz. E aqui cabe bem hum dito do nosso Camões em huma das suas Cartas: = *Donde vem a Pedro fallar Gallego*? Olhe que isto he do Poeta.

Ralha V. m. por se não fazer nos Exorcismos particular menção do Diario do Governo, e do Dia-

rio das Cortes, porque lhe achou lá não sei o que, que desagrada ao apurado gosto de V. m. São elles Periodicos? Então encerrão-se na mesma excomunhão dos Exorcismos, que são contra Periodicos, e nenhuns deixão de fóra. Além disto se os Exorcismos podessem citar ao Tribunal do — *Fugite* — a todos os Periodicos pelo seu nome, ser a isso hum volume para se vender só por tres vintens? Só o Catalogo exacto de todos elles deitaria a mais volumes que os que formavão a Bibliotheca de Ptolomeu Filadelfo! V. m. ralhando desses Periodicos pelo que dizem, notando-lhes as faltas com a sua costumada perspicacia, faz hum serviço notavel aos Exorcismos, porque reforça os motivos do seu *Fugite partes adversæ.*—Fóra com os outros, fóra com estes tambem, e fóra com todos.

Reconvem V. m. o Exorcista por não cahir sobre a praga Periodical dos Soliloquios, que davão huma folhinha magra todos os quinze dias, e contra o Espectador, e Desapprovador, que lá de sabbado a sabbado apparecia encolhido, e pequeno, e contra o Encyclopedico que apparecia de mez a mez, e agora nem assim póde apparecer, porque o diluvio diario dos Periodicos, tanto entulha a officina que não deixa imprimir mais nada: porém, Senhor Mestre Pedro, advirta V. m. que esta praga, além de ter já acabado, dava respiro ao Povo nos intervallos do seu apparecimento, e a praga sobre que cahem os exorcismos não acabou, continúa e he diaria, não cessa; o diluvio não durou tanto tempo sobre a terra, teve a chuva pausa depois de quarenta dias, e quarenta noites; e ha sete mezes, que não deixa de cahir a chuva, ou a saraiva dos seus Periodicos. Ha dia em que a Mnemosine não esteja na rua! Todos os dias chuva de Mnemosine, chuva d' Astro, chuva de Patriota,

chuva de Constitucional, chuva de Diario, e como já não trazem mais que as sessões do Congresso Augusto, a que a Mnemosine mistura as suas discrições basta a chuva de hum; e os que V. m. lembra do Periodiquissimo, isso he chuva passada com que já não móem moinhos, e além disto sempre trazião cousas novas. Mas agora! Cortes a Mnemosine, Cortes o Patriota, Cortes o Astro, Cortes o Constitucional, Cortes o Liberal, Cortes o Pregoeiro, Cortes o Diario, Cortes o Correio. Pois se as Cortes são humas, se não podem diversificar-se as suas sessões, não bastava hum, Mestre Pedro?

V. m. tem huma engraçadissima velhacaria, e habilidade em querer meter no escuro a tremenda caballa que fez recolher o Espectador, e o Desapprovador, louvando o Desembargo, aquelle mesmo Desembargo que V. m., como mil vezes me disse, (o que são as coisas deste Mundo!) desejava ver acabado. Agora já he respeitavel, santo, rectissimo aquelle Tribunal! Ou a Mnemosine de agora, ou a Mnemosine de então!!

A gente muda o vestido
Conforme muda a estação.

V. m., Senhor Mestre Pedro, falla em Logica a pag. 8 do seu *Responso a Santo Antonio.* Em Logica! He a arte que dirige o entendimento para bem cogitar, e bem raciocinar. Ora vejamos que tal he o uso que V. m. faz desta Arte difficil na prática. = A causa he huma só, haja, e sobeja, hum só Periodico que a annuncie; = estas são as palavras citadas dos Exorcismos, vejamos agora a sua Logica. = *Por esta sua Logica dirá tambem qualquer, a verdade he huma só, haja hum Prégador della que a annuncie e sobeja hum só Prégador.* = Então pela sua Logica he o mesmo hum Perio-

dico impresso que hum Sermão ouvido? Hum Sermão ouvido chega a duzentas, ou trezentas pessoas que estão em huma Igreja, e hum só Periodico impresso multiplicando-se os exemplares póde chegar, e chega a todos os habitantes do Reino, como chegava huma só Gazeta, quando huma só Gazeta havia. Miseravel Logica he a sua, Mestre Pedro! Achar termo de comparação entre hum Sermão que só póde ser ouvido de poucos, e hum Periodico que póde ser lido de todos! O' Mestre Pedro, tome o meu conselho, que he de amigo do Café do Deserto, não falle em Logica discorrendo assim, olhe que desata tudo a rir, e a mim ha me de custar isso pela *amizade* que lhe tenho.

V. m. he velhaquete, (perdoe-me a expressão, que he de amizade, como V. m. diz), mete as cousas no escuro ainda quando com o seu grande saber se mette a criticar composições litterarias. Lembra-se a pag. 9. da Tragedia *Zaida*; porque se não lembra de *Branca de Rosis*, que está impressa? Lembra-se da Comedia *Clotilde*, porque se não lembra dos *Sebastianistas*, e de *D. Luiz de Ataíde*? Que tal he V. m.! Quantas vezes me martelou V. m. aos ouvidos com a *Clotilde*, dizendo-me que a scena da *Mãi e Filho* era a cousa mais perfeita que tinha apparecido no Theatro? Isto não póde V. m. negar, mas V. m. he hum por diante, e outro por detraz. Isto não he bom, Mestre Pedro; olhe que he hum escriptor publico. Mofa V. m. das Cartas de *Manoel Mendes Fogaça*? Ora não fará huma como a da *Historia do Cerco de Saragoça* vista n'huma Comedia, em que os mais intelligentes tem confessado que não encontrão differença alguma do difficil estylo de Fernão Mendes Pinto! Ora escreva assim huma pagina! Eu me darei por bem impugnado, e V. m. será para mim hum

grande Apollo! Ora, Mestre Pedro, muito mal fez V. m. em fallar em a tradução das Odes de Horacio! Pois V. m. póde dizer, que estão mal traduzidas como faz o seu camarada Pato,

O varão justo, e em *seus propostos* firme?

Que intelligencia tem V. m. da lingua de Horacio, para fallar em traducções? Muito atrevida he a ignorancia! Olhe, Mestre Pedro, tenho quasi 56 annos de idade, pois não me envergonho de dizer que ainda estudo latim, e mais traduzi já o inteiro Poeta Estacio, que he a cousa mais difficil que ha em letras humanas.

Agora, Mestre Pedro, vamos á maior miseria da sua Logica, e veja que me não tenho servido de personalidades. Commeça V. m. a delirar em Logica desde a pag. 9 até a ultima. Diz a Logica que assim como não vale o argumento da potencia para o acto, tambem não vale o argumento do particular para o universal. Veja que esta he a base de toda a Arte Syllogistica. Trata-se da apologia os Frades em geral, nos Exorcismos, e dizse em geral que os Frades tem sido uteis á Patria por todos os respeitos, na agricultura, na administração, nas letras sobre tudo, e se prova pelos grandes monumentos de Litteratura que nos deixárão, e que existem com tanta vantagem da Historia Portugueza, que se não fossem os Frades da Congregação de S. Bernardo não teriamos huma Historia seguida do Reino, porque o que há fora disto são Chronicas dos Reis, e separadas. Duarte Galvão, Rui de Pina, Damião de Goes, Duarte Nunes, Francisco de Andrade, cada hum delles fez sua Chronica, e nenhuma Historia completa: e que faz V. m? Para me apanhar em contradicção pelas regras da sua apurada Logica, fórma-me hum argumento do particular para o geral, que he o

mesmo que não provar nada, porque o predicado das premissas — *Hum* — não he predicado da consequencia — *Todos.* — Lembra-se da pintura que se faz no Dasapprovador de *hum só* Frade. E quem he este Frade, Mestre Pedro? Ninguem o conhece melhor que V. m. Era hum Frade alma de capitulos. A pintura deste *unico* Frade no Desapprovador foi pedida por V. m., e inconsideradamente dada por mim, com risco manifesto de escandalisar muitos a quem a malicia podia empurrar o que era attribuição só daquelle. Este era o embirrante censor da Mnemosine velha, que o azoinava a V. m. com riscados, e mais riscados nesta antiga Matrona Lusitana. V. m., que me quer apanhar em contradicção, diz que eu digo mal de hum no Dasapprovador, e bem de todos em geral nos Exorcismos. Ora diga-me, Mestre Pedro, na sua Logica, *hum são todos, e todos são hum*? Quem argumenta deste feitio? V. m., o Dialetico dos nossos dias. Ora sempre lhe digo huma verdade, eu sou pacifico, ainda offendido não me defendo senão com as mesmas armas: A Irmandade chamada dos Cabeças de páo he para mim não só respeitavel, mas util porque em fim fazem as suas festas, &c. Eu entraria em furor, e daria muita pancada, se algum atrevido me viesse fazer este argumento: = Entre esta respeitavel corporação ha hum individuo usurario, rebatedor, intrigante, perfido, &c. Logo toda a corporação dos cabeças he pessima, he pingada, frita, esquartejada, &c. = Este argumento não merece outra resposta que não seja a de páo, e não ahi qulquer páo, mas zambujo, carrasco, ou marmello negral. Por ventura hum Frade peralvilho, affectando elegancia na triste mortalha que o cobre, gyrando pelos Cafés, pelos Bilhares, e hindo a casa das . . . . derroga a au-

thoridade, a santidade, a utilidade do seu Instituto? Ora basta, Senhor Mestre Pedro; a carta vai sendo comprida, e eu quero para o correio ser mais extenso. Bem vê V. m. que não tóca em seu corpo, limito-me ao seu Escripto, he impresso, e como V. m. nelle põe o seu nome, não se deve escandalisar de lhe chamar pelo seu nome. V. m. diz que he Mestre examinado no Officio de Carpinteiro de móveis, e o diz em Editaes impressos; logo não se deve escandalisar de lhe chamar Mestre, porque V. m o diz, e he a graduação que goza no seu Officio: até aqui não vê V. m. injuria de que se queixe com razão, nunca lhas disse, nem faço tenção de lhas dizer; para impugnar os seus escriptos, bastão elles, e sobejão; não he preciso envolver nelles a sua pessôa: as mazellas do homem não são as parvoices das suas producções; isto está dito muitas vezes, e a todos se mette pelos olhos. Espero com alvoroço a sua resposta já que com tanto gosto entabolámos correspondencia. Sei que me ha de chamar corcunda, que he a ordinaria desforra: mas refira-se sempre a definição que nesta carta lhe dou da palavra, ou nomenclatura *corcunda*, não se me dá que assim mo chame, porque, naquelle sentido, eu lhe protesto que o sou de todos os quatro costados. Os corcundas desta especie, verdadeiros, não são os inimigos do Estado, não cuidão em revoltas, são amantes da paz, e harmonia entre os governantes, e governados, não conspirão contra o Governo estabelecido, são amigos da Religião porque sem ella não ha verdadeira moral, não ha segurança, não ha verdadeira, e bem entendida liberdade, sem Religião não ha sincera obediencia ás leis. Se hum corcunda disser — Todo o poder vem de Deos: — este he o principio mais util ao Estado politico, porque

o corcunda persuadido disto, ha de respeitar como Deoses os que exercitão o poder, e obedecer-lhes como a orgãos da Divindade. Consinta V. m. que haja Deos, e que os corcundas o adorem, verá como os corcundas, que V. m. quer entregar ao Cirurgião Carrasco, são os melhores Cidadãos. O verdadeiro Patriotismo está no coração guardado pelas virtudes, não está em calças pardas, e em chapeos com aba no Ceo, e bicos na terra. A adhesão á causa não se mostra com as repizadas e enjoativas palavras, *Mandoens*, *Despotismo*, *Cadeias*, *Arbitrariedades*, *Servilismo*, *Servilismo*; mostra-se com a obediencia, com o respeito aos que governão, com os desejos da ordem, e do socego público, com o silencio, com a moderação, e com nenhuma ingerencia nos poderes reconhecidos. E com isto não enfado mais a V. m., de quem sou, &c.

José Agostinho de Macedo.

Forno do Tijolo
24 de Março de
1821.

FIM.

CARTA SEGUNDA

AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CARVOÉ,

Mestre examinado do Officio de Carpinteiro de Moveis:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA:

NA OFFIC. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impressor do Conselho de Guerra.
Com licença da Commissaõ da Censura.

1821.

AMIGO.

Eu lhe desejo tudo quanto se costuma dar por este tempo, que saõ festas felizes n'alma, e no corpo, e póde ficar certo, que as festas que eu lhe desejo as naõ quero para mim; ao menos nisto lhe provarei, que naõ sou pouco liberal, porque nada quero do que lhe appeteço. Tenho sentido a falta das suas noticias, porque desde o dia em que aqui veio Manoel Joaõ encommendar-me, e desencommendar-me honradamente hum Sermaõ, nunca mais soube de V. m. Naõ sou taõ injusto, que naõ desculpe o seu silencio, ou esquecimento, porque alguns amigos que tem passado pela sua loja me dizem, que o tem visto taõ azafamado com obra, tanto de partes a quem dá audiencia, e despacho, como de papeladas que tem de revolver, e examinar, e de consultas que tem de resolver, ou propostas que tem de espatifar, que pela porta do seu terreo gabinete correm as folhas em ondas, que parecem aparas. Ora hum homem assim publico com tantas responsabilidades, director geral da opiniaõ publica, e, demais disso, obrigado a ataviar huma Senhora, como a Senhora D. Mnemosine, que deve apparecer diante de gente todos os dias, sendo precisas tantas coizas para huma Senhora se apresentar com decencia, como se ha de lembrar dos amigos, ainda que velhos, e honrados, para lhe escre-

ver? De Cesar se disse, que era *in utroque*, este Latim, quer dizer, que este grande Despota era capaz de duas grandes coizas simultaneamente como o nosso Camões, que tinha n'huma maõ a espada, e n'outra a penna; assim o Despota do Mundo, conquistava as Gallias, e ao mesmo passo em seus Commentarios escrevia a Historia da conquista das Gallias. *Cesar in utroque.* Ora estes prodigios que apparecem de seculos a seculos, com maior pasmo os vemos neste seculo na pessoa de V. m., como todos confessaõ; porque sem levantar maõ das obras do seu officio, porque cada hum no seu officio, e delle he que se vive, naõ larga das mãos a penna, enche huma casa de móveis, e toda a Patria de luzes, e por isso he mais de admirar que Cesar, porque qualquer peça de semblagem no gosto Grego, leva mais tempo a grudar, e a polir, que qualquer Provincia das Gallias a conquistar. O que póde em V. m. o amor da Patria!

Vincit amor Patriæ, laudumque immensa cupido.

Diz o Poeta *Virgilio*, para os que o entendem, e como esta he a sua devisa, eu lho ponho em Portuguez:

Nesta lida taõ famosa
Em que mettido me vejo,
Vence-me o amor da Patria
E do louvor o desejo.

Por isso creio que V. m. se roubará ao somno, ás doçuras domesticas, aos ternos afagos da Esposa, ás caricias dos engraçados filhos, para se dar aos estudos da Politica, penetrar os altos mysterios dos Gabinetes Europeos, rivalisar com os Meterniches, com os Pozzos di Borgo, com os Capos d'Istria, homensarrões que deraõ agora na fina de se metter onde os naõ chamaõ, e governar a casa alhêa;

Mordomos por devoçaõ, e caritativos Tutores dos Póvos da Terra. A' viſta diſto digo, e torno a dizer, que V. m. he digno naõ ſó de louvor, e reſpeito, mas de ſer moſtrado com o dedo, conhecido pela pinta, e merecedor de paſſar á Poſteridade nos eſcritos do tempo, e com os eſcriptores do tempo.

Eu naõ ſó lhe conſagro os meus elogios, mas o deſculpo na falta de noticias ſuas. Hum homem aſſim occupado, e em beneficio, luſtre, e burnimento da Patria, como ſe póde lembrar dos amigos? Ahi torna outra vez Ceſar; mas a quem o hei de eu comparar, ou na paſſada, ou na moderna idade? Dizem que eſte calvo Heroe, dictava ſimultaneamente a ſete eſcreventes materias diverſas, porque das guerras daquelle tempo tambem ſe faziaõ Bòletins ao Senado. Outro tanto ſuppõe a Patria que ſuccede a V. m.; porque dizem os obſervadores, que hum homem de officio braçal, que pede ambas as mãos, poder acodir a iſto, e eſcrever tanto como eſcritor diario, ſó dictando a muitos eſcreventes, ou eſperando que lhe levem algum arrebique para a Senhora D. Mnemoſina, porque apparecem nella coizas taõ más, que todos dizem = iſto naõ póde ſer de Meſtre Pedro! = Eu naõ ſou deſte voto, ſou do contrario. Ora como ha hum proloquio em Latim, que diz aſſim:

Pluribus intentus, minor eſt ad ſingula
ſenſus,

Que quer dizer:

A alma que ſe reparte,
E a muitas coizas attende,
Em tudo fica pequena,
Quanto dizer-nos pertende.

(Para que V. m. entenda me obrigo ao officio de Traductor.) Attribuo as falhas, reveſſos, e nós

das ſuas compoſições litterarias á multiplicidade dellas, e á differença infinita dos objectos, que trata, para iſto naõ baſta hum homem, he preciſo que lhe eſcapem muitas incorrecções, naõ do eſtilo, porque iſſo naõ ſabe V. m. o que he, mas de coizas, e ſubſtancias. Naõ tenho para prova deſta verdade, mais que contemplar o ſeu *Reſponſo a Santo Antonio*, que naõ morreo de caſaca, como V. m. diz; podia morrer de caſaca e ſer taõ Santo como he, porque o habito naõ faz o Monge.

Em primeiro lugar, Meſtre Pedro, acho huma coiza aſſim por modo de huma blasfemiazinha, ou inſulto feito á Religiaõ, que ſe acaba de proclamar a Religiaõ do noſſo Reino, dar V. m. o titulo de *Reſponſo a Santo Antonio* a huma ſolemne deſcompoſtura ao Author dos *Exorciſmos* deſde a primeira até á ultima folha; porém neſta queſtaõ me naõ quero envolver; verdade ſeja, que ſó na ſua ultima folha apparece o *Reſponſo*; porque até alli, como já lhe diſſe na minha primeira, a que me reporto, naõ ha mais que inſultos ao Encyclopedico, e ao Deſapprovador, e nada de *Exorciſmos*, que era o papel a quem V. m. promettia reſponder; porém eſqueceo-lhe iſſo. Sinto pois achar tanta ignorancia em hum homem *Eſcriptor* publico de Mnemoſines, naſcido para illuſtrar eſta Naçaõ no momento em que paſſava do eſtado de ſerviliſmo, abjecçaõ, miſeria e eſcravidaõ para o eſtado Conſtitucional, em que, como por hum conhecido prodigio, exiſtimos, e nos eſperamos conſervar. Como o ſeu douto folheto naõ tem capa, embiquei logo na ultima pagina, que ſalta aos olhos, e li o que ſe ſegue:

„ *Rezado o Reſponſo do noſſo Santo contra*
„ *o erro, e quem o ſegue, diga a ſeguinte*
„ *Antifona.* „

Eu hia ver se achava a Antifona do Santo, que começa: — *O' Lingua abençoada*; — busco, busco, e torno a buscar, e acho huma coisa assim escrita: —

℣. *Dos aleijões solapados no corpo, e entendimento.*

℟. *Libera nos Domine.* —

Mestre Pedro, Mestre Pedro, ou prepare-se para dizer muitas parvoices em todas as materias que tratar, ou entaõ estudar bem alguma, e deixar-se das outras. Isto, que V. m. chama Antifona, naõ he, nem foi nunca Antifona, isto he hum *versiculo* com a sua resposta. Era preciso, Mestre Pedro, estudar primeiro a *Lithurgia*; eu lhe digo o que isto he, porque a sua cabeça me dá trabalho em lhe fazer entender as coizas. A *Lithurgica* (disto houve Cadeira na Universidade) he huma Sciencia Ecclesiastica, que tem por objecto Ritos, Ceremonias, e todo o apparato externo do Culto a que nós chamamos Religiaõ, que em si he o Culto externo que se dá a Deos. Até em *Coimbra* houve huma Academia Lithurgica, de que ha bem attendiveis Memorias. Este apparato externo da Religiaõ he coiza respeitavel, e sagrada:

Religione Patrum multos servata per annos.

He coisa antiga, e de preço como aquelles moveis antigos, Leitos de pao santo torneados, Cadeiras de Moscovia, e Bancas de que ainda se servem os nossos bons Letrados. Com alguns conhecimentos de Lithurgica, podia V. m. saber que cóisa era Antifona, e naõ traçaria os objectos com tanta quebra, e menoscabo da sua taõ bem estabelecida reputaçaõ litteraria, já que em Politica he a coisa maior que se conhece em os nossos tempos. Sem a Mnemosine, que seria dos Gabinetes? Naõ teriaõ huma Ca-

deira em que se sentasse hum Conselheiro. No tal verso, e sua resposta, pede V. m. muito seriamente a Deos Senhor nosso, que nos livre dos aleijões solapados de corpo, e entendimento. *Libera nos Domine.* Ora, Mestre Pedro, tomára que nos entendessemos! Que coisa saõ estes aleijões *solapados*? Corcunda naõ póde ser; porque corcunda he huma alforjada prominente, e visivel. Corcunda solapada naõ dá novas della nem a Anatomia, nem a mesmissima Fysiologia de Haller. Como póde V. m. chamar corcunda ao merendeiro que naõ apparece? E depois disso, Mestre Pedro, que corcunda apparece, ou se devisa nos *Exorcismos*? Ser corcunda na sua accepçaõ, e na da canalha plebéa, he ser amigo de hum Governo Despotico; que naõ dê razaõ do seu dito, e do seu feito a ninguem; que obre conforme aos particulares caprichos, e naõ conforme as Leis estabelecidas; que se naõ embarace nem com os clamores, e vantagens da Naçaõ; que lhe sejaõ indifferentes todas as suas desgraças; que pela sua, naõ frouxidaõ, porém malicia, deixe ir tudo ao som d'agua, ou pela agua abaixo; que acarrete sobre hum Reino todos os males; que dê os empregos aos afilhados só, e aos apaixonados; que deixe sumir o dinheiro, sem se saber que fumos levou; que deixe ir cahindo a pedaços a Agricultura, o Commercio, a Navegaçaõ, a Industria, e que, como o Despotismo, teme sempre tombo, exercite huma Policia de *Argel*; que por dá cá aquella palha, logo fogueiras, sumidouros, Ilhas, e bico calado... Ora de tudo isto estamos nós livres como por hum encanto. V. m. chama Corcunda a quem deseja tudo isto; pois eu naõ, eu chamo-lhe tolo, porque só tolos, e bem toleirões podem desejar a sua desgraça, e chamarem liberdade ás cadêas de ferro, que nós soubemos despedaçar taõ heroicamente sem páo,

nem pedra, naõ havendo até ao presente hum só cachaçaõ bem puchado.

Quer V. m. que isto seja Carcundice, seja embora. Quer que seja Corcunda hum Governo arbitrario, que faça as coisas só porque as quer fazer, ou porque as póde fazer? Seja isto ser Corcunda. Mas chamar V. m. Corcunda na alma, e no corpo ao Author dos *Exorcismos*? Pois os *Exorcismos* saõ contra o Governo Constitucional, e Representativo? Ah! Mestre Pedro! Naõ confunda; huma coisa he madeira de caixa, outra he jacarandá; isto sabe V. m. melhor do que eu. Ser inimigo dos Periodicos, naõ he ser inimigo da Constituiçaõ, antes he ser mais seu amigo, porque está demonstrado, que os Periodicos dividem, e a Constituiçaõ une. Os Periodicos confundem, a Constituiçaõ illustra. Os Periodicos saõ obra sua, e dos seus Collegas, e isto basta, e a Constituiçaõ he o desvelo, o apuro, o trabalho, o resultado das mais eminentes cabeças, e abalizados engenhos de Portugal. Os Periodicos saõ todos huma salgalhada, a Constituiçaõ he a ordem por essencia. Os Periodicos saõ os filhos, ou os pais da mentira, a Constituiçaõ assenta sobre bases de eterna verdade, e sobre firmissimos principios de sempiterna justiça. Logo, quem he inimigo dos Periodicos, he o amigo nato da Constituiçaõ. Os Periodicos tem por fim apanhar dinheiro, e a Constituiçaõ tem por motivo a felicidade publica. Que aleijaõ póde V. m. encontrar nos *Exercismos*? Ora corra-lhe a Plaina, ou o Rebote, achará em toda a espinha dorsal huma superficie liza; porque he ser direito como hum fuso, e tezo como hum alho, conservar huma sempiterna zanga aos Periodicos. Bem Constitucional era o curador de *Braz Corcunda*, vomitado pelas ondas no Cáes do Sodré: veja cheio de compunçaõ o destino e o emprego que este Constitucio-

nal dá aos Periodicos, e se o quer presenciar com seus olhos, asseste a sua Luneta, vá para a porta do Passeio, chegue-se lá mais para as casinhas verdes, conhecerá o que esperava tambem, se a Mnemosine naõ fosse de papel taõ aspero, ainda que o quarto em que he feita já hia talhado para a obra, e cada Mnemosine dá dois, porque ás vezes a limpeza naõ se faz da primeira alimpaçaõ. Quando os *Exorcismos* anathematizaõ os Periodicos fazem hum grande serviço á Constituiçaõ, porque naõ estando, como andaõ com os Periodicos, as opiniões divididas, conservaõ-se os Cidadãos na unidade do assenso, e obediencia á suprema, radical, e eterna Lei, que vai fixar para sempre a ventura do seu estado politico. Eu vi n'hum Periodico hum ataque directo á prudente marcha do Governo, quando se lhe deitou em rosto o espérdicio do tempo que tinha feito, como se dar nova face a huma Naçaõ, fosse obra de espingarda, ou effeito de *Recipe* de Medico, que entre a purga e a morte naõ deixa huma unha negra! E he Corcunda, Mestre Pedro, no seu fraco bestunto, quem amaldiçoa os Periodicos? Dos *Exorcismos* nada tinha V. m. que dizer, pois bem conhece o espirito em que elles foraõ concedidos.

Mestre Pedro, quanto mais leio o seu inimitavel *Responso a Santo Antonio*, mais me cahem as faces no chaõ com vergonha de tanta parvoice, e de tanto insulto. Deixe repetir huma passagem deste escrito immortal a pag. 12, §. 3.º Trata-se nos *Exorcismos* de fazer a Apologia dos Frades em geral no artigo Literatura, que he coisa incontestavel; lembrome da Lingua Portugueza, e lembro os mais distinctos exemplares, omittindo muitos para evitar prolixidades, bastando, e sobejando a *Bibliotheca Lusitana*; advirtindo-se que eu fallo só de Frades, porque delles, e com elles queria provar alguma coisa.

Quiz provar que elles tinhaõ merecimento, mas naõ quiz provar que *só elles o tinhaõ*, que he coisa muito diversa. Eis-aqui pois o que V. m. diz, Sr. Mestre Pedro: = *Naõ sempre, Senhor Exorcista: naõ arrote tanto de Sabio, nem impe tanto de Literato..... Gabriel Pereira de Castro, Vasco Mosinho, &c. &c. &c. naõ tem Frei nem antes, nem depois, e saõ Mestres da Lingua Portugueza.* = O' Mestre Pedro, se eu dera a exclusiva aos Frades, tinha V. m. razaõ de apontar os outros, e em quanto a estes dois, sabe V. m., Mestre Pedro, de que seculo elles sejaõ, e em que estado estava já a Lingua Portugueza na Dominaçaõ dos Filippes de Castella? Naõ saberei eu, Mestre Pedro, que Frades, e naõ Frades aperfeiçoáraõ a Lingua? E se me quizera lembrar de Poetas, naõ teria que pôr em lugar de Gabriel hum Francisco de Andrade, Jeronymo Corte Real, e Fernaõ Alvares do Oriente? Eu naõ fazia Catalogos dos Mestres da Lingua Portugueza, dizia que muitos Frades o foraõ, para mostrar que os Frades a quem os Periodiqueiros (V. m. e seus camaradas) põem de rastos, servem para alguma coisa, e que, em Literatura, grandes serviços tem feito a esta Naçaõ, que V. m. agora tanto honra, e tanto illustra. Ora se hum homem de tantos doutos, e instruidos que tem Portugal presentemente, entrasse nesta discussaõ comigo, ainda que me dissesse alguma graça, eu o supportaria...... mas Mestre Pedro... he desventura! E será possivel, que para tudo se julgue authorizado hum homem, unicamente porque faz Periodicos para vender ao Povo todos os dias. O Leaõ enfermo naõ se queixou dos insultos dos outros animaes fortes, e generosos, só lhe custou o couce que lhe deo hum Burro. E falla-me em Historia Litteraria de Portugal, e a mim, hum homem, só porque em huma Carteira sahida da pare-

de póde eſtender *El Univerſal* — *La Miſcelanea* — e trasladar deſtes dois lençoes Caſtelhanos alguma coiſa para hum quarto de papel chamado a Mnemoſine! Mas elle tem com que ſe desforre, chamame *Corcunda*: menos me cuſta iſto, que depois de quarenta annos de eſtudo em coiſas de Portugal, fallar-me em Letras o Meſtre Pedro!!!

Oh! Que documento literario, e moral, podia eu produzir aqui contra V. m., Meſtre Pedro, em huma Carta do Correio, e de *Lisboa*, pois traz a marca de *Lisboa*! Bem empregado vintem, diſſe eu quando a recebi! Mas andará, como anda, na minha algibeira ſempre, porque ſó me importa com os eſcritos de Meſtre Pedro, como já lhe annunciei na minha primeira Carta. Vamos ao Reſponſo. E naõ o abro, baſta-me a ultima pagina virada para fóra.

Oremus.

Ora, que Oraçaõ ſerá eſta, e como ſerá concebida no tom de ſupplica! Se Meſtre Pedro ſoubeſſe o Padre Noſſo, naõ fazia eſta Oraçaõ; parece impoſſivel! Mas ella aqui eſtá tal e qual.

Cada hum ſe explica do modo que Deos lhe dá a entender, e o que devemos pedir-lhe todos os dias, he que ſe digne de conſervar a cada hum o ſeu eſtilo proprio, e naõ aquelle que mais ſe accommoda ao ar que mais aquenta.

Amen.

Tem vindo muitas revoluções á Terra, muitas revoluções a Portugal; aos filhos dos homens tem vindo muitas epidemias, muitas camadas de demencia; voltáraõ, e voltaráõ ainda ſeculos de barbaridade, e de eſtupidez; coiſa ſimilhante a eſta ainda

naõ appareceo! Olhem bem todos para o ar compungido, e termo fupplicante defta Oraçaõ, vejaõ como a inftancia he fervorofa: — *Cada hum fe explica do modo que Deos lhe dá a entender.* — Se Deos fe podeffe rir, he quando fe devia efcangalhar, e dizer-lhe: — Cala-te ahi, Meftre Pedro, e pede-me que te traga a falvamento a Charrua *Amazona* com boas pranchas de Vinhatico, e barrotes de Sicopira, para obras do teu officio, com que ganhes honradamente hum bocado de paõ para teus filhos, e naõ me faças cá Orações deffe feitio. — *Cada hum fe explica do modo que Deos lhe dá a entender.*

Aqui naõ eftá tudo. No Apocalipfe fe diz, que houve hum grande filencio no Ceo; e eu podia dizer, que houve no Ceo huma grande *zanga.* Com que? Com a fegunda Oraçaõ do *Refponfo* de Meftre Pedro. Ella ahi vai!!!

Oremus.

Cada hum fe explica, e anda do modo que Deos lhe dá a entender, e a caminhar, e o que devemos pedir-lhe todos os dias he, que fe digne de confervar a cada hum na direitura do efpirito, e do corpo, a fim de naõ ferem manifeftos os aleijões fyficos, e moraes, como defgraçadamente apparecem em muitos efcritos, porque da fua manifeftaçaõ póde provir perigo.

Amen.

Huma das tres coifas que faõ precifas para hum Chriftaõ fe falvar, he bem pedir; ora fe o bem pedir pertence ás Orações, e fe da boa Oraçaõ depen-

de o bom despacho, eu naõ sei que Deos lhe ha de dar, pedindo-lho V. m. desta maneira? *Oremus. Cada hum se explica, e anda do modo que Deos lhe dá a conhecer, e a caminhar.* — Fico taõ embasbacado, e embatucado com isto, que eu naõ sei que haja outro modo de impugnar, senaõ dizer a todos: — Ahi está a Oraçaõ de Mestre Pedro, divirtaõ-se com isso.

Deo agora o vento na folha, virou-a, e vejo, Mestre Pedro, a pag. 15 applicando textos Latinos aos seus pensamentos sublimes, com tanta propriedade como quem naõ entende Latim, nem entende o que diz: Que tem o *Si quæris miracula* de Santo Antonio com os *Exorcismos*! A Igreja diz: — *Fugite partes adversæ*; — a Igreja tambem diz: *Si quæris miracula*; logo pela sua Logica, Mestre Pedro, he Santo Antonio advogado contra o que diz a Igreja, e a Igreja opposta ao que se pede a Santo Antonio, tendo posto Santo Antonio sobre seus Altares; porque V. m. contra o *Fugite* applica o *Si quæris*. Isto nasce, Mestre Pedro, de V. m. naõ saber o que quer dizer — *Fugite*, nem o que quer dizer *Si quæris*. Os *Exorcismos* custaõ a tres vintens, diz V. m., pois Responso com elles: — *Si quæris miracula.* O' Mestre Pedro, o que está em nossa maõ, naõ se pede a Santo Antonio, naõ compre V. m. os *Exorcismos*, assim como eu nem dada quero a sua Mnemosine; mas dizer, — custaõ tres vintens, e depois arrumar-lhe o *Si quæris miracula*, isso he o mesmo que naõ saber o que quer significar o *Si quæris miracula*. Eu lho digo (V. m. dá-me trabalho por amor destas coizas!) *Se buscas, ou queres, ou desejas, ou pertendes milagres.* — Eis-aqui o significado da palavra. Ora, dizer V. m. — *Os Exorcismos custaõ tres vintens; se buscas milagres,* — he coiza, Mestre Pedro, que se naõ entende. Eu

naõ ſei que milagre ſeja cuſtarem duas folhas de papel impreſſas tres vintens, quando huma ſó o cuſta; e a como vaõ os Periodicos? A tres, e a tres e hum quarto, &c. O ſeu lá ſe tem conſervado a trinta réis; mas Paſſaros femeas naõ valem nada, porque nada cantaõ, e eu vejo que os rapazes lhes torcem o peſcoço, e as deitaõ para hum ſacco, quando eſtaõ armando aos Paſſaros. Se eu diſſeſſe: — A Mnemoſine cuſta trinta réis, pois entaõ Reſponſo com ella — *Si quæris miracula*, que apupada me naõ daria o Povo? Iſto he que ſaõ *aleijões mentaes*, de que Noſſo Senhor nos livre! Que coiza ſaõ *aleijões mentaes*? Saõ parvoices que nós dizemos, e eſcrevemos, ficando depois muito enchutos; iſto fez Meſtre Pedro; logo Meſtre Pedro tem aleijões mentaes.

As noſſas velhas, e os noſſos velhos de bom tempo, e de boa tempera, quando perdiaõ alguma coiza, ou lhes levava ſumiſſo, o ſeu primeiro recurſo era rezar o Reſponſo a Santo Antonio, e eſta era a ſua mais frequente applicaçaõ. V. m. perdeo alguma coiza? Veja bem, Meſtre Pedro. Naõ apalpe as algibeiras, bata na teſta, veja ſe com effeito alli acha coiza de menos; porque applicar o Reſponſo de Santo Antonio aos *Exorciſmos*, que diziaõ, fóra com tantos Periodicos, he falta de coiza, e para que V. naõ diga, que ſempre lhe eſtou fallando em madeira, lhe naõ digo, que he falta de aduella.

O fim da pagina 15 do ſeu famoſo Reſponſo a Santo Antonio he taõ fertil, taõ fecundo em coizas ſuas, que elle ſó me dará materia para muitas cartas, e a ſua leitura deſafogo aos que andaõ cançados de Periodicos. As ſuas graças, Meſtre Pedro, ſaõ a coiza mais deſconſolada, e triſte, que tem apparecido no Mundo. Eis-aqui huma apoſtrofe ſua, que encóva os — *Ex abruptos* — de Marco Tullio.

« Judicioso Chefe de familia, que acabando-se » o sal commum para arrumares o resto do touci- » nho na tua salgadeira, o acabaste de encamar com » o sal do *Fugite.* » Disto ninguem se ri, mas todos os que lerem isto, se haõ de rir de V. m. Acabou-se o sal *commum* para acabar de arrumar o toucinho na salgadeira, e o *judicioso Chefe* substituillo com o sal *moral* dos *Exorcismos*! O' Mestre Pedro, isto he huma desgraça! Estas idéas disparatadas, e entre si taõ oppostas, naõ parecem de huma cabeça como a sua essencialmente politica, dando-nos as combinações mais delicadas na profunda Mnemosine! Honrar-se-hia dellas o calculante *Pitt.* O *judicioso* Chefe de familia com trinta réis de sal, visto estar taõ barato pela pouca extracçaõ, acabava de entulhar a salgadeira de toucinho, e ainda lhe sobejava, e naõ deo muitas provas da sciencia economica em lhe substituir os *Exorcismos* que lhe custáraõ tres vintens. Mestre Pedro, quem se mette a dizer graças, naõ a tendo, faz que o Povo se ria, naõ das graças, mas de quem as diz; e em lugar de ficar engraçado, fica ridiculo.

Por mais que lhe tenho gritado, que se naõ metta a fallar do que naõ entende, naõ quer dar crédito á minha amizade. Hum bilhetinho seu que aqui mandasse, logo ficava sabendo quem era *Juvenal*, quem era *Zoilo*, e quem era *Cotin.* V. m. tira-se de máos cuidados, e tendo ouvido fallar nestes tres nomes, ajunta-os todos, e cuida que saõ a mesma coisa!! Eis-aqui as suas palavras: — *O beijinho da farinha da critica, a papa fina da satira, a menina dos olhos dos Juvenaes, dos Zoilos, dos Cotins, he o* = Fugite. = Ah! Mestre Pedro, juntar *Juvenal*, o mais sublime Moralista da antiguidade,

com *Zoilo*, e o pobre *Cotin* efcarnecido por *Boileau*, he o mefmo que grudar Magno, Gonçalo Alves, e Sebaftiaõ da Arruda, preciofiffimas madeiras, com Pinho da terra. He precifo eftudar, e eftudar muito antes de efcrever, porque o Publico, Meftre Pedro, o Publico tem caõ e guizo. Eu hia contando quarenta e cinco annos de idade, quando me fahi com os *Sebastianiftas*, affim mefmo veja o vendaval de Sudoefte, que fe levantou. He precifo muito cuidado, e naõ fe deixar efcorregar com eftas, e eu finto tudo aquillo que cede em defabono dos meus amigos, nem quero que digaõ graças a huma peffoa da minha correfpondencia, como *V. m. &c.*

Huma das coifas, que mais me chegou ao vivo na minha vida, foi huma maligna applicaçaõ da hiftoria de hum Sacriftaõ Francez á fua peffoa, e ifto depois de V. m. fe haver declarado Efcriptor publico regenerativo. He o cafo: lia-fe huma das fuas Mnemofines em huma Sociedade de Eftadiftas, que todos de boca aberta admiravaõ o Salomaõ das noticias; era aquella Mnemofine em que V. m. faz a pathetica, e fublime expofiçaõ dos relevantes ferviços, que V. m. diz que tem feito á Patria. Lopo Vaz de Sampayo naõ diffe mais, nem podia dizer mais, quando fe aprefentou na Cafa da Supplicaçaõ prefidida por ElRei D. Joaõ III. Fallava de fi, e das coifas da India naquella portentofa Oraçaõ feita por elle, ou em nome delle por Manoel de Faria e Soufa. Grandes ferviços, Meftre Pedro, grandes ferviços! Mas que era ifto em comparaçaõ dos ferviços de Meftre Pedro feitos á Patria! Que he dilatar e conférvar o Imperio da Afia como fez Lopo Vaz, quando fe compara com o primeiro ferviço feito á Patria por Pedro verdadeiramente o Pedro Grande! Ifto diziaõ todos, quando na frente dos feus ferviços víraõ o primeiro: = *Quando cá eftavaõ*

os Francezes, ou nas vesperas de darem ás trancas, eu pintei huma Bandeira para a Policia, que me tinha encommendado o Tenente Fialho, a quem a entreguei sem ninguem saber. = Isto considerado como serviço á Patria, que quer dizer? Quer dizer, que se naõ fosse aquella Bandeira, pintada por V. m., a Policia naõ deitava fóra os Francezes, e assentáraõ todos que a expulsaõ se deveo á Bandeira pintada por Mestre Pedro. Foi entaõ que eu ouvi fazer a maligna applicaçaõ da historia do Sacristaõ Francez. Convem a saber: sahia immenso povo de huma Igreja de Pariz, onde acabava de ouvir hum Sermaõ daquelles immortaes Sermões, que os Francezes ouviaõ a Bourdaloue, e Massillon, e a outros muitos; o Sacristaõ que estava no Adro a pedir importunamente, como elles costumaõ, para as Almas, ao passar de hum magote que hia louvando o Sermaõ, e o Prégador, (talvez fosse a Guerrilha), disse para os do magote, (continuando sempre com o = Quem se lembra das bemditas Almas? =) Gostáraõ, Senhores, do Prégador, e mais do Sermaõ? Pois a mim mo devem, porque fui eu quem tocou o sino ao Sermaõ, e sempre queria ver como Vv. mm. cá vinhaõ se naõ ouvissem as badaladas! Custou-me isto, Mestre Pedro, quanto lhe naõ sei dizer!

Devo concluir esta carta para lhe naõ roubar, com a sua extensaõ, o tempo que lhe he preciso para as suas literarias tarefas: e por isto atarracho esta com a passagem mais notavel do seu Responso a Santo Antonio, que vem a ser a *advertencia aos Senhores que fazem Periodicos.* Eis-aqui as suas palavras: —

„ Como acho muito extravagante a criti-
„ ca severa contra a industria, *que ta-*
„ *citamente se recommenda na nossa Ora-*
„ *çaõ Dominical*; porque o = Panem

„ noſtrum quotidianum = *naõ cabe do*
„ *Ceo*, ganha-ſe na terra, bom ſerá que
„ ſe valhaõ das ſeguintes preces:
℣. Do Author dos Exorciſmos.
„ *Libera nos Domine.*
„ Rezada a Ladainha contra Tormentas,
„ e Tempeſtades, entôem-ſe eſtes verſi-
„ culos. „

Iſto he huma melgueira de coizas, tal, que ſe naõ podem eſmiuçar todas neſta minha ſegunda carta; mas os Correios ſaõ regulares, e eu naõ hei de faltar em ſaber da ſua ſaude. Vejo em primeiro lugar huma ſalgalhada de profanações dos ritos, preces, e ceremonias ſagradas da Religiaõ, que ſó podem achar deſculpa na craſſa, e ſupina ignorancia de quem as diz. A Ladainha de todos os Santos, em que ſe óra a Deos pelos ſeus mais Sagrados Myſterios, empregada em Periodicos, e Periodiqueiros ..... Meſtre Pedro, as coizas ſantas devem-ſe tratar ſantamente: iſto he peior que pedir Vaſco da Gama auxilio ao Padre Eterno, e acodir-lhe Venus, e as Ninfas nuas, e cruas. Vamos á ſupplica:

℣. Do Author dos Exorciſmos.
℟. Libera nos Domine.

Nas inſtrucções que V. m. dá aos *Senhóres* que fazem Periodicos lhes aconſelha, e manda, que peçaõ a Deos que os livre do Author dos *Exorciſmos*. Iſto he dar a conhecer que lhes dóe o cabello aos Periodiqueiros, quando ſe trata *do Exorciſmador*; pedem a Deos que o leve para ſi, e que deſejaõ vêr-ſe livres delle!!! Aqui anda carta encoberta! Manda-lhes que rezem a Ladainha contra tormentas, e tempeſtades, e que depois da devota reza *entôem* os verſiculos apontados no ſeu Ritual de Reſponſos!... Máo! Todos conhecem por eſte ſeu inſinuado recurſo, que o *Exorciſmador* he huma tor-

menta, e huma tempeſtade ſôlta em cima dos Periodiqueiros. Pede-ſe na Ladainha, que ſe apartem os furacões para longe, naõ deſabe em cima da gente algum raio. V. m. naõ ſe cança em pedir nas ſuas Ladainhas, Verſiculos, Antifonas, e Reſponſos, que ſe aparta para longe o raio dos *Exorciſmos*, o que pede a Deos he que o livre do Author dos *Exorciſmos*.

℣. *Do Author* dos Exerciſmos.

℞. Libera nos Domine.

Tem razaõ, Meſtre Pedro, porque em quanto deſte Mundo ſe naõ for o Author dos *Exorciſmos*, tem, e terá V. m. hum caõ de fila filado nas orelhas, que ſem dar huma ſó dentada na ſua peſſoa, naõ deixará de noite, e de dia de eſpatifar o ſeu Reſponſo; elle ſó baſta para huma perpetua correſpondencia; e haverá carta que leve maior *P. S.* que os Correios de Londres, porque depois de me perſuadir, que tenho dito tudo, no contexto da Epiſtola com qualquer palavra do Reſponſo, verei que ainda me reſta muito que dizer. Tal he a ſeára dellas que a cada pagina encontro.

Forno do Tijolo 22 de Abril de 1821.

De V. m.
Amigo

José Agoſtinho de Macedo.

P. S.

Eſquecia-me tratar de hum negocio importante; e que pede promptas providencias; já diſſe a V. m. na minha de 24 do preterito, que deſde o momento em que as eſquinas gemêraõ com o ſeu Annuncio honroſo, ſe me offerecêraõ grandes peças moraes, e eraõ dadas, nem premio tinhaõ, porém valiaõ muito pelo feitio, e até algumas eraõ de pezo, e até de conſciencia; eu as naõ quiz, nem quero: agora depois da publicaçaõ da minha de 24, deraõ na fina, mandaõ-me eſtas joias pelo Correio como levo aqui apontado de huma ſó; e Sabbado 21 hindo ao Correio achei lá baſtantes, e iſto de pórtes, para taõ eſcuſada materia, he coiza inſoffrivel; quero que me faça hum favor para ajuntar aos mais que lhe devo, que vem a ſer, hum aviſo na ſua Mnemoſine, que he papel que anda por toda a parte, em que peça aos Senhores remettedores de Documentos, que lhos remettaõ a V. m. e naõ a mim, que além de me naõ importar com as vidas alheias, importa-me com os portes. Saudades a todos em geral, e aos *meninos* em particular; hum abraço muito apertado ao noſſo Padre Cura, que lhe deſejo hum bom folar, e a Deos que o Correio parte. Até á primeira.

CARTA TERCEIRA

ESCRITA AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CARVOÉ,

Mestre examinado do Officio de Carpinteiro de Moveis:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,

PRESBITERO SECULAR E PREGADOR DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

Ecce iterum Crispinus, et est mihi sæpe vocandus
In partes . . . . .

Outra vez vem á scena o graõ Crispino,
E mil vezes por mim será citado.
Juvenal.

LISBOA:

NA OFFIC. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impressor do Conselho de Guerra.
Com licença da Commissaõ da Censura.

1821.

ADVERTENCIA PREVIA.

Conheço que a palavra — *Mente* — he forte, e he dura, mas a quem descaradamente — *mente* — parece que naõ ha outra para se lhe retroquir, senaõ a mesma. Por isso peço de antemaõ aos Leitores a sua tolerancia, porque onde quer que nesta carta se usar della, haõ de conhecer com evidencia a sua indispensavel necessidade. Todo o homem he mentiroso por natureza, diz a Escritura — *Omnis homo mendax.* — Pedro he homem, logo Pedro he mentiroso (Pedro aqui he para designar homem.) Mas quando, naõ pela qualidade de homem, mas por malicia, ha hum homem que minta, naõ se deve escandalisar de lhe dizerem — *Mente.* —

Amigo.

GRaças ao Deſtino! Foi propicio; vejo letras ſuas na minha maõ, e deſvaneceo-ſe o meu extremo cuidado, porque me tinhaõ dito, que V. m. eſtava com principio de hum esfalfamento, pois aos ſeus diarios, e multiplicados trabalhos, eſtudos, e applicações litterarias, de que tantas vantagens, e ſoccorros tem tirado a noſſa Patria na ſua feliz regeneraçaõ, ſendo V. m. para ella o fóco da luz politica, tinha ajuntado immenſas caminhadas tirando pelas Freguezias de Lisboa as certidões das minhas deſobrigas (creio que me quer caſar) podendo V. m. poupar o trabalho das correriás dirigindo-ſe á Freguezia dos Anjos, onde ſou domiciliario ha quinze annos, e alli podia V. m. ver pela ſerie nunca interrompida dos ſeus róes, que eu cumpro com os deveres de Catholico, e que naõ por cumprir, mas por conſciencia deſempenho todas as obrigações do Catholiciſmo. *Eu nunca fui accuſado á Inquiſiçaõ, nem lá eſtava o meu nome, Meſtre Pedro!* V. m. andava neſta lida para combater os meus eſcritos, porque era hum argumento que naõ tinha reſpoſta, como ſaõ todos os da ſua Logica. = *V. m. naõ ſe deſobrigou? Logo o Oriente, e a Meditaçaõ, a Verdade, o Homem, e o Eſpectador naõ preſtaõ para nada.* = Eſte argumento tenho eu aqui eſcrito da ſua

letra, Meſtre Pedro, porque eſcandaliſado da alluſaõ que V. m. meſmo fez do dito de Voltaire ao ſeu Cabelleireiro, que fazia Tragedias = Meſtre Pedro, faze cabelleiras = fez a patifa reſpoſta, que lhe cortáraõ na Cenſura, e V. m. com a raiva de ma naõ poder fazer ver impreſſa, aqui ma enviou manuſcrita, e aqui eſtá da ſua letra, que vem a ſer, como tudo ſeu, copias, e repetições do infame libello impreſſo em Inglaterra. Deixemos por ora iſto, que naõ eſquece, e virá a ſeu tempo. Ora como me diziaõ, que V. m. corria as quarenta Freguezias da Cidade em buſca das deſobrigas, e he pezado, e corpulento, aſſentei que lhe tinha ſobrevindo algum ataque de peito, ou de cabeça, e que por iſſo me naõ dava novas ſuas, o que eu muito ſentia, mas agora eſtou deſcançado. Appareceo a ſua urbana reſpoſta, naquelle tom moderado, que he taõ proprio do ſeu caracter; eu deſejo uniformarme ao ſeu eſtilo. Só me cuſta, e cuſtará ver-me obrigado a uſar da palavra — *Mente* —; mas entre amigos naõ deve haver deſconfiança, e depois diſſo, quem naõ quer ſer lobo naõ lhe viſta a pelle, e ſe V. m. naõ goſtar que ſe lhe diga — *Mente* — em amizade, naõ mentiſſe. Quero dar-lhe hum deſconto, e vem a ſer, que as faltas de verdade naſcêraõ de duas coizas, de ignorancia, e de eſquecimento, naõ ſeja tudo malicia, nem velhacaria; mas vamos á obra núa, e crúa, que eu naõ goſto nem de franjas, nem de folhagens.

Diz V. m., *que eu Leaõ, pizara o gozo, que he V. m., ſem que o gozo fizeſſe mal!* Pag. 1.ª Primeira mentira, ou engano, ou ignorancia, ou Meſtre Pedro. A pizadella, de que V. m. ſe queixa, he do dito do Encyclopedico ſobre o Cabelleireiro de Voltaire. — Meſtre Pedro, para que põe V. m. eſta cabelleira, ou carapuça na ſua cabeça? Pois ella he

ſó para V. m.? E naõ póde ſer para outros? A quantos actuaes Periodiqueiros ſe póde apropriar o dito de Voltaire = *Meſtre Pedro, faze cabelleiras?* = Que maior razaõ tem V. m. para chimpar na ſua cabeça eſta carapuça do que tem o *Meſtre Artiſta*, o mais deſdichado de todos os Entes Periodiqueiros? Que maior razaõ tem V. m. para cobrir as orelhas com eſte caparaõ, do que tem o *Meſtre Amigo*, e *Sentinella*, que nunca ſabe o que diz, nem os Leitores ſabem o que elle quer dizer? A V. m, a eſtes, e a outros muitos diz a razaõ o que diſſe Voltaire ao ſeu Cabelleireiro: = Meſtre Pedro, faze cabelleiras. = E porque razaõ o ha de V. m. apropriar excluſivamente a ſi? Entaõ ainda eſtamos no tempo dos contractos excluſivos? Naõ ſe póde fallar em Pedro, que V. m. ſe naõ dê por offendido, e ultrajado! Senhor Pedro, o que ſe diz no Encyclopedico he huma carapuça commum, e V. m. falta á verdade quando diz, que ſó para V. m. ſe fez. Ora ſeja mais verdadeiro, e menos ambicioſo, naõ queira tudo para ſi. Se V. m. he Author de huma coiza de Theatro, chamada e dita — *A tomada da Praça da Figueira* — entaõ V. m. ſe declara, porque as — *Pateadas* — o naõ deſignaõ. Em quanto ao caritativo acompanhamento, que ao homem deſmaiado com a *Pateada* fizeraõ os Cabeças de páo, iſſo he proprio da caridade deſta corporaçaõ, e inda em cima V. m. ſe dá por offendido? Se acaſo foi V. m., iſſo naõ ſabia eu, e elles fizeraõ o que deviaõ, porque acudiraõ neſſe caſo a hum homem do ſeu meſmo officio, porque ſe V. m. diz, que faz móveis ao Loreto, elles tambem os fazem na calçada do Garcia.

Temos viſto que em ſe fallando neſte Mundo em *Pedro*, naõ ha mais Pedros que V. m. Deſde creança que oiço fallar em Pedro de Malas-Artes, e até julgo, que ha Hiſtoria, ou Romance eſcrito

= Pedro de Malas-Artes, = e delle se contaõ mil casos galantes, e me lembra, que em pequeno, me contavaõ aquelle caso da *bofetada* (V. m. ha de saber este caso.) Foi Pedro de Malas-Artes a huma casa de companhia, porque elle era muito goloso de bolos, e chá; a casa estava cheia de Senhoras vestidas de paninho: que faz Pedro de Malas-Artes? dá hum assopro magico nas luzes, fica tudo ás escuras; entra o Pedro de Malas-Artes a fazer das suas; eu creio que era apanhar mais bolos sem ninguem o ver: quando, por máo peccado, hum dos que andavaõ tambem nas trévas, em lugar de apanhar bolos, apanhou a immensa cara de Pedro de Malas-Artes, e lhe impingio tamanha bofetada, que por muitos tempos naõ appareceo o Pedro das malas, porque os vergões dos dedos naõ se queriaõ apagar nem fugir da bochecha esbofeteada. Como agora tem prosperado tanto o ramo de industria, que se chama *escrever*, *e imprimir* a torto, e a direito, se alguem se lembrasse de imprimir este caso, só para negocio, vinha V. m. n'outro dia gritando na Mnemosine, que se atacava a sua pessoa, porque o seu nome he *Pedro*. He preciso chrismallo, isto assim naõ está bom. Se hum Mestre de Grammatica Latina dêr para fazer, a hum seu Menino, esta Oraçaõ: — Pedro ama a Deos — *Petrus amat Deum*, — começa V. m. a gritar, que naõ ha tal, e que he huma personalidade, e que nunca tal fez, e que disso guarda documentos que se podem ir ver á sua loja N.° 9. Ninguem conte mais historias de Pedro de Malas-Artes; porque V. m. logo lhe leva huma injuria.

Diz V. m. na sua, §. 2.° = *Vamos a coizas atrazadas para cahirmos nas proximos.* Que tem *os escritos de Camões para V. m. lhe chamar o Poeta torto?* = Outra mentira, Mestre Pedro, e esta nasce da sua crassissima ignorancia da nossa Historia

Litteraria. Quem chamou a Camões — Poeta torto — naõ fui eu, foi Diogo Camacho, ou de Sousa, natural da Villa de Pereira, na sua = *Jornada ás Côrtes do Parnaso*: =

Hum Luiz de Camões *Poeta torto*,
Poeta até ao embigo, os baixos prosa.

Veja, Mestre Pedro, se nas horas vagas se póde instruir mais alguma coiza para naõ mentir, e dar em tudo taõ vergonhosas cincas. Se *Pato* he appellido, he tirado da Ave rasteira — *Pato* —, e naõ he crime cozinhar cada hum esta Ave *Pato* como quizer; figados, e moela saõ entranhas desse animal, podem ser assadas, e de fricacé. Aqui ha tempos antes do negro — *Mestre Pedro faze cabelleiras* — (Pomo da nossa discordia!) me disse V. m. ao Chiado, diante do amigo Rocha, que o *Espectador era huma obra immortal*! assim mesmo! Agora chama-lhe enforcadora do *Pato*. O que saõ os homens!

Mestre Pedro, nós sempre havemos de ter rezingas por amor da Logica. O seu atrazamento nesta arte he escandaloso, e nestas coizas de dize tu, direi eu, precisa-se de muito sentido em Logica. Vamos ás suas palavras. = « Que tem com a bondade de hum meu Drama ser eu gordo, e marcineiro para me dizer =

Da milagrosa Santa Catharina
O pai bojudo de cadeiras mestre? »

Mestre Pedro, onde lhe digo eu, que a *Santa Catharina* do Theatro he má, porque V. m. he o *pai bojudo*? Que injuria lhe faço em lhe chamar Mestre de cadeiras (de Cadeira naõ) se cadeiras saõ moveis feitos naquelle Officio de que V. m. se diz Mestre examinado, e naõ se diria se V. m naõ tivesse a sua Carta de exame? Se eu dissesse — O Drama Santa Catharina naõ presta, porque quem o

fez, he o *pai bojudo*, tinha razaõ: mas se eu o naõ digo, para que mente?

Mestre Pedro, he Fado, temos de andar aos cachações por amor da Logica. Eis-aqui o que V. m. diz a folhas 5 da sua ultima: = *Eu digo-lhe que lhe hei de fallar dos seus escritos, e do espirito com que V. m. os escreveo, e quando para provar o seu espirito, me for preciso auxiliar com os seus manuscritos, hei de transferillos ao publico.* = Oh! meu intimo amigo! Pois se o escrito está impresso, para se conhecer o *espirito* com que se escreveo, que necessidade ha do manuscrito? Pela sua Logica o manuscrito he huma coiza, o impresso he outra, entaõ saõ duas coizas diversas! O espirito de huma naõ he o espirito da outra, e vá cada huma por sua vez! Isto he pôr a cabeceira do leito para os pés! Logica, Pedro, Logica ! ! ! Vamos a mais, na mesma pagina. = *Aquillo a que V. m. chama tundas, e todo o mundo insultos naõ me amedrontaõ, nem me fazem móssa.* = Naõ quero aqui usar do proloquio que acaba — *todo o mundo he seu* — mas sempre direi, he boa dureza de cabeça! Nem páo ferro! Nada lhe faz móssa! Nada, nada! He muito! Nada lhe faz móssa ! ! ! !

Diz V. m. nesta fertil pagina, que Pato, cujos figados foraõ guizados — *exerce hum ministerio honroso*; naõ duvido. Mas diga-me, Meste Pedro, quem foi o primeiro designado para elle? Diga-o, se V. m. poder ser sincero, e diga tambem com a sua manuscritada, e documentos legaes que tem na sua *loja*, se o primeiro designado para o tal honroso ministerio era ou naõ era capaz de o desempenhar? E diga tambem por que se naõ realisou a primeira designaçaõ para o Ministerio, a pezar de estar já decretada.

Entremos em coizas mais importantes, e he che-

gada a occasiaõ de rebater huma das atrozes calumnias com que muitos patifes de dentro, e de fóra deste Reino me tem enxovalhado. Eis-aqui as suas palavras, que saõ as delles: = *V. m., escudado de protecções, disse em outro tempo quanto quiz, e quantos quizeraõ responder-lhe, víraõ-se na precisaõ de imprimir fóra do Reino* = Ora eis-aqui como V. m. falla, e elles fallárao; porém eu os vou esmagar por huma vez. Apparecêraõ os *Sebastianistas.* Diga-me onde imprimio Pato, e onde imprimio Rocha os seus insultos, injurias, e vilipendios na chamada Analyse? Em Lisboa. Onde imprimio Pato, onde imprimio Loureiro o injurioso Exame critico do Gama? Em Lisboa. Onde imprimio Pato o seu infame, e nunca feito Parallelo das *Lusiadas* com o *Oriente*? Em Lisboa. Onde imprimio Pato os atrocissimos insultos contra mim, e contra o Redactor da Gazeta, espalhados em successivos numeros do Observador Portuguez? Em Lisboa. Onde imprimio Couto o que elle intitulou a *Materialeira de Couto*? Em Lisboa. Onde imprimio Couto o infame papel intitulado — *O Doutor Halliday*? Em Lisboa. Onde imprimio Couto a sua Analyse brevissima do Oriente, que lhe rendeo tantas palmatoadas? Em Lisboa. Onde imprimio Couto o injurioso Folheto intitulado — *Regras da Oratoria da Cadeira* — que lhe rendeo o Livro chamado — O Couto? — Em Lisboa. Onde imprimio V. m. o que fez *Costinha* contra mim? Em Lisboa. Eu teceria hum Catalogo infinito se quizesse produzir tudo o que contra mim se tem impresso em Lisboa; e eu com as protecções que nunca tive, nem quero ter, porque antes viver do meu insano trabalho, ou morrer de fome, que beijar no .... a nenhum soberbo, e insolente; se queria responder, ficava tudo encalhado, e supprimido no Despotismo do Desembargo sem appel-

laçaõ. Se algum homem tinha desculpa, e razaõ para imprimir fóra, era eu, e nunca o quiz fazer, porque eu nunca fiz senaõ o que se deve fazer: agora tem apparecido muitas coizas supprimidas, porque estamos no imperio da equidade. = *Víraõ-se na precisaõ de imprimir fóra do Reino.* = O que, Senhor Pedro? As patifarias inseridas no Correio Braziliense, e os dois estimadissimos escritos por V. m. O *Feitiço do Frade de S. Domingos*, e a *Agostinheira de Pato*, de que V. m. me deo a primeira noticia, dizendo-me ao pé do Adro do Loreto, *que os versos naõ prestavaõ*, *que eraõ errados*, *coisas do Pato.* — E queria V. m. que isto se imprimisse em Lisboa? Entaõ, se isto cá se consentisse, tambem se poderia imprimir o *Systema da Natureza.* Responda a isto, Mestre Pedro. Mas que ha de V. m. responder, se V. m. diz o que se segue a pag. 6. linha 3.?

« Se he naõ pequeno serviço feito á Republica » das letras, mostrar que taes, e taes composições » saõ más; mostrar que o espirito das taes composições tambem he máo, naõ será hum serviço feito á Republica dos homens? » Com effeito, Mestre Pedro, he onde póde chegar o apuro do raciocinio humano! As obras que saõ más, como podem ter espirito bom? E se as obras saõ boas, como podem ter espirito máo? Temos ahi em Francez huma alluviaõ de Livros chamados Espiritos; Espirito de Nicole, Espirito de Montagne, Espirito de La Motte Le Vayer, Espirito de Leibnitz, e este he o melhor, porque naõ he fundido. Saõ passagens inteiras deste, e daquelle Livro do Filosofo. Se V. m. quer fazer isto, favor me faz, as obras naõ saõ poucas, dê dellas hum Espirito, assim como até ha Espirito dos Jornaes, e seja isto para huma só Republica: se a obra he má para a Republica das Le-

tras, seja tambem para esta Republica o Espirito da obra: mas a obra má para a Republica das letras, e o Espirito máo para a Republica dos homens!! Grande economia he a sua! Como sabe repartir! Ambas as Republicas ficaõ contentes com o que V. m. ha de fazer. He o *Judicioso Chefe de familia com a salgadeira de toucinho salgado com o Fugite*! Olhe quando V. m. for dar o tempero á moça, que lasquinha taõ pequenina lhe naõ dará, se até das minhas miserias quer repartir para duas Republicas, a das letras que naõ tem homens, e a dos homens que naõ tem letras!!

Tudo isto nasce, Mestre Pedro, de V. m. naõ saber o que diz, nem o que as palavras significaõ. Eu o quero ajudar, e de graça, assim como V. m. queria que eu lhe prégasse o Sermaõ; mas os de Béja em seculo nenhum provárão de tolos. V. m. certamente toma a palavra *Espirito* naõ pelo extracto da obra, mas pela *Intençaõ* com que ella foi feita, e esta má intençaõ he a que V. m. quer denunciar á Republica dos homens! Dar-se-ha caso que V. m. naõ continuasse o estudo no Maia, por ser muito *accusa* Christos? Nós o veremos lá pelo meio desta com a Esquadra do bloqueio, e eu já o sabia por Pedro José Constancio, que Deos tem. Ora pois vamos lá, tome sentido. Pega V. m. no Poema *Oriente*, e mostra com a sua critica, que naõ presta para nada, e entrega isto á Republica das letras. Depois mostra que a intençaõ desta obra fôra abater a gloria Nacinal, e escurecer os mais illustres Feitos dos seus Heróes, e aquellas quasi incriveis proezas, que immortalizáraõ o nome Portuguez, e entrega tudo isto á Republica dos homens. Mas acho-lhe sua difficuldade, porque das nossas intençóes só Deos póde conhecer. O Poema da *Meditaçaõ* tem por objecto mostrar a Existencia de Deos, pela contempla-

ção das maravilhas da Natureza; V. m. mostrará que não presta, que os versos são errados, que o estilo he frouxo, que a marcha he incerta, que o plano he defeituoso, que a execução he pessima; pega nisto tudo, e o entrega á Républica das Letras; e depois mostra, que a minha *intenção* he estabelecer, e propagar o Atheismo, e entrega isto á Républica dos homens. Mas como se ha de provar huma coiza, e outra? Para a primeira he preciso ser hum bom critico, e profundamente douto; para a segunda he preciso ser Deos, ou homem a quem Deos o revele. Com que ha de V. m. supprir huma, e outra coiza? V. m. o diz.

» *Eu para provar o Espirito dos seus*
» *Escritos, hei de tirar Certidões, At-*
» *testações, Reconhecimentos de como*
» *são estrahidos da sua letra.*

O' Mestre Pedro, que diabo he isto? Que quer isto dizer? Que espirito he o seu? Eu já vou percebendo. Isso que V. m. diz, não são os escritos que correm impressos, porque se elles levão o meu nome para que são certidões de que são extrahidos da minha letra? Que medo he este que a sua malignidade nos quer metter? Cuidará a gente que he alguma conspiração contra o Estado, algum plano de ruina, e exterminio do genero humano; cuidará alguem que eu escrevi aos Cossacos, e a esses papões do Dom, e do Volga, com que nos andão assustando, que lhe entreguei a V. m. a carta para lha remetter, quando mandasse vir alguma madeira de Riga! Nada disto; será alguma satyra, *v. g.* o Enterro dos Periodicos antigos &c. Isso não prova que eu seja o Author, ainda que esteja na minha letra, porque V. m. sempre pedia os originaes para dar copia: lembra-se? . . . . Ora dado, e não concedido, nem confessado, que tudo isso que V. m. diz que

tem, e quér moſtrar, he meu, que prova iſſo? Que eu ſou hum homem máo, mais criminoſo que Bonaparte, mais ſanguinario que Fouchet de Nantes? *Concedo totum*, e que ainda ſou peior. Que prova iſſo? Que os meus eſcritos ſaõ máos, e que V. m. no que eſcreve naõ diz parvoice nenhuma? Se he eſta a ſua Logica, bem prova que he a Logica de Meſtre Pedro.

Quem me mandou a mim ſer tolo? Foi V. m. quem me pedio que lhe fizeſſe as Decimas ſatyricas contra M. D. M. C., que ſe aſſenta nas ſuas cadeiras, e que começaõ aſſim

Teu pai, teu avô, teu tio
M. P. D. M. . . . .
Foi natural d'outra banda
E de lá foi para o Rio &c.

Se V. m. negar iſto, entaõ Meſtre Pedro. . . . e eu ſempre calado, ouvindo ſeus féros, e ameaços, que põe a gente em perplexidade.

As duas citações, que V. m. faz a pag. 6 e 7 da ſua, ſaõ mentiroſas. Os da camaradagem ahi eſtaõ, ſe hum vive em Abrantes, eſtá vivo, e era incapaz diſſo, e queria-lhe tanto, que ſe envergonhava de V. m. ſe ir aſſentar á meza do café. Mas ſerei quanto dizem as cartas, ſegue-ſe que V. m. naõ diz parvoices no *Reſponſo* ou *Reſponſorio*, como V. m. diz; e que tudo quanto eu componho para nada preſta? Logica do meu honrado Meſtre Pedro!

Chegamos á mais galante tolice (perdoe Meſtre Pedro) que ſe tem eſcrito no Mundo, que he o §. 2.º da pag. 7 da ſua ultima. Naõ tenho mais remedio que citar as ſuas memoraveis palavras.

„ Note-ſe que na meſma ſemana da publica-
„ çaõ da ſua carta, que foi na Segunda feira
„ Santa 16 de Abril, na qual me dá a deno-
„ minaçaõ de Meſtre, recorda a Igreja o ter

„ Judas dado a meſma denominação áquelle
„ a quem atraiçoou. „

Coitadinho do meu Meſtre Pedro! Puerilidade aſſim ainda naõ lembrou a ninguem! Fica V. m. obrigado a mandar aos ſeus Aprendizes, que deſde Domingo de Ramos até Domingo de Paſcoa lhe naõ chamem Meſtre, para elles naõ ſerem Judas, nem V. m. Chriſto. Os rapazes da eſcola tambem devem ter bico calado neſſa ſemanà a reſpeito da palavra *Meſtre*, ſob pena de ficarem Judas, e o Meſtre — Chriſto. Se V. m. olhaſſe para a data da minha primeira de 24 de Março, poupava V. m. o trabalho de me fazer Judas, e de ſe fazer Chriſto. Que tenho eu com o tempo da impreſſaõ, e com o dia em que o Editor põe as coizas á venda? Sento-me, faço o manuſcrito, ſentado o dou *dado* a quem o quer, e naõ tenho delle mais novas, nem mandado ſenaõ quando paſſados tempos me mandaõ por deſcargo de conſciencia algum exemplar a caſa, que eu naõ coſtumo ler; eſtes ſaõ os negocios dos meus impreſſos, e julga V. m., como Meſtre Pedro, circumſtancia taõ agravante publicar o Editor a carta na Segunda feira da Semana Santa, que até o lembra no frontiſpicio da ſua reſpoſta, como quem quer mover a indignaçaõ e compaixaõ do Mundo, que dirá: = Ora he onde póde chegar! Na Semana Santa, em que até ſe perdôa aos meſmos Réos, huma toza deſtas ſem piedade! He de mais!! Valha-me Deos, dizia eu! Para que poz Meſtre Pedro no roſto da ſua o dia em que ſahio a minha? Atinei. Mas aquillo era huma carta a hum amigo, e na Semana Santa tambem ha Correios. Vamos ao §. 3.° deſta pag., que he famoſo!

Senhor Pedro, eraõ eſcuſadas as miudezas em que vou entrar, mas como V. m. naõ faz mais que copiar as infames notas da ſatyra de Pato impreſſa

em Inglaterra, he preciſo que eu o deſabuſe, e ao Publico. Se alguma coiſa ſei, he *Latim*: aos doze annos de idade, ſó com hum anno de eſtudo na Aula da Congregaçaõ do Oratorio, o Padre Meſtre Joſé de Azevedo, entaõ digniſſimo Profeſſor, me fez *Dictador* da Aula, conforme os noſſos antigos, e ſaudoſos coſtumes Eſcolaſticos; ſentou-me em baixo da ſua Cadeira, e foraõ meus Decuriados (eſtaõ vivos) Miguel Antonio de Mello, Joſé Franciſco Braamcamp, o Marquez de Sabugoſa, e o Prior de S. Juliaõ, e alli me mandava (aos doze annos de idade) explicar Fedro, Cornelio Nepote, e Terencio. Aos dezeſeis annos, depois do eſtudo de Filoſofia racional com o Padre Meſtre Joaquim de Foios, tomei o habito de Santo Agoſtinho, e foi o meu examinador de Latim o Padre Meſtre Fr. Manoel de Santa Gertrudes, que apenas me ouvio ler huma Elegia de Ovidio, e huma pagina de Quinto Curcio, ſe levantou como aſſombrado, porque eu repetia a Elegia de cór, e expliquei hum ponto duvidoſo em Geografia antiga, citando Cellario, aos dezeſeis annos. Eis-aqui a minha reprovaçaõ. O Doutor Fr. Antonio de S. Luiz nunca foi nem Meſtre, nem Examinador de Grammatica. Só patifes, imprimindo fóra, podem publicar ſimilhantes infamias com taõ calva contradicçaõ como V. m. vai ouvir. Para entrar Religioſo, he preciſo o exame de Grammatica Latina, e o ſignal de ficar approvado, he entrar; eu entrei, logo, &c. Tenho fallado em miudezas, com que naõ devia gaſtar tempo. Eu naõ ſei Latim? Iſto ſó o póde dizer hum Marcineiro! Aqui naõ poſſo reprimir hum acto de ſoberba! Eu naõ ſei Latim? O Biſpo de Béja, *Cenaculo*, martelou hum dia, e huma noite na ſua Livraria em Béja para entender literalmente huma paſſagem de Eſtacio na Dedicatoria do Poema a Domiciano, (e naõ a entendeo.) Ei-la:

Licet arctior omnes
Limes agat ſtellas, et te plaga lucida Cœli
Pleiadum Boreæque, et hiulci fulminis expers
Solicitet; licet ignipedum frenator æquorum
Ipſe tuis alte radiantem crinibus arcum
Imprimat, aut magni cedat tibi Juppiter æqua
Parte poli; maneas hominum contentus habenis,
Undarum terræque potens, et ſidera dones.

O Cardeal Bentivoglio, Traductor de Eſtacio com o nome de Selvaggio Porpora, naõ ſe atreveo com iſto, e omittio a Dedicatoria. Atinei eu, Meſtre Pedro, e veja ſe os aſſignantes da Mnemoſine lhe mettem dente; tenho reſpondido ao ſeu inſulto, já que ſe fez ecco de Pato, ſem ſaber o que diz. Vamos ao reſto do ſeu §. 3. « V. m. que confeſſou » naõ ſaber Grego, naõ criticou a traducçaõ do *Se-* » *nhor* Joſé Maria da Coſta e Silva dos primeiros » Livros da Iliada de Homero? » Ah! Meſtre Pedro! Pois Coſtinha traduzio de Grego para Portuguez? Iſto he Mentira, traduzio da traducçaõ Italiana de Antonio Maria Salvini, e eu naõ fallei na fidelidade da traducçaõ, fallei na cancaborrada dos verſos. Ahi eſtá impreſſo o Dialogo — Homero, e Camões — *Fallei no Longivibruo*, *Auritrouada*, *Quinquedentados*, e outras porcarias deſtas. Tambem eu naõ entendo de Verſos, Meſtre Pedro? Se Antonio Ribeiro dos Santos vai para o Norte nas Odes, e eu para o Sul, dê V. m. a razaõ porque vai aquelle para o Norte, e porque vou eu para o Sul. Mandame V. m. que dê a razaõ porque naõ imprimi o 2.º volume da traducçaõ completa de Horacio. Manda, Meſtre Pedro! Meſtre mandar, Marinheiro fazer. Peguei no Manuſcrito da inteira traducçaõ, dei-o *dado*, como coſtumo, a Fr. Joſé Mariano Veloſo, Director da Calcografica-Tipo-plaſtica do Arco do Cego, e ſem eſtar correcta, imprime metade, e a ou-

tra metade abalou com ella para o Rio de Janeiro. Lá morreo, vá V. m. lá buſcalla entre as ſuas Floras Fluminenſes.

Ora eſtar eu dando contas da minha vida a Meſtre Pedro! O peior que V. m. tem, he fallar na mofina Logica. = E a Logica, Sñr. Padre? = Onde eſtá Meſtre Pedro? Em V. m. naõ a encontro, por mais que barafuſto? Eu naõ faço a apologia das obras que V. m. apontou, ſem moſtrar porque eraõ más; confeſſa que o ouvio dizer, e iſto baſta, porque V. m. per ſi naõ póde dizer nada; eu pergunto-lhe porque naõ apontou as outras? Nada, a iſto naõ reſponde V. m., vai com a ſua por diante, imprime as obras de Coſtinha, que fez do Poeta *Triſſino* hum Cardeal.

V. m. ás vezes tem graça ás carradas. Diz V. m. coizas no §. 2.° da pag. 8. que fariaõ mijar de rizo o meſmo Miſanthropo Timaõ Athenienſe. Eu tambem, que me naõ coſtumo arreganhar muito, naõ me contive, e foi hum eſtrondo em mim por todas as partes quando V. m., ao virar para a pag. 9, diz que o Eſtado o deve deixar reſponder ao que eu lhe diſſer, para ſe moſtrar *equitativo*, *porque recebe o producto dos maneios*, *decimas*, *direitos de madeiras que na loja conſumo*, *direitos dos moveis que vaõ para fóra do Reino.* = Com que, como V. m. paga o maneio, devem-lhe dar licença para me deſcompôr, como fez na inſolente carta da Mnemoſine de 19 de Março, (lá iremos) e faz neſta ſua, que muito eſtimo, e prezo, por me dar a certeza da ſua boa ſaude, e dos meninos. Depois da manifeſtaçaõ dos motivos, por que o Eſtado o deve deixar dizer mal de mim, que com effeito ſaõ os mais fortes, pergunta-me V. m., que recebe o Eſtado de mim? E eu pergunto-lhe a V. m., que recebo eu do Eſtado? Todos os meus bens ſe reduzem a hum Tinteiro,

bem o maneio, ou meneio eu, naõ he preciſo pagar mais maneios. Entaõ que mais tenho eu? Tenho-lhe a V. m. muito boa vontade. Quer V. m. que eu pague décima dos Sermões? Venhaõ dez, que eu darei cinco, mas ſe naõ vier nenhum, Meſtre Pedro, de que hei de eu pagar decima, ou meneio? Ora pois, dê graças a Dèos ſe tem de que pagar décima, e Direitos, e nunca inſulte a deſgraça, nem o infortunio ſoffrido com tanta Filoſofia, que nunca o mundo ouvio, nem ouvirá huma queixa. Naõ ha coiza melhor para acabar a fome, que a meſma fome, e a morte, Meſtre Pedro, he o maior preſente da Natureza. Eſta ſeriedade, naõ he para V. m., he para Portugal. Torno a V. m., como devo; e com effeito eſta pag. 9, e §. 1.° he a coiza mais fertil dellas que V. m. tem feito! Cada huma dá hum volume. Ei-la a primeira = *V. m. que nem ſequer quiz ſer o Prégador na Feſtividade da Inſtalaçaõ das Cortes!* = Eis-aqui porque eu preveni os Leitores com a advertencia prévia, ſobre a indiſpenſavel palavra — *Mente.* — V. m. uſa em muitos lugares deſta ſua, da circumlocuçaõ de — *faltar á verdade*; — eu ſou menos politico, e mais groſſeiro, e uſo do termo ſimples, que vem a ſer — *Mente*: — leva menos letras, e he mais bonito. Quatro dias antes do dia aprazado para a Feſtividade, que era o dia ſeis de Janeiro, ſe me encommendou o Sermaõ, que acceitei, e fiz, e tanto o acceitei que deixei o que neſſe dia tinha na Igreja do Campo Grande; naõ ſe fez no dia ſeis, e eu com o Sermaõ feito me diſpuz para quando foſſe: eis-que apparece bem defronte da ſua loja N. 9 o Edital revoltoſo, revolucionario, e revoltante, eis ſe mandaõ cartas anonymas a grandes peſſoas com ameaças de morte, e deſordens dentro do Templo da Sé, ſe eu foſſe o Prégador, e aſſentou a prudencia de hum grande homem, que ſe en-

commendasse o Sermaõ a diverso; andou por muitos, que o naõ quizeraõ, até que hum o quiz; estes naõ quizeraõ, eu quiz, apenas me nomeáraõ. Eu o fiz em dois dias, alli está até que ahi á porta appareça alguem que o queira imprimir, a quem o dê *dado*. Parece-me que o naõ posso desmentir mais claramente, Mestre Pedro! Que tem que dizer a isto? Quiz prégar, ou naõ quiz pregar? Veja *se nem sequer*!

« *V. m. que sendo o Poeta de Kutusof o Forte,*
» *e de D. Fulana a meiga, nem huma quadrinha*
» *compoz á nossa Regeneraçaõ, nem aos nossos Re-*
» *generadores.* » Aqui naõ mente, e mente V. m.; eu me explico: he verdade que naõ compuz *Quadrinha*, porque o objecto merecia mais alguma coiza; mas mente, em dizer que nada compuz. Queria V. m. que eu fosse recitar para o Theatro? Ainda que de certo, nem as pérnas me haviaõ cambalear, nem a voz entramelar-se; porque estou costumado a ver gente diante de mim, naõ me quiz expôr a ser chamado, naõ á *ordem*, mas á *Enchó*; entende, Mestre Pedro? Lá se recitáraõ muitos versos, que eu fiz, e me pedíraõ, antes de V. m. ser chamado a tal coiza que levo dita. Como V. m. he muito theatral, talvez que lá ouvisse entre muitos mais, os versos que começavaõ: —

» Raiou no Ceo de Lysia hum dia d'ouro;
» Surge a luz outra vez d'antiga gloria;
» Tem nome, Portugal, hoje he qual fora,
» Quando do Tejo aos terminos do Mundo
» Levava seu poder, seu Throno alçava......

e acabava: —

» Salve da Patria Pais, da Patria amigos &c.

Como V. m. he taõ curioso de guardar monumentos da minha letra, que tanto conhece, se quizer este documento original, mande aqui hum

aprendiz, que eu lho remetto para juntar aos mais. V. m. naõ mentiria se dissesse, que eu naõ fui a Sacavem; mas as seges, Mestre Pedro, as seges..... trataremos em carta separada deste grande serviço, que V. m. fizera á Patria, alugando de meias. O §. 2.° desta pagina contém huma coiza, que eu naõ entendo: eu traslado as suas palavras para me naõ enganar. = « Artilheria grossa, ha de ser da-» quella que V. m. havia de ir buscar á esquadra » Ingleza, que no meado de Fevereiro veio blo-» quear o Porto de Lisboa, de modo que naõ dei-» xou sahir nem hum catraio; essa naõ me ha de » offender assim como a esquadra naõ offendeo aos » partidarios da Constituiçaõ. » = V. m. devia explicar isto melhor. Se V. m. vio a esquadra Ingleza, eu naõ a vi, nem della tive noticia; se me quer impurrar esse dito a mim, entaõ tenha paciencia, soffra que lhe chame aquillo mesmo que na seguinte pag. me chama, *Calumniador*. Para V. m. affirmar que este dito era meu, convinha que mo ouvisse, isto naõ aconteceo, porque eu nem lhe fallo, nem tal tençaõ tenho; e a minha communicaçaõ com V. m. só he, e será por escrito, porque em quanto estes dedos se poderem mexer, e houver quem queira imprimir o que eu escrever, creia que o naõ hei de deixar em quanto ahi por essa porta naõ apontarem os Padres Camillos. Se V. m. me quer calumniar com esquadras Inglezas para me fazer odioso, e até suspeito, he tarde, meu amigo, essas bichas já naõ pegaõ. Como V. m. he averiguador, e expositor de *espiritos*, póde conhecer até por estas cartas qual seja o meu espirito politico, ou como sinta a respeito da necessaria reforma deste Reino; e o amor da Patria naõ consiste em ir a Sacavem n'huma sege de aluguer.

Cita V. m. humas palavras da minha primeira;

que saõ estas? — *Pois em Maio de 1820 já estava entre nós estabelecido o systema Constitucional?* Sim, Senhor, e ainda o pergunto. Que raras saõ as illações da sua Logica, Mestre Pedro!!! Eilas aqui. — „ Naõ estava, he muita verdade; mas por naõ es-„ tar, deve-se motejar da Constituiçaõ politica? „ — Onde está o motejo, Mestre Pedro? Para que mente V. m.? A pag. 10 he huma continuada aleivosia, a resposta devia ser outra; mas de V. m. que se póde esperar, quando nem em Portuguez se póde, ou sabe explicar. = *Naõ continua V. m. a tratar a Constituiçaõ de ridicula, fazendo-lhe a comparaçaõ com o Alcoraõ?* = Mente, onde faço eu essa comparaçaõ? A huma criminaçaõ destas, ajunta-se-lhe a prova, citaõ-se as palavras, e escrupulosamente, produzem-se os documentos que a legalizem. V. m. he o verdadeiro calumniador, e só com esta passagem mentirosa, e affrontosa dava V. m. motivo á quarta demanda; mas esta pena tambem he justiça, e publicando todo o negrume da sua bella alma, profere huma sentença. Pondere-se bem a malicia, e atrocidade deste ataque = *V. m. compara a Constituiçaõ politica com o Alcoraõ de Mafoma.* = Onde digo eu isto? Appareça, appareça, appareça, e em quanto naõ apparecer o Publico, fará justiça a Mestre Pedro.

Conta-nos V. m. nesta pagina 10 a historia de hum Sermaõ prégado no Porto, e livremente diz, que as suas notas se me referem, isto tinha huma grande resposta, mas naõ se póde dar a Mestre Pedro; porque a naõ entende, nem Mestre Pedro, nem o pequeno Prégador citado sabem fazer distincçaõ de Filosofia, e crimes da Filosofia, e destes he que se trata no Sermaõ, que se prégou em Lisboa a 22 de Julho de 1814, que se imprimio; destes he que se trata em hum maravilhoso Sermaõ impresso, e prégado em Coimbra pelo Ex.mo e R.mo Senhor Arce-

bispo da Bahia na Capella da Universidade, a 6 de Janeiro; em ambos estes Sermões verá V. m., e o Senhor Reverendo do Porto, que coiza saõ os erros, e os abusos da Filosofia, e que tiveraõ parte na effusaõ de sangue, que taõ horrorosa nos tornou a Revoluçaõ Franceza: e se o tal Padre do Porto entende Francez, leia o Discurso que em dia de Pascoa prégou em París o Arcebispo de Tours, sobre o restabelecimento da Religiaõ em 1802. Mas estar com estas coizas a Mestre Pedro, he deitar perolas a porcos.

Quer, Mestre Pedro, que lhe diga onde V. m. louva o Desembargo do Paço? Onde lhe dá os dois mais classificados epithetos, que se lhe podem dar? Eu lho digo; a pag. 8 do seu Responso. = *Hum taõ sabio, e conspicuo Tribunal, como o Desembargo do Paço* = Saõ estas palavras suas, Snr. Pedro? Ora se V. m. diz na pag. 11. *que anda vigilante em me desmentir*, tambem eu nesta pagina lhe digo com muita vigilancia, e urbanidade, que *mente*; e para isto preveni a meus Leitores. Eu naõ sei o que V. m. teve com o Desembargo na sua velha Mnemosine, o certo he, que me disse que em vendo hum Desembargador do Paço, via o *Diabo*.

Ora, Mestre Pedro, chegáraõ-me os meus peccados a ponto de altercações de regateiras, com as suas respostas, com os seus insultos, e com os seus ataques Eu chamo-lhe *vilhaquete*, e V. m. tinha-me chamado *patifinho*. Mnemosine de Segunda feira 19 de Março: « *Ah! Patifinho! Perdoa me a expressaõ, que he de amizade*; » e queixa-se!

§. 2.° da pag. 12. Eu o vou moer, Mestre Pedro. Diz V. m. que a scena da Clotilde com o filho era boa, e que a Comedia era má; concedo tudo isso: mas para que diz que eu lhe pedíra que a louvasse? Naõ minta, Mestre Pedro, que he coiza que

eftá muito mal aos Literatos, como V. m. Eu fó o arguî da *chicana*, com que V. m. mette no efcuro humas coizas, e falla das outras. Fallou da Zaida, porque naõ fallou de Branca de Rofis? Ifto he que merece o nome de embrulhador. A refpeito da Pateada a Clotilde, tambem he mentira, elhe que fe equivoca com *Tramacia* do feu amigo Pato. Porém lânce V. m. a vifta pelo Tratado elementar das Pateadas, lá achará tambem — a Pateada *comprada*, e V. m. fabe melhor que ninguem como iflo fe faz....

No §. 3.° da mefma pagina me faz V. m. duas arguições, huma he filha da fua ignorancia, outra da fua impertinencia. V. m. confunde ignorantemente a pintura do Frade, feu Cenfor, com a pintura de hum ou outro Frade peralvilho, e cita eftas palavras do N.° 20 do Defapprovador pag. 159. — *Frades indignos defte refpeitavel nome, porque muitos o naõ honraõ, nem o defempenhaõ.* — Eis aqui agora a fua *Logica.* = « Frades eftá no fingular, ou plural? » Frades he unico? » = Ifto dava lugar a hum Tratado efpecial de *Mifcria*, como fe efcreveo para Couto! Huma coiza he no Defapprovador, a pintura deftes, ou daquelles Frades que nós vemos por ahi como huns Valdevinos, que ainda que fejaõ dois, ou duzentos, naõ provaõ que *todos* faõ máos, e outra coiza he a pintura de hum Difinidor, ou Vifitador que pafleia de Leigo á ilharga, e outra coiza he o pedido retrato do feu Cen or, a quem eu dei a applaudida, e copiada refpofta por V. m. para a collecçaõ dos feus documentos. Se lhe fingí calva luzidia, e óculos fixos, V. m. bem fabe que os Retratos fempre fe favorecem, e aquelles dois accidentes de calva, e oculos fempre tornaõ mais refpeitavel hum Capitulante. Entende agora, Snr. Pedro? E V. m. mal agradecido, por lhe ter favorecido tanto o feu retrato! Acafo ouvio V. m. da minha boca a

promeſſa das *Eſquadras de bloqueio* com que me quer provar a pag 13 que eu ſou corcunda? Entaõ ſe o naõ ouvio da minha boca, naõ ſeja calumniador. Naõ levante falſos teſtemunhos, que com elles nem moſtra as parvoices dos meus eſcritos, nem juſtifica as dos ſeus! Seja corcunda como eu ſou, como me retrato na minha primeira Carta, como me retratei na Conceiçaõ Nova em Domingo da Paſcoella, no meſmo dia na Igreja do Reſgate, e a 3 de Maio na de S. Juliaõ, entaõ ſerá homem de bem, cidadaõ pacifico, e honrado, naõ terá demandas injuſtas, naõ ameaçará ninguem com a infame declaraçaõ de monumentos, que guarda, e naõ andará ridiculamente pelas Freguezias ſabendo ſe os mais ſe deſobrigaõ, para provar com hum dos Mandamentos da Santa Madre Igreja, que ſaõ máos os verſos, e peiores as prozas deſte, ou daquelle individuo: ſe acha os eſcritos máos, faça o que eu fiz a Camões. Cenſure-os com modeſtia, com juizo, e com conhecimentos de litteratura, em que he hum miſeravel leigo, e profundamente ignorante. Naõ ſe torne a Fabula dos ſeus concidadãos, pelo oſtentoſo orgulho litterario da *redacçaõ* da Mnemoſine, porque traslada deſta, ou daquella Folha Caſtelhana, eſte, ou aquelle artigo, taõ intereſſante para a noſſa juſta cauſa, como o da Mnemoſine 39, de 8 de Março de 1821, em que diz: *No Convento de Aranzazu hum Frade puxou de huma navalha, e ferio mortalmente o Guardiaõ* (El Univerſal idem). Que quer V. m. que diga Lisboa, e diga o Reino todo quando ler a pagina 13, e 14 da ſua carta que V. m. he o *Monteſquieu* Portuguez!!! Oiçamos as mais deſtampadas expreſſões, que ainda ſahíraõ da boca humana = *Haviaõ no mundo Leis, e ſahio Monteſquieu com a publicaçaõ do Eſpirito das Leis. Ha Eſcritos de V. m., eu ſahirei com a publicaçaõ do Eſpirito dos ſeus Eſ-*

critos. Montesquieu he louvado porque o fez bem, eu espero sello, &c.

Seria preciso ser mais que Montesquieu, para entrar no Espirito desta sua.... o que? Nem eu sei como lhe chame; chamar-lhe-hei como V. m. diz que se chama, Mestre Pedro: e direi, aqui está Pedro Montesquieu. Ora os insultos de Mestre Pedro, as suas certidões, denuncias, e personalidades saõ para Portugal, o mesmo que he para a Europa, e para o Mundo inteiro o livro original, e immortal de Montesquieu, que se intitula — *O Espirito das Leis.* — De sorte que para V. m., Senhor Mestre Pedro, dizer — este homem he máo, naõ se confessa, naõ jejùa, naõ ouve Missa; logo, tudo quanto elle escreve tambem he máo; he o mesmo que ser Montesquieu, e dar ao Mundo civilisado huma producçaõ tal como o *Espirito das Leis.*

Póvos da Terra, devia eu exclamar, Póvos da Terra, Montesquieu naõ morreo, este homem taõ capaz de ser hum Legislador, e mudar a face politica das Nações Européas, este homem assombro dos mais profundos Inglezes, e eruditos Alemães, naõ morreo, tem loja de móveis no largo do Loreto N.° 9. Alli está com seu chapéo na cabeça sentado n'hum môcho; de hum lado se divisa huma carteira, que parece parida da parede; d'outro lado cadeiras heterogeneas para os amigos se assentarem; de hum immenso papel que está em cima da carteira, e se intitula — *Miscelanea* — se vê sahir, e apontar a cabeça da Mnemosine e progressivamente todo o corpo até ao rabo. Em cima está pintada por elle huma Allegoria dos Genios do tempo, cada hum delles com trinta réis na maõ, esperando o bom successo do parto para levar cada hum delles a sua cria. Em huma grande tarja, com letras do tamanho das

do Jofé Corcunda, eftá efte letreiro bem mal applicado

Per me Reges regnant, et Legum Conditores, jufta decernunt.

" Eu faço reinar os Reis, e feguindo-me a mim os que fazem as Leis, mandaráõ, e determinaráõ coizas juftas. " — Diga-me agora o meu efpecial amigo, fe eu naõ tiro retratos ao natural! A Deos até ao Correio da femana que vem, e fe eu no Geral tiver algumas cartas, que lhe digaõ refpeito, lá lhas deixarei na loja, para feu governo.

Amigo intimo

Jofé Agoftinho de Macedo.

P. S.

Se V. m. fizer mais feiras de caridade publica em que a maõ efquerda fabe muito bem o que faz a direita, e achar algum amigo, que lhe prégue de graça, aproveite-o, que eu naõ poffo.

CARTA QUARTA,

ESCRITA AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CAVROÉ,

Mestre de Moveis,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

In te omnis domus inclinata recumbit.
Em teus hombros descança a Patria toda.
Virgilio.

LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.

ANNO 1821.

Com Licença da Commisão de Censura.

Amigo honrado.

Para descrever dignamente as virtudes de Agricola, e os serviços que elle fez á Patria, foi precisa a penna de hum Cornelio Tacito, e só esta podia levantar o permanente troféo á memoria eterna de tão grande Varão. He com effeito a vida de Agricola, que nos deixou o Historiador Filosofo, hum dos mais preciosos monumentos, que temos de Antiguidade; nas virtudes, e serviços patrioticos deste homem, se admira retratada toda a grandeza, e magnificencia Romana. De tão grande Heróe só podia ser Pintor hum Tacito, igualando-se assim a valentia do original com o esplendor da cópia: mas se o quadro dos serviços de Agricola foi obra da mão de Tacito, quantos Cornelios, Mestre Pedro, serião precisos para esboçarem só a grandeza dos serviços que V.m. fez, e faz á nossa Patria naquellas épocas de oscillação, e convulsão, em que ella parece que apoia todo o seu pezo nos largos, e robustos hombros de V. m.? Que digo eu Cornelios Tacitos? Ainda que se juntassem as pennas dos Livios, dos Velleios Paterculos, dos Sallustios, dos Curcios, e dos Nepotes, todas serião fracas para tamanha empreza: eu lanço as minhas vistas ainda para cousas mais altas, e esquecendo-me entre nós dos Osorios, dos Barros, dos Farias, e dos Jacinthos Freires, só me posso lembrar dos vigorosos pinceis, e dos apontados burís dos grandes Historiografos de Cosme manhoso, de Bertoldo, e de seu filho Ber-

toldinho; mas estes mesmos, que nos conservão no meio de huma luz indeficiente as virtudes, e os serviços dos seus Heróes, não poderião tanto, e o caso sería absolutamente desesperado, se V. m. mesmo não quizesse ser o Historiador de si mesmo, dignando-se de rasgar hum pouco o véo da sua modestia (mais eminente virtude entre as muitas que o afformosêão) para nos fazer admirar o quadro espantoso dos seus serviços feitos á Patria; serviços, por certo, que tanto tem contribuido para a levar ao alto gráo de esplendor, em que agora a vemos, e admiramos. Isto não he em V. m. huma acção de vaidade; he imitar, e seguir o exemplo dos grandes homens da antiga, e moderna idade. Os Testamentos Politicos de Richelieu, e de Alberoni o justificão a V. m., sem ser preciso que me lembre de Cesar, que escreveo elle mesmo os seus Commentarios, e de Alonso de Ercilla, que quiz ser o cantor do seu mesmo Heroismo naquelle somnifero Poema, que se chama *Araucana*. Entre nós o Grande D. João de Castro escreveo suas proprias viagens, vitorias, e conquistas; o proprio Malhão de Obidos não quiz deixar o seu credito em mãos alheias. Mas que são os Commentarios destes grandes homens quando os cotejo, e comparo com a Mnemosine N.° 39 na Quarta feira 8 de Novembro de 1820, anno primeiro da nossa Regeneração Politica? Aqui, aqui, aqui, Mestre Pedro, me vejo eu obrigado a exclamar com o nosso torto, e grande Camões:

Cesse tudo o que a antiga Musa Canta;
Que outro valor mais alto se levanta!!

Toda a cambada dos antigos Historiadores, toda a récua dos modernos Panegyristas de si mesmos desapparece, e se eclipsa á vista do quadro da tal Mnemosine N.° 39. Que he Thucydides, quan-

do descreve a Peste do Peloponeso, comparado com V. m., quando na sobredita Mnemosine nos dá pelas ventas com o recheio dos seus serviços? Não cuide V. m. que eu os comparo com a Peste do Peloponeso, nem que os metto debaixo dos grandes homens de Plutarco: elles não se podem comparar senão comsigo mesmos. O grande Nicoláo Machiavelo se immortalizou menos pelo livro, que intitulou *Principe*, do que pelos seus Discursos Filosoficos, e Politicos sobre as primeiras Decadas de Tito Livio; e bem se sabe a immortalidade que conseguio Quebedo com a vida, e serviços do *Grão Tacão*. V. m., Sr. Mestre Pedro, tem já nas mãos a Posteridade, e já póde dizer que he sua, como disse Bocage ao receber a Odezinha de Filinto; e eu, para entrar na posse secundaria da mesma Fama, me unirei por meus discursos Filosoficos, como Machiavelo que sou, ao quadro que V. m. de si mesmo traça na Mnemosine 39, como o tal Secretario de Florença se unio ás Decadas de Tito Livio, e vivirei como a debil, e flexivel Hera, encostado a essa robusta Palma. Sei que V. m. se afflige com ironias, e o melhor he deixar-me dellas. Fallo sério, não ha cousa como os seus serviços na Mnemosine; e quando eu me lembro dos exemplos allegados, considero-me na razão inversa de Ovidio, quando disse — se he licito usar de exemplos grandes em cousas pequenas, — e digo: se he licito usar dos allegados exemplos pequenos em cousas tão grandes, como os seus serviços da Mnemosine 39.

Com effeito, Mestre Pedro, eu caio em perfeita pasmaceira, quando chego ao Perystilo do grande Palacio, em que V. m. guarda os quadros dos seus serviços, como Dido no Templo de Carthago os quadros das batalhas de Troia.

Illiacas ex ordine pugnas.

As batalhas de Troia em ordem postas.

Só posso achar imagens em Virgilio: *Panduntur portae*, escancárão-se as portas.

Patet alti Janua Ditis.

Abre-se a porta do infernal Diabo.

Esta porta he hum Periodiqueiro Castelhano, chamado *El Universal* de 26 de Outubro, como V. m. diz, e eis-aqui as palavras que V. m. lhe usurpa, a que eu chamo o Portico do Templo da sua immortalidade nos seus serviços feitos á Patria.

" Ha occasiões em que a maledicencia obri-
" ga o homem *mais modesto* a apresentar-se
" a seus Concidadãos com a relação de seus
" *meritos* na mão, para perguntar a seus ini-
" migos sem temor de que o desmintão, se
" elles tem feito outro tanto a favor da Pa-
" tria? " *Eu colloco-me na mesma situação,*
" *e apresento-me ao Publico com o seguinte*
" *rol.*

Ahi se começa a Patria a enternecer ao ver tal filho, e ao ler tal rol! Ah! Mestre Pedro, tambem nos da roupa çuja vem interessantes artigos de rodilhas, pannos de cozinha, e apontoados!!

Serviço Primeiro.

(Advertencia preliminar.)

Em todos os serviços, que Mestre Pedro fez, faz, e ha de fazer á Patria, sempre se descobre huma cousa mui louvavel, que he a sua propria conveniencia, especialmente pecuniaria. — Vamos pois ao primeiro.

" Quando em Agosto de 1808 se intentou fa-
" zer huma revolução para expulsar os Francezes

" (*a* 21 *de Agosto forão elles espatifados de todo* " *no Vimeiro*), eu pintei huma Bandeira, e a " entreguei ao Tenente da Policia Romão José " Fialho. —

Anda cá, Condestavel. Fizeste tu acaso mais serviços a Portugal do que fez Mestre Pedro pintando huma Bandeira, e entregando-a ao Fialho? E tu, Affonso, lá por Ormuz, Gòa, e Malaca, foste acaso mais benemerito da Patria com tuas espantosas victorias, e conquistas, e com teu genio tão politico, como guerreiro, do que he, e foi Mestre Pedro com a sua Bandeira pintada? Mas neste 1.° serviço sempre descubro algum artigo secreto com o Quartel Mestre da Policia sobre despezas de tintas, e amanhos, ainda que pela mão d'obra V. m. não quizesse levar nada. Ora não adivinho, Mestre Pedro? V.m. não gosta de trabalhar muito para a Cidade, nem para o Bispo. Olhe, Mestre Pedro, se V. m. não levou nada ao Fialho pela Bandeira, he impossivel que não levasse alguma cousa pelo preparo do páo; porque o jornal do official he imprescriptivel, na loja sempre ficou alguma cousa; fez V. m. muito bem, eu lho approvo, fez o que eu fiz com o Sermão da Caridade, porque não está mal á gente viver cada hum do seu officio. Se lhe encommendassem huma Bandeira para o Cirio da Peninha, V. m. não tem obrigação de trabalhar de graça para as Forçureiras, que são gordas, e tem cada cordão, que Deos nos acuda! Mas apontar por serviço feito á Patria a pintura da Bandeirinha não he de homem generoso, nem de hum litterato, que, tão visto como V. m. nas Historias do Reino, conhece melhor que ninguem os serviços, que tantos Varões assignalados lhe fizerão, e estão fazendo sem se lembrarem de fazer rol, e apresentarem-se com

élle na mão, como hum titulo do respeito presente, e da immortalidade futura. Ora se V. m. nos não fallasse deste serviço, ninguem o sabía; porque de certo a Bandeira não foi a horas de servir; ficou na arrecadação, ou iria ao concurso do premio grande da Pintura no Atheneo das Artes de París; mas ha por ahi más lingoas, que disserão que a vírão n'huma barraca de iscas na feira do Campo Grande, logo á entrada da parte direita. Eu não creio.

Serviço Segundo.

" Sendo multado em seiscentos mil réis, não os
" paguei. "

Se foi no tempo dos Francezes, eu não sei como V. m. escapou; porque havia por ahi Ministrinho tão zeloso da gloria de Bonaparte, e da nossa ventura, que não deixou ir pela malha nem o terceiro Terço. Mas que serviço he este feito á Patria, se V. m. ficou com os seiscentos mil réis sem os escarrar para alli com lingoa de palmo? Com que faz V. m. hum grande serviço á Patria em metter em si, e arrecadar muito bem o seu dinheiro? Destes serviços lhe desejão fazer muitos, e effectivamente lhos fazem. Não torne mais a fazer destas, Mestre Pedro; se he tão Patriota, que todo V. m. he Patria, mexa-se, mexa-se, e vá sacudindo os balhestos, que ha muita precisão delles. Quem pudéra fazer outro tanto! Ora pois, como a Patria sabe agora que V.m. arrecadou, e metteo em si os seiscentos mil réis, ella lho agradeçará! Que serviço!!!

Serviço Terceiro.

" Mulctou-me a Real Junta do Commercio em du-
" zentos mil réis, e no anno seguinte em cem;
" lá estão as verbas de que satisfiz estas duas
" quantias."

Neste serviço houve couza, e eu já ouvi rosnar a respeito das taes verbas, e parece-me que a V. m. mesmo. Seja o que for; mas como Nicoláo Machiavelo fez suas reflexões sobre as Decadas de Tito Livio, tambem eu as faço sobre as Decadas mais importantes dos seus serviços. Convém a saber. Para V. m. dar claras mostras do seu Patriotismo, sempre he preciso que o mulctem; de maneira que se não viesse a mulcta, V. m. não apparecia com cinco réis. Mais bonito era que sem lhe vir a mulcta, ou a coima, V. m. espontaneamente abrisse os seus cofres fortes, e fosse pondo ao olho do Sol aquelles batalhões de cartuxame, que na Bastilha da sua burra estão ferrolhados ha tantos annos, ainda que sem perigo de se constiparem ao ar, com manifeto detrimento da Patria no meio de seus actuaes apuros. O verdadeiro serviço he huma acção espontanea; mas dar a gente por sua alma o Mouro que se não póde haver, isto não he hum serviço que mereça a penna do Escriptor. Por certo V. m. o não allegaria, se á porta da sua loja N.º 9 não apparecessem dous serafins de Meirinhos da Junta do Commercio, que com o rol das fintas na mão lhe não dissessem qual era a sua. Eu não posso constituir a finta obrigatoria na classe dos serviços salvadores da Patria.

Serviço Quarto.

" Celebrou a feliz Restauração o Theatro Nacional
" da Rua dos Condes, e por tres dias deo espe-
" ctaculo gratuito. Representou-se a Comedia *A*
" *Batalha do Salado*; gratuitamente a dei tambem
" nestes tres dias. Expressamente a compuz para
" mostrar que, assim como Portugal soccorrendo
" a Hespanha havia derrotado os Mouros, era de
" esperar então, unindo-se, igual resultado contra
" os Francezes, que ainda a dominavão, *como se*
" *tinha seguido a completa expulsão dos Mouros da*
" *Hespanha* . . . . . .

Ora, Mestre Pedro, isto nem se póde chamar hum serviço chocho; que vantagem tira a Patria de lhe não pagarem tres noites os Comicos da Rua dos Condes? Quem ficou com o dinheiro das tres *Recitas* foi a Patria, ou forão os Comicos? Elles he que ficárão lambendo os beiços, tomárão elles lá mais; mas a pobre Patria vio dahi alguns cinco reis no seu Thesouro Publico? Ora eu já por lá andei; mas não estou lembrado. Aqui para nós, quanto era cada *Recita*? Hum quartinho. Com effeito! He hum grande serviço feito á Patria ficarem os Comicos com 3600 rs. mais na algibeira! Ora quando o buril da Historia, tão bem apontado como está, fizer em suas paginas immortaes menção especial deste serviço, elle o constituirá apar do serviço dos Quarenta, que nos livrárão de alheia dominação! Tem os Comicos mais 3600 rs., que Mestre Pedro lhes metteo na algibeira? Então a Patria he salva!

Deixe-me fazer agora huma observação na parte historica do seu serviço. — Da Batalha do Salado (em que se achou o nosso Bravo Affonso IV.) se seguio a *completa expulsão* dos Mouros da Hespa-

nha!!! Mestre Pedro, he preciso ter mais cuidado, como Escriptor publico, não só por amor dos homens instruidos de Portugal, mas por amor da inveja, ou mais depressa, do escarneo, e zombaria dos Estrangeiros, que se vissem esta sua Mnemosine 39 fazião-nos por lá huma Dunciada, ou hum Poema de Burros, como dizem que ha hum, que eu ainda não vi. Olhe, Senhor Pedro, depois da Batalha do Salado ainda os Mouros estiverão, e se demorárão na Hespanha até ao Reinado de Fernando, e Isabel, que corresponde ao Reinado do nosso D. João II. Ora veja quanto tempo vai desde Affonso IV. até D. João II. A Affonso seguio-se Pedro, a Pedro Fernando, a Fernando João, a João Duarte, a Duarte Affonso V., a este Affonso João II.: pois por todo este longo espaço de tempo estiverão os Mouros em Hespanha, e conservárão o Reino de Granada, de Murcia, e de Jaen; então onde está a *completa* expulsão dos Mouros da Hespanha na Batalha do Salado? Ora hum homem, como V. m., que faz Comedias de Batalhas, não conhecer a Historia do tempo das Batalhas das Comedias he huma miseria muito lastimosa; e longe de tirar disto a Patria hum serviço, tira hum vilipendio. Agora V. m. para responder a isto, e impugnallo bem, veja se me acha alguma falha de desobrigas pelas Freguezias de Lisboa! Ou se tem lá algum papelinho de minha letra; se o tiver, por certo não ha de conter asneira, ainda que contenha satyra, que V.m., e outros Escriptores taes tanto merecem.

Serviço Quinto.

(Este he muito grande, e merece hum obelisco.)

" Quiz dar á luz Thomaz Antonio dos Santos e
" Silva o seu Poema *Silveira*, em louvor dos fei-
" tos do Excellentissimo Conde de Amarante na
" defeza da Ponte do seu nome ; concorri com a
" despeza da impressão.

Muitos serviços como Diplomaticos fizerão a este Reino D. João da Costa, Antonio Vieira, e Antonio Paes Viegas, pois segurárão a Coroa na cabeça a ElRei D. João IV. Muitos serviços fizerão a este Reino na mesma época com feitos militares D. Sancho Manoel, Antonio Luiz de Menezes, e D. João da Silva. Mas que comparação tem estas insignificantes ridicularias com os serviços feitos á Patria por Mestre Pedro, quando emprestou alguns vintens para se imprimir o folheto de regras de signaes chamado o *Silveira*, Poema coxo do triste, e lastimavel cégo, e coxo do Hospital? Imprimio-se o papelinho, poz Mestre Pedro os exemplares á venda, do producto fizerão-se dous quinhões, hum para o Author, outro para o Editor; e este ao embolsar-se da despeza que tinha feito, talvez que com o seu competente juro, deixou o seu nome immortalizado com este extraordinario serviço feito á Patria.

Dirá o *meu bom, e especial amigo* que se não emprestasse os taes vintens, em que o triste coxo lucrou alguma cousa para cigarros, ficava a Litteratura patria privada do grande monumento de gloria, que lhe provém da publicação de hum Poema, em que brilha a retirada dos doze mil Gregos na marcha, alguma cousa apressada, que o He-

róe fez de Amarante para Lamego. Mas se V. m.. Mestre Pedro, não emprestasse os vintens, de que primeiro que ninguem se embolsou, não descobriria a Providencia outro meio? Lá os seus emprestimos particulares, com juros, e premios fóra da Lei, são cousas que venhão a rol de serviços feitos á Patria? O dono do *Silveira*, que lho agradeça: he bom empurrar tudo para a Patria!

Serviço Sexto.

(Muito tinha eu que dizer de serviços feitos á Patria no seu serviço sexto!)

" Redigi a Mnemosine Lusitana com estampas dos
" principaes edificios de Lisboa, desenhados to-
" dos por mim. "

Fez-se V. m. Desenhador, e Escriptor publico; mas, diga-me agora, a beneficio seu, ou a beneficio da Patria? Toda ella, desde a barra de Caminha até ao Cabo de S. Vicente, lhe podia dizer: Mestre Pedro, quem te encommendou o Sermão, que to pague; (o mesmo fiz eu com o Sermão da Caridade; V. m. encommendou-o, e pagou-o.) Fez a sua especulação commercial, buscou os seus assignantes, metteo mão á sua obra, tinha papel daqui, papel d'além, imprimio, vendeo, guardou o seu dinheiro; nós ficamos vendo em máos desenhos os edificios, que vemos sempre como elles são, pois ainda daqui se não forão; acabou-se-lhe a polvora, sumio-se a obra, acabárão os desenhos, embirrava o Censor sem calva, e sem oculos; onde estão aqui os serviços feitos á Patria? Só se a Patria he V. m., que ficou servido com os vintens, que lhe provierão da publicação da Mnemo-

sine velha. Se o producto da impressão da Mnemosine velha fosse applicado para dotes de donzellas, para pannos, ou fios do Hospital, para manutenção da Casa Pia; então a Patria, considerandose nestas classes de indigencia, reputaria hum serviço aquillo, que para V. m. só foi lucro, e conveniencia. Aqui estou eu, que podia reputar hum serviço feito á Patria a coça geral dos Sebastianistas, pois intentei dissipar hum bando de mentecaptos, que tanto a avilLão no conceito dos Estrangeiros; mas o que eu fiz foi condensar huma nuvem de grossos vilipendios sobre a minha cabeça, sem metter cinco réis na algibeira, como V. m. faz com ambas as Mnemosines, a Mnemosine velha, e a Mnemosine rapariga.

Serviço Septimo.

" Pertendeo a Congregação da Caridade de S.
" Rafael favorecer a viuva, e filhos do Coronel
" Monteiro; lembrei-me de imprimir a seu bene-
" ficio hum livro: hum meu amigo descubrio-me
" o Manuscripto do Padre Francisco Manoel, inti-
" tulado *Vida de Christo*; adiantei 400$ réis, e
" concorri com parte das assignaturas."

Sobre o amigo, que lhe descubrio, e cuidou com tanto trabalho, estudo, e honra em o Manuscripto, Joaquim José Pedro Lopes, tinha eu agora muito que dizer, sobre a boa correspondencia, que V. m. lhe dá, mandando-lhe a casa bonecas pintadas com ameaços, e letreiros da sua letra sem a disfarçar; mas elle se quizer tomará a sua justa defeza, ficando V. m. certo que lhe não apanha a carta, que a seu respeito lhe mandárão pelo Correio: eu digo isto de modo que só V. m. o enten-

da, para lhe mostrar que tambem por cá se guardão documentos, ainda que nunca se hajão de publicar, porque infamias occultas, não são composições litterarias, para se impugnarem. Vamos ao serviço septimo, de que a Patria recebeo tantas vantagens. V. m. diz duas cousas; huma, *adiantei* 400$ rs.; outra: *corri com as assignaturas.* Como estas hião para a sua mão, hião ficando seguros os 400$ adiantados; ora como dinheiro ganha dinheiro, e ha Lei que justifica os juros, conforme a demora, se viesse alguma coizinha, quem ficava mais bem servido V. m., ou a Patria?

Ora, Sr. Mestre, seja o que for, emprestasse V. m. os 400$ rs. com juros, ou sem juros, he isto coiza, que se diga para se mostrar que se serve, que se ama, e se engrandece a Patria? Lá negocios entre particulares, a não serem d' Alfandega, ou da Casa da India, ou de outra qualquer repartição, em que o Estado lucra, são acaso serviços, de que se faça tão orgulhosa memoria? Se V. m. o faz para dar a conhecer a sua caridade, grandeza d' alma, e beneficencia, peior hum pouco; porque esta tão publica ostentação destróe todo o merito da virtude, que quanto mais modesta, e mais occulta, mais he remunerada pelo Omnipotente; e as acções da sua ardente caridade não são para se publicarem na sua gelada Mnemosine. Mas V. m. nesta injuriosa carta, que me dirige inserida na Mnemosine 39, só arma estes roes para me confundir a mim, mostrando-me que não sou capaz de adiantar 400$ rs. Nem 400 rs., Mestre Pedro; porque os não tenho. Só comigo não quer ter caridade; porque me insulta tanto nas ultimas palavras da mesma carta, que me chama, como bom Christão, e mui frescamente — *vil de-*

tractor, *e satyrico mordaz.* — Isto não o quer por certo a liberdade da Imprensa. Vamos aos seus serviços feitos á Patria no ostentosissimo rol, e vamos continuando a ser Machiavelo destas Decadas fertilissimas do nosso Livio Portuguez, *Mestre examinado do Officio de moveis*, como elle se assigna.

Serviço Oitavo.

" No Theatro de S. Carlos repeti hum Soneto, e
" no 1.º de Outubro em Sacavém, aonde fui, por
" me anticipar a ver os Libertadores da Patria."

Temos aqui tres coizas, a quál dellas melhor, dois Sonetos, e o aluguer de huma sege. O Ministro Sully não fez mais relevantes serviços a Henrique IV., nem o General Bulow á causa da Liberdade do Mundo nos campos de Waterloo. Dois Sonetos, e hum aluguer de manhã, e de meias com outro amigo, e a gorgeta entre ambos! Oh Patria, que mais queres? E serás tão ingrata, que não olhes, seja com que olho for, para este filho? Se o não fizer, Mestre Pedro, seja como Scipião, não possua a Patria os seus ossos! Ou então soffrer este osso do officio, como eu faço, quando me vejo obrigado a prégar de graça. O dia 1.º de Outubro de 1820, considerado na ordem fysica, foi com effeito hum dos mais bellos dias da mimosa estação do Outomno; considerado moral, e politicamente, foi hum dia de gloria. Por toda a parte nos offerecia hum espectaculo novo, e divertido, e até por divertimento podia ir n'hum burrinho a Sacavém, quem não pudesse chegar a sege. Eu nesse dia tambem fui a pé hum bom taçalho de caminho, mais huns amigos, que nos divertimos bastante com a variedade de objectos,

e coizas nunca vistas. O que eu fiz, e fizerão muitos, fez V. m. tambem, verdade seja que não chegámos a Sacavém, em consequencia da nossa condição pedestre, e não passámos de hum sitio alli para diante de Arroios, chamado o Burrinhas, sitio muito alegre, quando se não excedem as medidas; ninguem se lembrou de chamar a isto hum serviço feito á Patria, e muito mais de o metter em rol. Olhe, Mestre Pedro, se eu soubera que V. m. hia lá repetir hum Soneto, mesmo a pé dava comigo lá. V. m. o diz. — *Repeti hum Soneto, e no 1.° de Outubro em Sacavém.* — Por isso a demora foi tão grande, e tão tormentosa a nossa impaciencia! Apenas se disse que Mestre Pedro tinha chegado para repetir hum Soneto, a Tropa fez alto, e derão-se os tres grandes rufos, não sei pór onde. Os Pais da Patria tambem parárão, e os olhos de todos buscavão anciosos, e inquietos o Poeta repetidor. O caso esteve, segundo contárão, muito apertado a respeito do lugar da repetição; porque para o fazer de pé entre a multidão, não se via o Poeta; para o fazer dentro da sege sentado, além de ser descortezia, embaraçava-lhe muito as acções, que se chamão a eloquencia do corpo; ora tudo parado, e o Soneto por vir, era huma semsaboria. O Boleeiro foi alli hum Catão Romano; que expediente o deste evitador de sobrerodas! Ponha-se de pé na trazeira, Senhor, bradou elle; e mettendo hum bocado para a mão, ou para a sella, tambem não direi de certo, porque ha lições variantes a esse respeito, os couces fizerão huma praça vazia, e teve então V. m. hum amplo theatro para se espanejar. Em São Carlos dizem que fôra em cima do banco; e ahi o local era mais azado! E os Sonetos erão feitos por V. m.? Conforme elles fossem! Tambem o Mestre Artista fez hum Soneto, que vem nas costas dos seus Parabens

á Patria, que he hum serviço feito á melancolia; porque de certo a desterra, ainda a mais teimosa, e inveterada. A respeito do aluguer da sege, foi serviço feito a pró do alquilador; não tem nada a Patria com isso. E põe V. m. tudo isto em rol, e apresenta-se com elle na mão diante dos seus Concidadãos; *para perguntar a seus inimigos, sem temor de que o desmintão, se elles tem feito outro tanto a favor da Patria?* Com effeito, meu bom, e leal amigo, se não fosse a confiança, que nos dá a nossa velha camaradagem, eu não me resolveria a dizer-lhe que fatuidade semelhante ainda não foi vista, nem ouvida no grande theatro do Mundo, ou no vasto imperio das parvoices; e tudo isto deixado, e immortalizado em o N.° 39 da Mnemosine moça, filha da Mnemosine velha!

O resto dos seus serviços apontados na mesma folha ficão para o Correio seguinte; porque os portes são pezados, e huma regra de prudencia me está dizendo que não ponha mais na carta.

Acabo aqui estes primeiros discursos sobre as Décadas dos serviços, se não com a penetração de Machiavelo, ao menos com a sinceridade de amigo. Julgo que tenho conservado moderação, cortezia, decencia, e dignidade, não me parecendo com V. m., que no ataque pessoal, que me faz na Mnemosine de 19 de Março deste anno, N.° 67, me chama: 1.° *Corcunda*, 2.° *Falsario*, 3.° *Aleivoso*, 4.° *Patife*; e por mais honra, e urbanidade me disse estas palavras, columna 1.ª, linha 17, — *Te mandasse beber.* — Isto só se escuta n'huma Taverna! E he V. m. hum Escriptor publico! Por mais que digão os manuscriptos da minha letra, que V. m. diz que conserva para me fazer mal, não dirão tanto desafóro, como os seus impressos. Ve-

ja-se a Mnemosine de 19 de Março de 1821. A Deos, meu honradissimo amigo, sou como devo ser, etc.

José Agostinho de Macedo.

Forno do Tijolo 12
de Maio de 1821.

P. S.

Se por lá apparecer a sentar-se alguma migalha aquelle seu contraparente, e nosso amigo o Boleeiro, que ponha no descanço, e que venha buscar o resto da gorgeta, visto não se contentar com 960 rs., além do gancho da hida, que atrazou hum dia de jornada; mas se isto lhe servir para impugnar, v. gr. o Poema *Newton*, eu o dou por não dito, não venha cá o Boleeiro; porque V. m. não tem outra casta de argumentos, para responder a questões litterarias. Ora não me falte com o mimo das suas letras. Não repare em amiudar tanto as minhas cartas; quero acabar com isto; porque bem sabe que hão de chegar a 52.

CARTA QUINTA,

ESCRITA AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CAVROE',

Mestre do Officio de Moveis,

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Sem luz estava a Patria em sombra envolta,
Escreve Mestre Pedro, e a luz já volta.
Pope, fallando de Newton.

LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.

ANNO 1821.

Com Licença da Commissão de Censura.

Honrado Amigo.

Se eu tivesse a massa de Plutarco, e de Francisco Toscano que escrevêrão Parallelos, sem ser de Pato, dos homens grandes, eu compararia com gosto estas duas cabeças, Newton, e V. m. : e seria o mais acabado Parallelo, porque he a mais completa identidade dos sugeitos : por isso não me leve a mal a parodia que faço do grande Distico de Pope, quando quer dar a conhecer de huma pennada rapida quem fòra, e o que fizera aquelle grande Bife. Rompeo as sombras em que a Natureza se envolve como em sua mesma magestade, applicando os calculos da Geometria transcendente aos Principios da Filosofia natural. Isto fez Newton no mundo Fisico, v. m. fez outro tanto, ou fez mais no mundo Politico. Tudo erão sombras, nem os Legisladores atinavão, nem as Nações se conhecião; os Direitos dos homens, ou murchos, ou encolhidos, ou inteiramente mortos; os Gabinetes fechados, os Congressos sem transpirarem. Troppau era hum mysterio; Laibach huma adivinhação; a Russia branca, e a Russia negra, erão igualmente escuras; a Alemanha era huma Adega subterranea; Napoles huma Empanada de macarrão; a Prussia não andava, nem desandava; nós mesmos andavamos aqui ás apalpadellas: o mundo todo era o praguejado Egypto, envolto em trevas que pela sua densidade se fazião palpaveis. Sahio Pedro do ocio,

chega hum tinteiro para o pé de si; com bem nos amanheça, tudo foi luz, e foi dia! Oh! cidadão dos cidadãos, digno de estar n'humas cazinhas que no sentido Francez se chamão *pequenas*! Como andaria a Praça direita! Os Becos limpos, os Agoasvais regulares em sua precipitação! Mas que Theatro tão pequeno! A sua luz he a luz fosfórica dos candieiros de Londres, que se espalha n'hum instante, segundo dizem. A Mnemosine he huma torcida de Amianto, que arde, e dá luz sem se consumir, e a Patria caminharia ao abysmo se esta candea não fosse adiante para a allumiar duas vezes, pela vanguarda, e pela reta-guarda. Quanto lhe devemos! A Mnemosine he huma véla de sebo plantada no solo Europeo, como o sol pendurado do Firmamento para dar luz ao Universo.

Estas vantagens são conhecidas, e não necessitão de provas; os mais cabeçudos, e embirrados as confessão. A Mnemosine he para a Patria o que as lanternas fixas são para as seges, e para quem vai nellas; mas entre todas as luzes que todos lhe descobrem, e confessão, eu lhe descubro hum clarão para que poucos terão advertido, que he dar-nos a conhecer o grande homem que a faz, pelos serviços que fez, e tem para fazer. Eu já fiz a exposição devida dos oito apontados na minha precedente N.° 4, reservo para esta N. 5 a consideração de dous serviços os mais recheados, e aboborados que temos visto, e elles só bastarão para conhecermos, não só pela pinta, mas até pelo cheiro o grande homem que possuimos. Esta Mnemosine he a 39 do anno segundo, e publicada a 8 de Novembro. Na ordem dos serviços o 9.°, e nesta Carta o primeiro, he a cousa mais attendivel que ainda appareceo no grande Theatro do mundo. Eu devo trasladar as palavras do mesmo ser-

vidor. Filhos da Patria, ponhão-se ahi todos defronte de mim, que eu lhes mostro, ou lhes aponto para o serviço de Mestro Pedro:

" Ergueo-se o grito da Regeneração
" da Patria a 15 de Setembro, o meu
" enthusiasmo foi presenciado nessa mes-
" ma tarde, e na do dia 17 na Praça
" do Rocio. "

Mas onde estava v. m., Mestre Pedro, que ninguem o vio? Fallei com innumeraveis pessoas, que assistirão na Praça do Rocio áquelle memorando espectaculo, se o tinhão visto? Ninguem deo fé de v. m. Alguns que se davão por importunados com a minha impertinente pergunta, e reiterada indagação, me responderão — Então nós não tinhamos mais que fazer do que olhar para Mestre Pedro? Quem havia conhecer esse homem, entre seis mil e mais pessoas que atulhavão aquelle immenso recinto do Rocio? Mas ainda que fosse visto por alguns que o conhecessem por transacções commerciaes em objectos da sua Loja, como poderia ser presenciado o seu enthusiasmo! A que chama esse homem enthusiasmo? Isto segundo o deffinem alguns entendedores he huma certa elevação de alma, que desperta grandes sentimentos, mas internos, sobre algum objecto dado. Assim se considera o vôo de hum Poeta quando se aquece na meditação do seu assumpto. Mas que tem isto com as scenas gloriosas do dia 15? He verdade que houve huma grande gargalhada n'hum magote de capote, que fez praça vazia a hum sugeito que queria dar pulos de contente, mas como era muito pezado, e corpulento, quando se quiz endireitar deo tamanho batecú, que cuidou a gente, que era a primeira

salva; e a Gaiatada que nunca se ri sem motivo, e que por hum natural instincto sabe de que se hade rir, não se satisfez só com a rizota, levantou hum apupo de palmas, que era o dia de juizo. Eu cheguei então, cuidei que era o Papafina a improvizar, ou o antigo Pax no Quintal do Tio Lopes, e vi que era hum sugeito volumoso, que queria pular de contente, mas não podia. Eu não sei, Mestre Pedro, se v. m. era este, e não o posso jurar. Se v. m. pulou, todos pulárão; se v. m. gritou, todos gritárão; se v. m. se enthusiasmou interiormente, todos sentirião o mesmo calor; mas porque acto externo se deo v. m. a conhecer, para nos affirmar que todos presenciárão o seu enthusiasmo! Lencinho branco? Todos os tinhão, e para se fazer notar o seu enthusiasmo, entre tantos igualmente enthusiasmados era preciso que v. m. desse huma demonstração singular, que atrahisse os olhos, e as attenções dos meritissimos espectadores, ao menos que v. m. gritasse mais que todos. Suppunhamos que v. m. cobria os outros com o seu festival alarido, como se póde isto considerar hum serviço feito á Patria para v. m. o classificar na cathegoria dos oito já expendidos, e admirados por mim? Dirião todos, forte voz tem aquelle homem de casaca tal, de chapéo tal, e de costado tal! Pois hum contra-baixo quando grita, serve mais a Patria do que hum soprano quando guincha? Se v. m. fosse hum desses que parecem homens, que ahi vem de Bergamo, sem hum só pello na barba, corpo assalvajado, e a quem faltem varias coisas, com huma pipia semilhante áquella, que os rapazes tocão no tempo do verde, como seria possivel que entre tanta multidão de vociferantes, podesse ser *presenciado o seu enthusiasmo* pela preponderancia do seu debil guincho?

Concedamos com tudo, senhor Mestre Pedro,

que v. m. para dar a conhecer o seu enthusiasmo pela Patria regenerada no dia 15 de Setembro, vinha correndo, e gritando, ou andando, e fallando desde o Chafariz do Loreto até ao Rocio, a dizer *viva* para hum, *creado meu senhor* para outro; concedamos que v. m. se ria muito, e atirava com o seu chapéo ao ar, e que como v. m. se faz notavel pela boa disposição da sua figura, benza-o Deos, todos olhavão para v. m., e que as mulheres sentadas nas escadas do Portico do Espirito Santo, ou Adro, para não questionarmos de nome, vendo-o a v. m. correr pelo Chiado abaixo, a dar aos braços, á cabeça, á parte posterior do corpo como hum verdadeiro enthusiasta, ou enthusiasmado, gritavão, e dizião: — Crédo! Aquelle homem vem doido! Por milagre que não esbarrou agora! Crédo! — Presenciando-se assim o seu enthusiasmento, — *O meu enthusiasmo foi presenciado nessa mesma tarde* — póde acaso v. m. dizer com verdade — *Para perguntar a meus inimigos, sem temor de que me desmintão, se elles tem feito outro tanto a favor da Patria?* Ah! Mestre Pedro, se o enthusiasmo que se dá a conhecer com gritos, com corridas, com lenços, e com gestos he hum serviço feito á Patria, póde v. m. affirmar que nessa tarde do dia 15, no Rocio, e suas annexas todos gritárão, todos pulárão, todos saltárão, tanto ou mais que v. m., em razão de ser hum corpo obéso, e pezado, que não podia fazer as curvetas que os mais ligeiros fazião. Neste caso de v. m. ter temor que o desmintão, quando perguntar, como diz, *se elles fizerão outro tanto a favor da Patria?* Neste enthusiasmo, digo, nella creio que lhe levou vantagem o rapazio, cujo gritar desconforme não só de tarde, mas até entrando pela noite velha, mais amotinava que applaudia.

Com que, no Rocio, se v. m. não ficou vencido em votos, mas igualado em gritos, não o póde v. m. allegar como hum serviço feito a Patria, e que a v. m. exclusivamente pertença: eu que tambem andei enthusiasmado, e que o vi alagado em suor, não devisei, nem presenciei em v. m. cousa que não visse nos outros, entre os quaes v. m. se confundio tanto, que a ninguem ouvi dizer = Alli anda Mestre Pedro! = Estamos na mesma razão a respeito da continuação deste importantissimo serviço feito á Patria, eu o direi com as suas mesmas palavras, cuja energia, e eloquencia nunca poderão ser dignamente imitadas — *Nessa noite no Theatro de S. Carlos repeti hum Soneto* — Eu não sei como v. m. vindo tão cançado de gritar no Rocio!... O que póde o amor da Patria! Não só se devia *presenciar o seu enthusiasmo* entre a populaça da rua, com os seus gritos serviçaes: mas no meio da porção culta, e escolhida da Nação, no Congresso dos Sabios espectadores, como os Comicos costumão chamar aos das varandas. O Soneto, considerado em si, por certo seria digno de rivalizar com o — Almaminha — do nosso immortal Camões; tomára eu que v. m. mo deixasse ver, porque eu sou curioso, e por certo lhe faria hum amplo commentario; considerado como serviço feito á Patria, eu não contemplo outro maior: quatorze versos, são mais que quatorze milhões, e Soneto haverá que repetido na frente de hum Exercito barbaramente invasor o obrigue a dobrar, e converter as fileiras, e pôr tudo em completa debandada, ou derrota. Porém, Mestre Pedro, considerando eu o seu repetido Soneto, ou seu, ou de amigo, na classe dos que eu levo ditos, parece-me que não he este hum serviço, do qual v. m. possa dizer com tanto deno-

do e afoiteza = *Se elles tem feito outro tanto a favor da Patria?* = Tem, tem, e mais que tem! Creio que v. m. não deixaria o espectaculo depois de repetir o seu Soneto, salvo se o assobio fosse tal, que v. m. se pozesse, como Moreau, em forçosa retirada; mas se v. m. se deixasse ficar, a tirar a limpo o seu cruzado novo, ouviria outras repetições, que tão divertida tornárão aquella feliz noite, e as outras que se lhes seguirão. Portanto podem com razão dizer os outros repetidores = Fizemos, fizemos, Mestre Pedro, fizemos outro tanto em favor, e em beneficio da Patria. = Isto he para o deixar a v. m. de boca aberta, pois he de publica notoriedade que houve repetições de Sonetos, Decimas, Cantatas, e Colcheas, o que prova que não he v. m. o unico Cidadão, que servio, e salvou a Patria com hum Soneto. Se cada hum dos enthusiasmados como v. m. fizesse outro tanto, a Patria ficaria salva do abysmo politico, em que a incuria, ou a malicia a havião sepultado; mas por certo ficaria coberta, e alagada de hum diluvio de parvoices, e neste serviço de Sonetos desejava eu que v. m. fosse unico, porque do mal o menos. Com que, meu querido amigo, não se póde V. m. considerar singular servidor da Patria, e Cidadão enthusiasmado no Rocio, e no Theatro, porque se v. m. gritou no Rocio, os mais tambem gritárão, e se v. m. repetio em S. Carlos, os mais tambem repetirão, e onde ha tanta igualdade de sentimentos Patrioticos em gritos, e em Sonetos, não pode v. m. perguntar com tanta arrogancia e ufania aos seus concidadãos, se algum delles fez outro tanto *a favor da Patria?*

Entremos na consideração do grande, e verdadeiro serviço, que he na ordem da minha precedente, N.° 4, o decimo, e na ordem da presente,

o segundo. Vamos ás suas palavras, porque ellas illustrão mais, que todas as minhas reflexões. O seu laconismo vale a energia de Demosthenes, e o espraiado de Marco Tulio.

> " Quando ainda ninguem ousava ser
> " *Publicista* Constitucional, atrevi-me
> " a requerer para redigir este Perio-
> " dico. "

Nós não necessitavamos de provas para conhecer o seu atrevimento; e para vermos que era hum homem intrepido, e atrevido, basta saber que v. m. pintou a Bandeirinha com que o Fialho se fechou de guiza que nunca mais houve fumos della. V. m. nos quiz dar mais luminosa demonstração do seu atrevimento quando nos diz = *Atrevi-me* a requerer para redigir este Periodico. = Com effeito, se aquelles homens illustrados de que tanto abunda a nossa amada, e idolatrada Patria, que tem encanecido no estudo, e profiadas applicações, e que tanto se distinguem em conhecimentos politicos, se *atrevessem* a requerer para redigir hum Periodico, não nos causaria admiração, porque nelles não seria hum atrevimento, mas hum acto de justiça, que se farião a si mesmos, e até a nós, para merecerem a nossa approvação, á vista do emprego a que se davão, cujo desempenho nos ficava afiançado nos proprios, e conhecidos talentos. Mas vermos que se abalanção a este Officio hum Mestre Pedro, ainda que examinado no Officio de moveis, hum Mestre Artista, o desdichado! hum Amigo do Povo, o embrulhador, hum Liberal, que se se lhe ajuntasse o nome proprio daria a completa idéa de si mesmo, he com effeito quanto póde ser de ousadia! V. m. tem razão em dizer =

atrevi-me a requerer = porque se para fazer huma cadeira, e hum assentosinho para hum *Bidet*, he preciso dar cinco, e mais annos ao Officio, quantos serão precisos de estudo para escrever dignamente para o Publico, tão melindroso, e quasi sempre difficil, e incontentavel! He pois hum manifesto atrevimento sem previas disposições de estudo, e conhecimentos metter-se a Escriptor publico, illustrador da Nação, espancador das trevas, e espalhador das luzes em hum Periodico Diario. He verdade que nada disto era preciso para redigir o Artigo terceiro desta mesma Mnemosine do rol de serviços, extrahido da Gazeta de Madrid de 29 de Outubro de 1820 — *No Convento de Aranzazù hum Frade deo huma navalhada no Guardião.* — V. m. calculou bem, tomou bem as medidas a este barrote, quando disse, para estas, e outras de igual importancia bastão as folhas de Castella; vou a Loja do Grego, traslado, venho para a Loja, faço hum Periodico a trinta reis, fica-me a algibeira pejada, e a fama estabelecida; assim o disse, e assim o tem feito. Resulta daqui mesmo huma questão importante, que por si se resolve; convem a saber: Se com a noticia da navalhada do Frade de Aranzazú fica a Patria illustrada, e os Cidadãos conhecedores dos seus deveres para com o Governo, para comsigo mesmos, e para com os seus semilhantes?

Até aqui, Mestre Pedro, vamos nós concordes, e amigos; basta isto para redigir magistralmente hum Periodico; porque os outros a pouco mais se adiantão, e os que estão mais alliançados com as Potencias estrangeiras, apenas trazem alguma cousa da folha que vem fóra da mala, e que adianta meio dia. Outros dizem o que não vem na folha, ou o contrario do que vem na folha. Ponha v. m.

ponhão elles o que quizerem, illustrem a Nação, e sirvão a Patria como bem lhes parecer, eu não o hei de sentir, porque real não mo levão, e se alguma cousa tenho despendido, he na necessidade de me servir da limpa especulação de Braz Corcunda nos dois indicados sitios, Passeio á esquerda, Terreiro do Paço á direita, porque ás cousas se deve dar a sua verdadeira applicação. Chama-me outra cousa mais importante, e de mais aperto neste seu decimo serviço, que he a sua lastimosa, e miseravel ignorancia! Aqui se faz v. m. como hum pimentão, e depois como huma sera amarella. Ignorancia! Ignorancia em hum homem, que chega a descrever com hum pincel digno de Sallustio a navalhada do Guardião de Aranzazú? Sim, senhor, ignorancia. Ei-la qui com as suas mesmas palavras, porque se v. m. tem os meus manuscritos, eu tenho os seus impressos.

!

" Quando ainda ninguem ousava ser
" *Publicista* Constitucional ! ! !

Oh Mestre Pedro! Diga-me, assim nosso senhor lhe dê boa venda aos tamboretes, diga-me, ser Gazeteiro, e ser Publicista he a mesma cousa? Por isso o Couto dizia: *Hui!* naquellas grosas de palmatoadas, tão bem merecidas, e tão bem dadas! He v. m. João Jaques, he v. m. Mably, he v. m. Algernon Sidney? He v. m. Grocio, Cumberland, Puffendorfio, Humberto Ulrico? Não, v. m. he Mestre Pedro, e estes são Publicistas, huns mais antigos, outros mais modernos. Será v. m. Bonald? nem Bemjamim Constant v. m. he; só se v. m. julga que elles redigirão Mnemosines com a navalhada de Aranzazú, e não aquellas obras immortaes de Jurisprudencia, Legislação, e alta Politica, que fo-

rão sempre a honra, e o assombro do engenho humano. Pois porque se hade v. m. chamar *Publicista*, se v. m. apenas existe na infima relé dos Gazeteiros Portuguezes! Porque v. m. saberá o que he no Officio, muito honrado, e louvavel, o que he huma Junteira, hum Rebote, huma Goiva, e huma Enchó; mas Publicista não sabe o que he, porque este não he o seu Officio, e não lhe está mal esta ignorancia; cuidou que ser *Publicista* era escrever diariamente para o Publico; não he, Mestre Pedro! Isto he huma sciencia nova, apenas entrevista na Antiguidade por Aristoteles nos seus livros da *Politica*, por Platão na sua Republica ideal, e por marco Tullio nos livros até agora sumidos, e agora achados no Vaticano pelo Abbade *Máyo*, que se dizem tambem *De Republica.* —

Gazeteiro, Mestre Pedro, he outra cousa; isto he, não sciencia, mas officio, que tem o berço mais miseravel que podemos imaginar. Eu lhe conto, para que se v. m. quizer fazer a Arvore Genealogica, sua, e de seus illustradissimos collegas (metame lá a mim tambem) saiba qual seja o tronco por onde hade começar, para hir chegando ao ramo, V. m., Liberal, resto do amigo, e o sempre *vendibil* a pezo Artista, como diz o nosso bom Camões. Havia hum homem pobre em Veneza no tempo das Guerras do Doge Morosini com os Turcos: que fez este homem falto de pão, e de macarrão? escrevia hum papel cada semana, ou Diario, porque a Historia he nisto obscura, e o enchia das noticias que trazião as galés da Senhoria das proezas dos Morosinis. Este papel era vendido (*oh Tempora, oh! Mores!*) pela moeda mais baixa que havia na Republica, como v. g. entre nós agora a moeda de tres reis, e que em lingoa Veneziana se chamava Gazzéta — como Basaruco em Gôa, Chavo

em Hespanha, e Quatrini na florescente Italia. Os Livreiros de Veneza que tinhão seu balcão á porta; (não tão cheios de Periodicos como os nossoo, porque já alli não tem ferramenta, tem papeis) quando chegavão os Freguezes a buscar papelinhos de noticias por Carta do Officio, os taes Livreiros de Veneza, creio que mais seguros nas encadernações que os nossos, pegavão no papelinho, e antes de o entregarem ao Freguez, ou ao Gondoleiro, que o hia buscar, dizião — Gazzétta, Gazzeta; — e sem tinir no balcão a Gazzéta, não hia o papelinho. A especulação foi boa, porque pegárão as bichas, ou a tinha, pois quando em França os Francezes peleijavão por Luiz 14.º contra o Cardeal Mazzarini, que sendo de Palermo não o era, outro pobre tambem se lembrou de fazer papelinhos por Carta de Officio, como se havião começado a fazer em Veneza, e se lhe havia de dar outro titulo, deo-lhe o mesmo porque já erão conhecidos na Italia — Gazzétta. — A Portugal, como já era moda Franceza, passou a mesma mania, ou comichão de noticias, e hum grande homem por certo, chamado Antonio de Souza de Macedo, que foi Secretario de Estado, e primeiro Enviado em Londres, foi o primeiro entre nós que nas porfiadas guerras da Acclamação, fez tambem — Gazzéta. — Os curiosos as conservão. Ora se fazer papelinhos para apanhar — Gazzeta — baixa moeda de cobre, he ser Publicista.... Ah! Mestre Pedro, v. m. enganou-se, quiz dizer Novelista, e como foi no tempo em que cuidou do seu Soneto de S. Carlos, para serviço, e gloria da Nação, equivocou-se com os malditos consoantes, que fazem andar mil cabeças á roda, e dizer hum milhão de parvoices! — *Quando ainda ninguem ousava cr Publicista Constitucional*... E por ora

Mestre Pedro, ainda ninguem o foi entre nós, porque ainda entre nós não appareceo hum Tratado original sobre a fórma, sobre a necessidade, sobre os predicados, sobre as vantagens do systema constitucional que abraçamos; porque certamente a navalhada de Aranzazú não he isto, e menos o he a carta Mnemosinal que v. m. diz dera lugar á Demanda pendente. Olhe, Mestre Pedro, como eu sou velho, e dado ha muitos annos a estas cousas do A. B. C., fraca fazenda na verdade, tenho feito minhas reflexões sobre a Arvore das sciencias, e conhecimentos humanos, e tenho concluido, cá pelas minhas combinações, que a mais difficil de todas, e a que presuppõe vastos, e universaes conhecimentos, he a sciencia do Publicista. V. m. ficaria pasmado se entendendo Italiano visse o que diz hum Marquez Goranni (está em Francez) a este respeito, e o eloquente Milanez Conde Ferri em seus discursos politicos. Com que, meu amigo, fique desenganado, que huma cousa he ser Publicista, outra ser Periodiqueiro para apanhar a de trinta, e em lingoa Venezianna — Gazzéta. — São notaveis as palavras com que v. m. conclue a exposição deste decimo serviço! Ei-las aqui taes, e quejandas.

" O Senhor Pato não se anticipou,
" o seu requerimento appareceo no mes-
" mo dia que o meu, porém tendo
" pedido Censor, e obtendo-o, eu que
" o não pedi fui remettido para a Jun-
" ta da Commissão da Censura, e por
" isso fui segundo na publicação. "

Prova isto que Pato foi mais ladino, andou mais ligeiro, e appareceo *Publicista* no grande Theatro

do Mundo hum dia antes que v. m. começasse com o espalhamento das Luzes. Mágoa na verdade bem pungente! Todo o mundo conhece a differença que ha para o seu melhoramento apparecer Pato primeiro que Pedro, ou Pedro primeiro que Pato! Isto foi Providencia, porque Pato, e Pedro ambos no mesmo primeiro dia, era querer que cahissem os males todos juntos em cima de nós, sejão revezados para serem mais supportaveis, seja Pato primeiro que Pedro, ou Pedro primeiro que Pato, mas Pato, e Pedro no mesmo dia, era como diz o Povo, muita felicidade junta! Por certo não querêmos tanta.

Esta desgraça da antecipação de Pato apontada por v. m. sendo Pato remettido ao Censor, e v. m. á Censura, desperta bem o nosso sentimento, porque faz hum vêrdadeiro dó vermos o seu gostinho mortificado em apparecer Pato primeiro que Pedro, porque se Pedro apparece primeiro que Pato, era hum serviço este tão distincto feito á Patria, que aproximavão á perfeição a sua mudança e regeneração Politica: mas não ha nesta vida gosto completo; para que huns se rião, he preciso que outros chorem, sempre hum destes dois grandes homens vinha a ficar descontente, porque se v. m. fosse mais depressa á Censura, do que elle foi ao Censor, vinha v. m. mais cedo despachado, e apparecendo a sua luz primeiro no Mundo, que a luz de Pato, estava Pato desconsolado; v. m. queria a benemerencia da Patria por ser o primeiro que a illustrou. Paciencia, nem tudo vai ao saco, se v. m. veio depois, mais vale tarde que nunca; e se v. m. tardou, aproveitou; bom he fazer-se desejar. Na Opera ha primeira Rabeca das Rabecas, e ha primeira Rabeca das segundas, e nem por isso todas ellas deixão de concorrer, se-

gundas, primeiras, para a geral harmonia, quando não concorrem para a universal inferneira. Como nós o temos, Mestre Pedro, lá hum dia mais, ou hum dia menos não faz differença. Deos o conserve, lhe dê forças para tantos, e tão multiplicados como diversos trabalhos; e lhe dê vontade de fazer serviços para a Patria de tanto chorume como aquelles que v. m. aponta na immortal Mnemosine 39, de oito de Novembro, elles serão postos ncs mais recatados, e centraes gabinetes dos curiosos, para allivio de todos os pezos da apoquentada Natureza, que não seria próvida, diz o discreto Pad e Antonio Vieira, se havendo sido origem de tantos pezares, e durezas, lhes não desse tambem estes desafogos. Nada tem tanto poder como o exemplo, e o Cidadão addicto á causa, vendo-o a v. m. gritar no Rocio, gritará tambem; vendo-o repetir Sonetos, tambem os repetirá; e se houver pressa d'obra de Periodicos, tambem correrá para ser primeiro, e assim ficaremos todos bem, e a Patria servida ás mil maravilhas. Estimarei as suas melhoras: saudades aos meninos; não esqueça o nosso Padre Cura. Forno do Tijolo 16 de Maio de 1821.

Amigo, etc.

P. S. Se v. m. fallar em *Publicista* outra vez, consulte as cinco classes que estão cheas delles. Muito fallão! muita parvoice dizem!! A Deos, sem mais, até logo.

F I M.

CARTA SEXTA,

ESCRITA

AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CAVROE',

MESTRE DE MOVEIS,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

Tanto dá co' o martello o Carpinteiro,
Que enterra o prégo n'alma do madeiro.

Anonymo.

LISBOA.

Na Officina da Viuva de Lino da Silva Godinho.
Anno de 1821.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA SEXTA.

Meu especial amigo: Depois da vindima, seguese o rabisco, e não he pouco o que se apanha nesta segunda diligencia. O vindimador perdido no meio de caixos grandes, não faz caso de pequenas esgalhas, mas o Rabiscador que espiolha, e que esmiuça, enche ás vezes huma cuba dos descuidos do Vindimador. Quando pela primeira vez metti a navalha nas sepas dos seus escritos, não deitei abaixo mais do que o graudo, agora no rabisco, indo com mais vagar, e applicação, vejo que desprezei o que me podia encher os potes, e os odres. A fazenda do seu Responso a Santo Antonio, e de sua Carta, era cousa pequena, isto he, era terreno limitado, mas bem cultivado, e tão abundante em parvoices, que na segunda montaria, para lhe não chamar sempre rabisco, acho tanta caça, que da mais pequena moita me surdem muitos Coelhos. Tudo he devido á diligencia, que sempre foi mãi da boa ventura. Ora meu especial, e verdadeiro amigo, não estranhe as minhas methaforas e figuras, ellas sempre servem como imagens, que aclarão os nossos pensamentos.

Tornei a lançar os olhos amigaveis para os mimos do seu Responso, e da sua Carta, e posso dizer pelo que agora encontro, que a primeira vez que passei por ella foi como cão por vinha vindimada. São tantas as suas injurias, os seus ataques pessoaes, as suas provocações, que me obrigárão a fechar com esta a meia duzia das minhas Cartas. Oiço queixar que eu desamparo o tom serio, e circunspecto de Escriptor publico, sem advertirem que o estilo ridiculo he o unico que se deve empregar na impugnação dos seus escriptos, porque o merecem, e o ridiculo he a unica arma com que se devem pulverizar. Não tenho empregado o tom serio e grave, para o não baptizarem de Ironia. Agora o farei, e satisfaça-se o publico de ter soltado tantas gargalhadas á custa do Mestre Pedro, que até parece que vai passando em Proverbio = Mestre Pedro. = Nem isto mesmo repetirei muitas vezes. Usarei de todo o vigor desta penna para rebater calumnias suas, porque se ha homem verdadeiramente calumniado, sou eu, não só com o que contra mim gyra manuscripto, trasladado por V. m., mas com o que se tem introduzido, impresso em Reinos estrangeiros, possuido por V. m., e por V. m. propagado como primeira trombeta da minha infamia, e vilipendio. Tudo devo a V.m. trasladando do libello de Pato, impresso em Londres, as mentiras, e os ataques com que me desacredita.

Em tudo falta V. m. aos principios da honra, e da justiça. Quando hum Escripto apparece anonymo, não se lhe deve disignar o Author senão quando ha a sua confissão, ou indicios vehementissimos Que certeza tem V. m. de que eu sou o Author dos *Exorcismos*, e do *Cordão* da Peste? Nos *Exorcismos* não ha as-

signatura alguma, no *Cordão* da Peste ha esta assignatura = *Corcunda de boa fé.* = Onde está aqui o meu nome, e como prova esta assignatura que a obra he minha? Tem V. m. tanta razão para dizer que he minha, como eu tenho para dizer que he sua. V. m. em hum só annuncio impresso, e pegado ás esquinas, commetteo huns poucos de crimes civís, porque eu o podia demandar em juizo. Publica o meu nome com afrontosa nomenclatura de Corcunda, segundo a accepção em que V. m., e outros que taes a tomão, diz quer publicar a minha vida privada, e publica, cousa por si mesmo tão criminosa que só por este impresso V. m. merecia a pena de Libelista com o corpo de delicto tão bem formado, que o seu nome alli falta. Cita alli versos de hum Poema anonymo, e sem se saber quem seja o seu author, mo atribue, e tanto bastava para lhe levar huma injuria. Veja quantos delictos em hum só papelinho das esquinhas!

V. m. estabelece para motivo de seus vilissimos, e regateiraes ataques, hum principio falso, e vem a ser, que eu fora o provocador, e esta provocação consiste no dito vago de Voltaire ao seu Cabeleireiro *Mestre Pedro faze Cabelleiras.* Se a carapuça lhe servio, V. m. a poz na sua cabeça, e mostrou ao Povo que a merecia. Sentem-se embora no vestibulo da sua Loja Negociantes *honrados* (aquelles para descredito dos quaes V. m. encommenda versos afrontosos) sentem-se no mesmo vestibulo, ou estejão de pé estes ou aquelles, o local he bom, e a rua he de passagem; segue-se que em attenção a estes sessores das suas desirmanadas Cadeiras, se não hade rir o Povo de o vêr Periodiqueiro, sem mais principios que ser filho de Francez, e por isto sa-

ber meia duzia de palavras deste idioma? Inda que V. m. fosse hum Salomão, não podia destruir no conceito do Povo a incompatibilidade que encontra no seu officio, e na profissão de Escriptor politico. O = *Faze Cabelleiras* = tanto se lhe póde apropriar, como a muitos dos seus collegas, e camaradas, mas póde V. m. ter huma consolação, e veja como lhe faço justiça, que a *Mnemosine* he melhor, e muito melhor sendo feita por hum Mestre de moveis, que o *Liberal* sendo feito por hum homem que se levantou a si hum testemunho chamando-se *Professor Nacional da Lingoa dos Homeros, e dos Platões*; miseria assim por ora ainda não appareceo na Terra que habitamos! Queira o Povo que este genio anómalo tomasse a resolução de ir ser Redactor Grego dos Boletins do Principe Ipsilante nas Provincias insurgidas, lá o entenderião melhor que nós cá o entendamos. Fica sendo V. m. o verdadeiro agressor, porque de hum principio vago, e applicavel a muitos, *Mestre Pedro faze Cabelleiras* = toma motivo, ou pretexto para os seus interminaveis insultos desde a Mnemosine de 8 de Novembro até agora. Ser o Cabelleireiro Pedro, e o Marcineiro Pedro, não se segue que o que se diz ao Cabelleireiro, se diga igualmente ao Marcineiro, diz-se a todos os que nas suas tristes circumstancias se mettem na irmandade dos escriptores. Como he huma Politica civil, devia existir huma Politica Literaria, a qual examinasse, e conhecesse os escritos, e Escriptores sem offensa da Lei da Liberdade da Imprensa, e que dissesse unicamente ao author o terrivel oraculo de Voltaire = Mestre Pedro faze Cabelleiras = Talvez que se esta formidavel sentença da Policia Literaria se pozesse na frente da primeira *Mnemosine*, do pri-

meiro *Liberal*, do primeiro *Amigo*, do primeiro *Artista*, &c. &c &c. nós teriamos respirado em ar mais puro de parvoices!

Neste rabisco, para assim lhe ir chamando, vim a encontrar além das inepcias de raciocinio já notadas, atrocidades, que me espantão, e que eu não devo deixar de annunciar, ou denunciar á presente, e futura geração. A pag. 13 da sua resposta á minha primeira Carta, approva V. m. a definção que eu dou de *Corcunda*, como eu digo que o sou, e como são muitos que entendem como eu entendo, quaes sejão os deveres do verdadeiro Cidadão: V. m. diz = *Eu digo o mesmo*, *porque isso não he ser Corcunda*, *he ser homem de bem* = Por aqui vio V. m. que o barco não fazia agoa, e que perdia a esperança de o metter no fundo, mas semilhante ao Lobo da Fabula, que buscava pretexto para empolgar o cordeiro: = Ha seis mezes que disseste mal de mim, e senão foste tu, foi teu pai, que vale o mesmo = Sahio-se com esta muito digna, e muito propria de quem guarda manuscritos para deitar a perder os outros, cousa lá muito da sua paixão — *Que diria V. m. de hum homem*, *que excitasse o descontentamento em seus discursos*, *dizendo que estamos peiores que d'antes*; *que levantasse*, *propagasse noticias aterradoras que não se realizárão promettendo esquadras de bloqueio que não apparecerão*? = He onde póde chegar a malevolencia, e a perversidade! Vio que segundo a definição que eu lhe dava de Corcunda, me não podia classificar nesta categoria odiosa perante aquelle Povo que não sabe o que diz, e levanta hum testemunho vago para me causar maior damno: Senhor Mestre Pedro, V m. conhece-me? Parece-me que não, pois me suppõe capaz de espalhar

noticias *aterradoras*, que quer isto dizer? Diga, ou signifique isto o que quizer, com que documentos comprova V. m. esta calumnia? Argue-se hum Cidadão de huma culpa grave, e gravissima só com o dito vago de hum delator injusto? A quem disse eu isto, foi a V. m. ou foi a outra pessoa? A V. m. não, porque nem lhe fallo, nem lhe quero fallar, porque o abomino, e detesto com hum perfeito odio como a hum agressor violento, e a hum inimigo implacavel. A V. m. não o disse, e se o disse a outra, ou outras pessoas, duvida V. m. nomeallas, porque hum crime dessa natureza não se imputa sem provas, que não admittão contestação. Esquadras de bloqueio! Peor hum pouco, eu não sou Alviçareiro para as annunciar, e aqui desta baixa do Forno do Tijolo não se descortina o Oceanno. Quem me ouvio prometter estas esquadras? De que Nação? He de presumir que sejão esquadras Inglezas! Não he assim, Mestre Pedro? Então, tambem eu não conheço os Inglezes! Olhe Mestre Pedro, os Inglezes de quem serião as esquadras, são aquelles homens de que falla Juvenal, quando diz, que tudo fazem. *Si spes refulsit nummi*, se lombrigárão algum vislumbre de esperança de dinheiro. Todas as especulações politicas em Inglaterra não se fazem no Gabinete, fazem-se no Banco. Em 1808 esteve ahi aboletada na barra huma grande Esquadra Ingleza, objecto dos contemplativos do alto de Santa Catharina; mas no Tejo estava huma Esquadra Russa, que devia ser empalmada, e foi: no continente estava Bonaparte, a quem Pitt chamou o *homem mais temivel do Universo*. Este Bonaparte lhe tinha fechado todos os portos do continente Europeo, e os Inglezes não querião coadjuvar a causa da liberdade

das Nações, querião defender a sua, e o seu maior e unico interesse era combater Bonaparte, querião ficar sem Bonaparte ainda que ficassem sem hum Guinéo, elles o tirarião depois a limpo, e tirárão. Quem alli conservou a Esquadra, quem conduzio hum exercito, foi o interesse delles, não foi o interesse nosso. Agora com o continente Europeo aberto, com o Americano escancarado, com hum Tratado de Commercio, em que o bollo do jogo todo está para lá, que lugar fica ao calculo mercantil, e vendilhão daquelle Povo de Heróes? Hum bloqueio, e huma Esquadra, dirão elles antes do meio dia, poderá alli ser sustentada? He preciso sabermos se o lucro da Conquista, e da invasão cobrirá a despeza que devemos fazer na expedição! O lucro mercantil que teremos depois da expedição he aquelle que já temos antes della; então digamos como Judas no Evangelho, quando vio a Magdalena qnebrar o vaso de alabastro = *Ut quid perditio hæc*? Para que he esta perdição de dinheiro, e de gente? A nossa Politica he esta. Quebrantar as estipulações mais sagradas do mais solemne Tratado, se nesta infracção nós descobrimos a prompta venda de hum só canivete. Quer V. m. vêr batida a Esquadra Russa dos Dardanellos, ainda que até os Grumetes sejão cosacos? Diga-lhe que toquem só n'huma Ilha Jonia! Diga-lhe que introduzão em Corfú huma oitava só de batatas da Siberia? Mestre Pedro, em quanto aqui entrar huma botija de graixa, não espere cá bloqueios, nem Esquadras; e se V. m. me quer fazer criminoso aos olhos da Nação com simplices desejos, busque outros recursos, que com estes só pertenderá fazer-me tolo, cousa em que V. m. não concorda; e se mo chamar, ainda que queira documentar,

o dito com os seus guardados manuscritos, ninguem lho acredita. A hum testemunho destes não chama V. m. hum ataque pessoal, porque isto no seu modo de entender, são cousas de Literatura. Esquadras, e bloqueios não erão cousas, que hum homem como eu desejasse, ou esperasse, salvo se V. m. quizesse accrescentar aos seus quatro Pês, que em nada me deshonrão, porque ser Padre, Pregador, Poeta, e Periodista, como eu sou, não me afronta; mais hum P. para fazerem cinco, que era *Pateta,* tudo serei, meu Mestre Pedro, e meu amigo, mas isto não. Ora Mestre Pedro, no rabisco desta pagina acho huma cousa a que devo responder, porque V. m. diz que lhe acha huma incoherencia. Por lhe dizer na Carta, que tão mal fiz em lha escrever, que a sua Mnemosine era melhor que alguns outros estupores, que apparecião, não se segue que eu deva gostar della, podia ser optima, assim como he pessima, o meu gosto não póde ser violentado. Como quer V. m. que eu goste da sua Mnemosine depois que começou a descompor-me, como se vê na Carta patifa, que vem na de 19 de Março? Carta em que V. m. não só me insulta a mim com os nomes mais afrontosos, que se pódem dar a hum scelerado, mas pessoas que ignórão, e ignorarão a existencia de hum Marcineiro mettido a Doutor, e querendo até dizer graças contra a imperiosa Natureza, que além da undulação de cabeça, e a palavra = *Sim Senhor* = *e sou seu cativo*, não lhe quiz dar outra cousa.

A pag. 9 da sua Carta, acaba V. m. o 1. § desta maneira, fallando de mim. = *Agora sabio com huns magros folhetinhos, gordos em invectivas, e sarcasmos contra Periodicos, e Periodiqueiros* = Como não diz que são contra o Estado, e Governo estabe-

lecido, e reconhecido, inda bem que diz, que são contra Periodicos, e Periodiqueiros. Isto he hum verdadeiro serviço feito á Patria, á Constituição, ao Governo, e aos homens de bem. Quem se não hade indignar contra a praga quotidiana? Consenti-la, he querer a divisão, a devergencia, e o desváiro da opinião publica. Que temos feito, e que temos aproveitado até aqui com os Periodicos? Que melhoramentos se tem sentido depois do derramamento das luzes Periodicaes? Todo o homem sensato tem levantado a voz contra o diluvio incessante, muitos que nunca se dignárão escrever, sendo tão capazes disso, estimulados da razão, tem deixado o silencio, e se tem posto em campo compadecidos dos males da Patria. Huma pequena Carta de hum *André Pança*, he o primeiro grito que soou contra o flagello Periodical. Carta bem escrita, e invenção feliz! Quem respondeo ainda ao Compadre de Belém, por mais que o *Astro* se entorte, ou se endireite? Veja se argumenta com força o *Mestre Periodiqueiro*? Quem mais, e melhor que *Braz Corcunda* deitou por terra, ou descobrio os usos, e as serventias das folhas Periodiqueiras? Estes denodados campiões, que vestidos de armas brancas, e pretas, quero dizer, papel, e tinta, apparecerão em Campo contra o chuveiro do dia, são os verdadeiros amigos da Patria, e as Egídes da Constituição, porque fazer odiosos os Periodicos, he fazer amavel a obra da nossa politica Regeneração.

Sejão magros, ou sejão gordos os Folhetinhos de que V. m. falla, quem lhe disse que erão meus, e que eu era seu pai? Trazem o meu nome! Ouviome V. m. esta confissão? Quantos se me tem atribuido de que eu não sou Author, e me daria por mui-

to honrado se o fosse? Esta sua precipitada resolução he criminosa, e V. m. gratuitamente me faz a honra desta atribuição, para ter lugar de me criminar de sarcasmos, e invectivas. Por muito que digão os *Exorcismos*, por muito que diga o *Cordão*, e o seu *Reforço*, não diz metade do que diz *Braz* na applicação que faz dos Periodicos nos dois memoraveis *Locaes* da Porta do Passeio, e retiro da direita do Terreiro do Paço. Que resposta dá V. m. a isto? Se eu fosse Author do *Braz*, que clamores não teria V. m. levantado até as estrellas?

Ora, Mestre Pedro, á pag. 10 da sua Carta vem hum enigma, ou huma embrulhada sua, que precisa de resposta que o confunda, ou envergonhe, ou o obrigue a estudar para ser escriptor publico. Ouçamos palavras de Mestre Pedro, e talvez seja esta a maior que elle tenha dito.

" *He objecto para ser achincalhado hum*
„ *Soberano qualquer, porque nos não go-*
„ *verna deve ser tratado rediculamente!* „

Ora Mestre Pedro, para comprovar esta calumniosa assersão, parece que devia citar com clareza alguma passagem dos meus escritos, em que se lêsse hum ultrage feito, ou dito por mim a hum Soberano *qualquer*. Isto he impossivel, e V. m. mente, porque os Escritos ahi estão, e eu os offereço ao *parcial* exame de todos os meus mais acirrados inimigos; e assim como offereço os Escritos ao exame, me offereço a mim mesmo para a pena que as Leis me impozerem. Mas já que não póde achar em mim as provas, busque-as em si mesmo, que as hade achar, e tão exuberantes como as que offerece aquella sua Mnemosine, em que V. m. diz de hum talhe de Formão = *Se ainda existe algum resto de*

honra, e de vergonha èm os Soberanos = Busque estas provas em seu amigo, e Camarada Pato, que em hum dos Numeros do Portuguez da semana passada trata com letra bem gorda, e graúda os tres maiores Soberanos da Europa civilisada desta maneira = *Os DD. Quixotes de Laybak* = Não he isto *achincalhar* os Chefes das Nações, que ou Constitucionaes, ou não Constitucionaes, são chefes das Nações, e lhe presidem, se hoje com mais extensa soberania, á manhã o poderão fazer dentro dos prescriptos limites da Justiça, e da Natureza? Aqui tem provas, e não me levante testemunhos tão falsos, e tão atrozes! Huma calumnia tão calva, não he huma resposta a Producções Literarias.

Soffra que lhe diga que mente, porque mente, e primeiro o vejo eu escrito com a sua penna. Diga, e exhiba a passagem, onde comparo eu nos meus escritos a Constituição Politica dos Povos com o Alcorão de Mafoma! Ouçamos as suas palavras, para não ficarem escrupulos, nem aos que se sentão nas suas Cadeiras, Negociantes honrados, e tambem Comicos, e ociosos superfinos.

" Não continúa V. m. a tratar a Cons-
,, tituição de ridicula, fazendo-lhe a com-
,, paração com o Alcorão! ,,

V. m. he hum calumniador, porque não produz huma só prova que faça fé. Eu disse, que se por hum *impossivel* transtorno politico passassem os Mouros á Peninsula, (e já passárão no tempo do ultimo Rei Godo) estes nos não poderião arguir de não termos seguido o Alcorão hum anno antes. Onde está aqui o termo de comparação! Quiz provar que antes de estabelecida, e promulgada huma Lei, ninguem póde ser arguido ou punido pela não obser-

var; se ella não existia ainda, como póde obrigar! Se ella não olha para traz depois de feita, menos poderá olhar antes de se fazer. Tão innocente he o que a não observa antes della feita, como culpado o que a despreza depois della promulgada; no primeiro caso, desculpa-o a ignorancia, e no segundo, condemna-o a malicia. Este foi o meu pensamento, que nem em Argel, ou Tunes poderá ser hum delicto! Diga-me agora a sua asanhada malignidade, onde está aqui a comparação da Constituição Politica com o Alcorão?

V. m. não sabe o que diz, nem para dizer bem, nem para dizer mal; ou imagina que eu serei tão desprovido de força de razão, ou facilidade de palavra, que não possa rebater, e pulverizar as suas atrocissimas calumnias!!

Ora escute agora, se eu quizesse comparar, qualquer Constituição Politica com o *Corão*, ou *Alcorão* (Livro, ou Livro de Deos) que cousa he este Corão, ou Alcorão? He huma Constituição Politica, Civil, Religiosa, que Mahomet deo aos Arabes, e aos Póvos que conquistára, e deixou a todos aquelles que o seguissem, que he quasi metade da população do Globo; e debaixo deste aspecto de Constituição Politica, Civil, e Religiosa, sem offendermos a nossa Sacrosanta Religião, até póde ser comparada com os quatro livros do Pentateuco de Moisés. Exodo, Deutoronomio, Livitico, e Numeros. Eu podia fazer esta comparação sem crime, porque he equiparar, e confrontar huma Constituição a outra Constituição, em quanto ao fim, que he a instituição de hum povo no estado Civil, e Religioso. Estas idéas não são para V. m., mas são para hum Publico illustrado, que se indigna de o vêr a

V. m. em campo tratando de letras sem saber o que diz. Eu me envergonho tambem de estar medindo a espada com V. m. ouvindo-lhe ha tanto tempo dizer que só póde responder a questões Literarias com a publicação de defeitos moraes, e escondidos. Hum Antagonista assim não merece pennas destas. Pouco tempo existirei eu sem lhe dar huma resposta geral, não em Cartas separadas, mas n'hum tratado completo.

Não posso deixar de fazer honrosa menção do *Postcriptum* da sua Carta, na qual V. m. dá a conhecer o sentimento que lhe causa haver acceitado a paga do sermão de tanto apparato, e tanto olheiro das cinco classes, que V. m. julgou satisfazer com huma moeda de ouro (rasgo digno na verdade do Alexandre antigo!). Porque razão lhe não havia eu acceitar a paga do meu trabalho? Porque? Porque o Padre Mestre tal, e o Padre, qual lha não quizerão acceitar? Lá terião suas razões. Pedisse-me V. m. pelo Amor de Deos, que he cousa a que jámais me neguei, como he publico. Acaba V. m. com estas palavras = *O mesmo Reverendo Paracho funcionou por caridade, ninguem recebeo dinheiro se não os pobres, e V. m. com elles.* = A isto já respondi quando disse, que V. m. me recebeo dinheiro por doze Cadeiras, e hum Leito, porque era fazenda da sua Loja, e lucros do *Officio*, eu estou nas mesmas circunstancias de acceitar dinheiro pelo meu trabalho, e não pouco suor, que V. m. está de o receber por hum escaparate, por hum assento de Bidet, por huma Cadeira furada, e preparada de tudo. V. m não me deo bilhete algum para receber dinheiro com os pobres, encommendou-me hum sermão sem clausula, e eu não tinha obrigação de lho prégar de graça, e he muito patifa, vil, e atacante a

fraze = *E V.m. com elles.* = Poderia o meu destino constituir-me na mesma classe, e quem poderá dizer que não chegará á mesma condição? Mas por ora não estava, e V m. sem huma injuria manifesta me não devia confundir, porque os ministerios erão differentes. O sermão não era huma parte integrante da acção da caridade, podia V. m., e os outros (*dar publicamente para que o Mundo todo o visse*) dar o seu pão, e o seu arroz sem ser preciso sermão. E para que? Mas VV. mm. o que querem são acções ostentatorias, querem caridade de Luxo, querem o superfluo, pois paguem, que ninguem tem obrigação de servir á sua vaidade. Mestre Pedro, he mui boa a esmola, purga os peccados, e livra da morte, mas VV. mm. perdem-lhe o feitio com a publicidade apparatosa. Mestre Pedro, Caldeirão, e silencio, porque o Evangelho que manda dar a esmola, tambem manda que se esconda. Que cousa he armar Praças, e toldos, envergonhar a indigencia, e insultar a desgraça? Busquem-se de dia os asylos da miseria, e acuda-se de noite á sua infeliz existencia, que se póde chamar huma imperfeita morte, e se V. m. quer discursos que publiquem o que todo Mundo está vendo entre huma feira de gente, onde nem faltão os gritos de = agoa fresca, e queijadas de Cintra = pague hum verdadeiro trabalho, e saiba que esta paga he authorisada pela Constituição do Patriarcado, e dos outros Bispados. Porque não prégou V. m. se queria a cousa de graça! Hum Periodiqueiro he tudo.

Tenho concluido este rabisco; falta-me responder á sua Carta de 19 de Março, o que destino fazer em Tratado especial, em que deixe o seu nome eternisado a par dos Coutos, e dos Patos, que me são devedores da Immortalidade.

CARTA SEPTIMA,

ESCRITA

AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CAVROE',

CARPINTEIRO DE MOVEIS,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

Procubuit humi Bos.
Aqui pára, aqui cahe, sangrado o Touro.
Virgilio.

LISBOA.

Na Officina da Viuva de Lino da Silva Godinho.

Anno de 1821.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA SEPTIMA.

Meu verdadeiro Amigo.

Tem havido no Mundo grandes, e porfiadas guerras, estendendo-se ao espaço de trinta annos como foi a dos Suécos n'Alemanha em que morreo Gustavo Adolfo. Houve na mesma Alemanha a guerra dos sete annos em que tanto brilhou o *Filosofo* Guerreiro, o Grande Frederico!! Entre nós ainda dúrou por maior numero de annos a guerra do Alecrim e Magerona, em que houve choques tão doces, e tão renhidos. E a nossa, Mestre Pedro, quando ha de acabar? Acaba com esta descarga que lhe vou dar, não para fazermos pazes, porque com V. m. não quero aliança, tratado, ou convenção alguma, nem para a vida, nem para a morte; hum provocador injusto merece hum odio eterno, e eu vejo pela Historia Diplomatica, que com as Regencias de Argel, Tunes, e Tripoli, aindaque se fação trégoas, nunca se fazem pazes; mas tambem vejo nos Annaes de Varella, que na inconquistavel praça do Salitre quando o boi cahe com seis, ou se-

te farpas o Cavalleiro intrepido, levanta a viseira, entrega a lança ao pagem, e com o lenço com que alimpa o honrado suor fazendo a cortezia para o respectivo Camarote, onde a Dama sente já mais moderada a palpitação do coração, que foi violenta durante o combate, ou duello dos dois animaes, entrega o inimigo prostrado á gente de Guiné, que o leve á praia. Com esta descarga suspende as armas, e entro em quarteis de Inverno. Não quero levar o labéo de barbaro, que com tanta justiça merecem esses croatos Hungaros, e Panduros, que vendo fugir Pepe, e desapparecer Florestão a unhas de cavallo, enganados ambos pelos seus Soldados (porque lá em Napoles os Soldados são os que enganão os Generaes) insistirão nas apupadas, que hião dando á parte posterior dos cento e cincoenta mil Guerreiros, como dizião as Folhas do meio dia da Peninsula Italiana, somidos de tal maneira, que desguarnecidos os Abruzzos se acabou a guerra, e se introduzírão contra o direito das Gentes na casa alhea, ficando sempre despresivel a victoria que se consegue de inimigos que não resistem, e guerra onde se não gasta polvora, não he guerra. He verdade Mestre Pedro, que V. m. poz em marcha huma grossa columna de escandalosas personalidades, mas negou-se-lhe a passagem pelo territorio da Razão, e da Justiça, leve esta descarga, fique no chão a curar-se, ou a descançar, aindaque V. m. tem a condição do Gigante Anteo combatido por Hercules, que tomava forças do contato da terra de que era filho, foi preciso suffocallo no ar, e só assim morreo, diz a Fabula.

Surge-me de hum canto hum inimigo de pou-

ca monta he verdade, o Mestre Astreiro, que na sua destampada, e miseravel resposta a Mestre Periodiqueiro me atira algumas torquezadas, que eu não devo deixar sem arroxadas, porque nenhum aggressor injusto me hade ficar sem remessa, e eu lhe mostrarei se Frade he Monge, se Monge he Frade; e se era Frade, ou se era Monge o casual inventor da Polvora; e eu tenho o geniosinho alguma cousa mais rijo, que o meigo *Compadre de Belém.* Que copiosa he a cáfila, ou matilha dos charlatões! Na verdade Mestre Pedro, que eu não sei resolver o Problema. = Qual de de nós tem menos vergonha! Eu creio que sou eu, conheço que he preciso renunciar a ella para sustentar com V. m. esta bellicosa correspondencia. Se V. m. fosse hum homem com alguma tintura de Letras, que podesse sustentar por hum quarto de hora huma controversia scientifica, sem fugir do ponto dado, ou da questão proposta, não seria vergonha confrontar-me com V. m. Mas chamando-o a este campo de lide, V. m. corre logo ás trincheiras das personalidades desaforadas sem tom, nem som; que heide eu fazer! Pagar-lhe na mesma moeda, tendo para isto hum grosso cabedal, que todos os dias se augmenta com a remessa de Cartas do Correio, que são o *Flos sanctorum* das suas virtudes! Isso não faço eu, porque estamos na época em que a Moral publica he mais conhecida, e muito mais respeitada, por tanto conheço que he não ter vergonha, aindaque o ponha em completa derrota. Farei nesta Carta algumas reflexões sobre a sua estimadissima de 19 de Março, talvez o deixe confundido, e possa dizer com o citado Virgilio = *Procubuit humi Bos.* =

Entre os innumeraveis papeis insolentes, e desaforados que tem apparecido nestes ultimos tempos, entre a alluvião de injurias, que os desaçaimados Periodiqueiros tem dito contra o que havia mais respeitavel em todas as classes de Cidadãos, entre as invectivas escandalosas do *Portuguez Constitucional*, entre a salgalhada Orateira do *Liberal* por *Couto*, entre as marradas do *Astro* venal, entre os malignos, e incendiarios destemperos do *Amigo*, nenhuma cousa apparece tão execravel como a Carta que V. m. Mestre Pedro, me dirige na Mnemosine de 19 de Março de 1821. As considerações que sobre ella vou fazer mostrarão, que não he encarecida, ou exaggerada a minha proposição? Qualquer que seja o tom que V. m. tome, em todos hade mostrar que he Mestre Pedro. Quer gracejar, e he tão desgraçado, tão desconsolado, tão nojento, e tão insipido o seu estylo, que quando intenta dizer huma graça, dá huma facada. O seu *alamiré* he a injuria grosseira, veja que Musica daqui sahirá? Sempre me ria Mestre Pedro quando em sociedade (sociedade das Cadeiras desiguaes do Vestibulo da semblagem) lhe ouvia começar os seus fastidiosos cumprimentos pela parvoice de = *Seu cativo*, *seu cativinho* = e isto sempre sem sal de posta. Quiz usar do tom ameno, e desensovalhado da urbanidade picante, vomitou torrentes de fel, ou de veneno na tal sua de 19 de Março. Eu, meu rico, e verdadeiro amigo, não as digo vagas, nem soltas, não vou desenterrar mortos, mendigar *attestações*, *e reconhecimentos de letra* para o confundir, e pulverizar, não vou misturar as qualidades moraes com as literarias, para fazer não huma refutação em forma,

mas hum Libello manifesto. As minhas Cartas são como os Sermões, sempre hão de levar Thema, e este Thema, sempre hade ser huma passagem dos seus doutissimos escritos fielmente trasladada, e confrontada com o seu Original a que me reporto a mim, e quero que todos se reportem. Eis-aqui a primeira passagem, ou o primeiro Thema extrahido da sua Carta columna primeira, linha seis =

" Não te *conteve* as meiguices com que
,, te acolhi, os beneficios que de mim
,, recebeste ingrato ! ! ,,

Ah! Mestre Pedro, se V. m. tivesse, como diz, ido ao estudo do Maia, saberia que hum *solecismo* he o erro mais vergonhoso em Grammatica, porque faz do que se diz lingoa de Preto. E se este erro desafia huma duzia, ou duzia e meia de palmatoadas em hum rapaz, que desafiará em hum Escriptor publico, e Escriptor de alta Politica, em hum derramador de luzes, em hum luminar do seculo, em hum Mnemosineiro, que tudo isto quer dizer em hum Mestre Pedro! Mas onde está esse erro! Está alli em cima olhe para elle, em pôr o nominativo no Plural, e o verbo no singular =*não te conteve as meiguices* =*os beneficios*= devia dizer, não te continhão, ou contiverão ás meiguices &c. como podem existir duas commodas, ou meias commodas com huma só gaveta, ou tres bancos com hum pé? perdôe, mas as comparações, diz a Rhetorica, devem ser tiradas de cousas conhecidas daquelles a quem se falla. O que me admira he não haver hum, entre tantos, a quem V. m. lê, ou dá a ler os seus preciosos manuscritos, que por amizade lhe advirta este, e outros erros, mas

elles serão em letras, taes como V. m., e V. m. tal como elles. O amor da Patria he a cousa melhor que ha, e serve para tudo, mas se este lhe deo forças bastantes para gritar no Recio, e ir de sege a Sacavem, não dá talentos, e se os dá, he preciso cultivallos pelo estudo, obrigue-o este amor, ao menos a folhear antes de escrever a Grammatica do Lobato, que se dá aos rapazes quando vão para a escola, ella lhe ensinará a não commetter solecismos tão vergonhosos. Os erros de huns não servem de disculpa aos outros, cada hum tem obrigação de se corregir a si, por isso não me venha com o exemplo do *Libèral* que sendo hum homem inteiramente Grego, como Professor, nem em Portuguez se sabe explicar, pois não se lê hum retalhinho do seu finado Periodico em que se não encontre huma gorda infracção das mais simplises regras da Sintaxe Portugueza. Vamos progredindo a cousas de mais alto cothurno! Vou trasladar humas palavras, que se me disserem que são das luzes da seculo, eu direi então que existimos no seculo de perfeita barbaridade, rudeza, grossaria, e, para o dizer de huma vez, de completa immoralidade. Mnemosine de 19 de Março de 1821. Columna primeira, linha tres.

" Mas que podia eu esperar de hum
Corcunda! Falsario!!!,,

Senhor Pedro Alexandre Cavroé, diga-me póde haver hum ataque pessoal, mais violento, mais afrontoso, demos-lhe o termo proprio, mais criminoso? Huma afronta he hum delicto civil: como Christão não o quero vingar, como Cidadão, he preciso que me desafronte, muito injusto, e corrompido será o Mundo, se me não quizer ouvir.

Ou *Corcunda* he hum termo vago que nada significa, ou então a consultarmos a opinião publica nas actuaes circunstancias, tem as atribuições mais odiosas, que expõe o homem não só ao odio, mas ao insulto, e á vingança desentreada de huma plebe a quem são desconhecidos os justos limites da liberdade civil, e mais claramente ainda, constitucional. Com este afrontoso, e perigoso labéo estou exposto por Mestre Pedro ao ludibrio publico.

Ora vamos a fazer huma pintura não ideal, ou hypothetica, mas real, e existente. Hum homem, que tem passado a sua vida no estudo do homem, que depois de longas vigilias, dá á sua Nação hum Tratado Filosofico com este nome; que tem seguido com consideração o Ente racional, e humano desde o momento em que sahe das mãos da Natureza, e por diversas, e infinitas, ao menos indefinitas gradações, chega com elle ao estado da possivel perfectibilidade, que contemplando-o no estado social, vai com elle até a origem da sociedade civil, desenvolve as suas faculdades intelectuaes, mede, péza, analysa seus deveres, seus interesses, suas precisões, e pela mais miuda analyse, chega em sua alma a descobrir seu natural, innato, e primitivo impulso para a sociedade dos outros seres seus similhantes, que reclamão imperiosamente a reciprocidade dos soccorros, sobre que se estabelece o primeiro contracto social; que acha nesta reciprocidade o primeiro desenvolvimento da vontade geral dos individuos unidos para se darem por eleição livre, soberana, e espontanea huma fórma qualquer de Governo, dando-lhe a mesma liberdade da esco-

lha o imprescriptivel poder de o melhorar, de o alterar, de o converter, de o suspender, de o reclamar, de o instituir de novo conforme a sua vontade, ou a urgencia das circunstancias, ou o volver dos seculos, ou a alteração dos costumes, ou a ineficacia das Leis, ou outro qualquer motivo determinante; não se podendo na soberana vontade geral dividir estas duas qualidades, *a de instituidora do Governo*, *e a de reformadora do mesmo Governo*; porque, quem tem a faculdade de o crear tem a faculdade de o suspender para o melhorar; hum homem, pois que a estes conhecimentos bebidos na natural essencia do homem, ajunta o estudo constante da Legislação primitiva, que da origem simples das sociedades humanas vai por todas as suas fases, seguindo os Reinos, e os Imperios, cujo nome a Historia nos conserva; que em o primeiro dos Historiadores, Herodoto, em Diodoro de Sicilia, em Apião Alexandrino, em Justino, observa o principio, a marcha, a quéda, a mudança, a transformação de tantas Monarchias, que aprende por huma sustentada combinação quaes forão as causas, e os meios porque forão passando os direitos publicos, e naturaes de hum povo governado, ás mãos do Governante com detrimento, e lastimosa québra da soberania nacional, e como pela força convertida em Despotismo se foi conservando esta usurpação convertendo-a, não sómente em direito, mas em herança de hum só, não podendo haver huma luta de poderes, onde a indiscreta cessão tinha posto tanta desigualdade: Se hum homem que ao estudo particular da Historia das Republicas da Grecia, e das suas sempre vacilantes

Monarchias, ajunta a contemplação aturada do grande Quadro do Imperio Romano, desde o seu berço até a sua funesta quéda, não só pela leitura de seus primeiros Historiadores, como Tito Livio, Dion Cassio, Cornelio Tacito, Suetonio, até chegar aos secundarios como os compiladores da Historia Augusta, Amiano Marcelino, e Herodiano, traduzido pelo incomparavel Angelo Policiano; se hum homem mais contemplador ainda daquella Historia, que se chama do Baixo Imperio, não em os modernos Hostoriadores, como Gibbon, e Le Beau, mas em os antigos, e Coévos como Cedreno, Zonaras, Procopio, e Jornandes, até vêr resurgir o Imperio do Occidente em Carlos Magno, convertendo-se a immensa Monarchia dos Godos, dos Vandalos, e dos Sarracenos, nas Monarchias que hoje vemos, e nas Respublicas, que choramos (ou eu só choro) extinctas: Se hum homem que nesta contemplação nota, e assignalla distinctamente não só os abusos do poder Monarchico mas a luta constante (mas desigual) da dignidade do homem contra as usurpações da Tyrannia; se hum homem para quem tem sido hum particular estudo a Historia primordial da Nação Portugueza, cujos Fastos considerados dão a conhecer ao Mundo, que por hum particular instincto de Justiça, ou natural discernimento o Povo Portuguez independente do conhecimento dos principios de Direito publico, e da Legislação de differentes Povos conservava o sentimento da sua soberania, nos pactos sociaes com os Reis, que o tem governado até ao Reinado de D. José I., prospero para o Commercio, para as Artes, para as Sciencias, para a Opulencia, mas funesto para

a indestructivel soberania Nacional bem entendida, e dignamente conservada; se hum homem devorado sempre do fogo do Patriotismo na verdadeira significação desta palavra, consumido de hum constante, e perenne desejo de huma reforma, e de hum prudente melhoramento conforme as luzes da razão, que são de todos os seculos, e não exclusivamente do actual; se hum homem que não vê na desproporcionada preponderancia dos Soberanos mais do que o obscurecimento da dignidade das Nações; se hum homem costumado a revolver os Tratados do tenebroso Hobbes, do incoherente João Jaques, do fluctuante Mably, e sem vaidade, costumado a não encontrar nelles huma idéa, que primeiro se lhe não houvesse despertado n'alma; se hum homem finalmente, comparador continuo das Constituições dos Povos mais civilisados, e que descobre na da antiga Hollanda a dignidade do homem, na de Inglaterra (posterior á primitiva Constituição Portugueza) o moderado equilibrio dos Poderes, conservando na distincção, alli não odiosa, das classes, a Soberania da Nação, e as gloriosas, mas limitadas attribuições do seu Chefe, porque ainda que seja cabeça, não he, nem mais nobre, nem mais elevado que o corpo: se este homem, com estes sentimentos, com estas idéas, com estas luzes, existente no meio da sua Nação, aindaque em perfeita obscuridade, na qual acha a sua ventura, approvando em particular, louvando em publico a nova ordem de cousas; que abominou protecções, que foi victima da verdade, que olha com magestoso desprezo para o vil interesse, que nunca mendigou a superficial affabilidade dos Gran-

des, que côm franqueza Republicana disse sempre o seu parecer sobre os interesses verdadeiros da Patria agonizante, que reconhece no Governo o poder, na Nação a independencia, nos homens a dignidade; que respeita a virtude, que ama a Justiça, que abomina a lisonja; se este homem, na idade decadente, na probidade incorruptivel, na sugeição inalteravel, na moderação constante, e no silencio eterno, merece que se levante hum Carpinteiro, e lhe chame *Corcunda* afrontando-o impunemente em hum papel publico, decida a Nação. A' insolencia pareceo isto ainda pouco, chamou-lhe tambem *Falsario*!

Dirá a Nação, que he hum dito de hum Carpinteiro, ignorante, miseravel, e leigo, mas não poderá a Nação de dizer, que he hum crime commettido por este Carpinteiro. Conheço que me podem dizer que o homem de bem ao atravessar de huma praça, ao passar de huma rua, póde ser ultrajado por hum maroto com hum nome afrontoso, sem deixar de ser homem de bem, porque a malicia alhêa não destróe a honra propria, e que da mesma sorte eu posso ser chamado *Corcunda* por hum homem leigo, e ignorante do verdadeiro espirito de Patriotismo, dos principios de justiça, e dos deveres do Cidadão, sem que esta nomenclatura afrontosa damne a minha reputação, ou como Cidadão, ou como homem dado ás Letras. Tudo isto assim será; mas diga-me, Mestre Pedro, (e basta de digressões) que queria V. m. que eu fizesse para lhe não merecer o nome de *Corcunda*? Mereço-lhe este nome, porque não ando a gritar pelas ruas, pelas praças, pelos cafés. = Eu sou Constitucional, Liberal; estavamos nos abysmos, nos

abysmos, nos abysmos! Viva a Liberdade! Viva! Mereço-lhe este nome porque como Ecclesiastico não trago hum chapéo com huma immensa aba posterior, humas calças pardas, e largas, porque não dou, gritando, o nome de *Constitucional* a tudo quanto ha, ainda aos objectos mais insignificantes, e até despreziveis, profanando a santidade augusta, e o soberano respeito de huma tal palavra, em lenços, em fivellas, em gollas de sobrecazacas, em chicotinhos, em estribos, em esporas! Mereço-lhe este nome porque me não meto na irmandade dos Vidracistas, committendō insultos, levantando gritas, dando assuadas!!! Ah Mestre Pedro, estes mesmos que fazem consistir a adhesão ao systema Constitucional, hoje universalmente abraçado, nestas exterioridades ridiculas, vilmente servirāō a todos os partidos, porque nunca se movem por hum principio de justiça, por huma intima convincção da verdade, mas por hum particular interesse. Se hum tivesse huma Taberna, ou hum Botequim, e viessem Francezes, punha-lhe em cima = Café militar Francez. = Se viessem Inglezes, pintava-lhe em cima todos os Jorges, e todos os Guilhermes Carrs &c. &c. agora, escrevia em cima = Café Constituinte = Se fosse Poeta, fazia duas Odes, e mettia-as n'algibeira, huma a Junot, outra a Welesley; vinha Junot, Ode a Junot; vinha Welesley, Ode a Welesley: e se em ser *Corcunda* conhecesse hum prepondenrante interesse, para ser conhecido do partido, metia huma alforjada de trapos entre a camiza se a tivesse, e cazaca, ou balandráo que apparecesse. O homem que em hum papel periodico diz = *Esses DD. Quixotes de Laybach*, he o mesmo homem

que fez o Drama que se intitula = *Dos triunfos Bretões se apraz Diana* = introduzindo nos annos de Jorge, o tempo e fazer este verso = *E em obsequio de Jorge eu me embrandeço.* =

O homem de bem, o verdadeiro Patriota falla quando he preciso, os seus sentimentos são para se patentearem diante do Tribunal da Justiça, e da verdade, e não para se assoalharem perante huma populaça vária, inconstante, que grita a favor deste por hum cruzado novo, e logo contra este por setecentos e vinte, prompta para trazer no colete botões á Talavera, se ha Talavera, chapéo á Constituição, se ha Constituição. O homem que V. m. insulta dirá a hum Despota = Tu és hum Tyranno, e a hum Rei dignamente Constitucional = Tu és amigo da Patria: = sabendo calar-se a tempo, e fallar a tempo.

A cousa que ha mais incompativel com V.m. Mestre Pedro, he a seriedade, nega-se a penna a hum estylo grave, quando tem de escrever esta palavra = Mestre Pedro =. A indignidade da sua Carta de 19 de Março pede aquelle estylo, que V. m. merece, eu vou trasladando, para que o Publico a quem se patentêa a nossa correspondencia, justifique o meu procedimento. Ahi vai huma tirada da dita primeira columna.

" *Aleivoso*, então te pilhei, quando na
,, presença me bajulavas, e ausente
,, appelidavas pelo meu nome hum
,, Burro.,,

Meu Mestre Pedro, ainda que muitos dizem que V. m. tem Assessor, ou Assessores no que escreve, e com que tanto tem enriquecido, e illustrado a Patria na sua regeneração, porquê em

V. m. não conhecem mais que Mestre Pedro, Official honrado, e estabelecido em bom sitio com Loja de moveis; eu digo, que isto que eu acabo de trasladar, he seu, e unicamente seu: só Mestre Pedro me póde dizer a mim, que eu o *bajulava*? Eu!! Ha ente mais brusco, e independente entre todo o genero humano! Bajular! Nem aos Satrapas dos Reis. A bajulação suppõe, ou presuppõe dependencia; que dependencia podia eu ter de V. m.? Como Cidadão, não he empregado publico, nem tem influencia em os negocios, he só Mestre Pedro, isto he, hum ente absolutamente nullo no manejo da Republica. Como homem de Loja aberta! Trastes de luxo, Leitos de hum conto, não me são precisos; huma duzia de tristes, e pobres tamboretes de madeira de caixa? Esses não vierão fiados, paguei em cima daquella carteira, que he hoje peanha a outras preciosidades: alli descança *El Universal*, *La Miscelanea*, *La Gacêta de Madrid*, &c. Bajulalo pelos seus talentos? He cousa que lhe não conheço. Literatura? Nem se sabe o que isso he. Dinheiro emprestado? Não necessito. Letra rebatida? Não gyro. Se tem Irmandade, essa não dá Sermões, nem os peço. Sentar-me nas suas cadeiras a descançar algum bocado quando vou ao Correio? Isso não he favor tão grande, que não haja mais Lojas que o fação. A que chama V. m. bajular? Certamente he lisongear, adular!... Eu.... Mestre Pedro, eu adular! V. m. será hum Grande no Paço da Madeira, mas eu nem aos dos Paços dos Reis bajulei nunca.

Appelidar com o seu nome, o Senhor Cavroé, hum Burro? Ora deixe-me dizer; aqui na minha

rua ha hum cãozinho pequeno, (e lhe peço que venha informar-se) chamado *Junot* nome Francez. Huma vizinha minha tem hum Gato chamado *Tomiéres*, pelo muito que toma, e pelo muito que mia. Alli n'huma cocheira da rua direita, ha hum terrivel cão chamado La *Garde*, porque não ha cousa em que não pegue, e em que não morda, todos estes nomes Francezes são tirados das propriedades dos mesmos animaes, analogos ás dos sugeitos de quem são os nomes, e perguntando eu ao dono do cãozinho *Junot*, porque lhe chamava *Junot*, respondeo-me que por ser muito cadeleiro. Ora na Praça da Figueira, e suas avenidas, sempre cobertas, e alastradas de Burros, tambem ha entre elles alquiladores, e rapazes que o não são: a sua illustre profissão os torna espertos, e entendidos; motejão bem, e sácão apódos dignos de se conservarem na collecção de Supico; os Burros alli estacionados para o aluguer tem diversos nomes, porque sendo tantos, he preciso distinguillos, e conhecellos. Eu mesmo, não me permittindo a minha idade, e molestias mais altas cavallarias, já fui, não sei se a Odivellas, ou outro lugar ameno dos suburbios, a cavallo em Bonaparte, isto he, n'hum Burro assim chamado; e perguntando eu porque razão se tinha posto o nome do maior homem da Terra ao mais lazarento sendeiro da Praça, se me respondeo que me enganava, que as manhas do Jumentinho merecião aquelle nome, e que se admiravão, que sendo eu tão entendido em *Burros* não conhecesse aquella lesma; que alli onde o via, em todos dava couces, em todos mordia, e a nenhum de seus irmãos deixava comer palha na estribaria, porque elle a que-

ria toda para si, e que em levantando o zurro fazia calar a todos; mas que mais dia menos dia haveria para elle hum Campo de Waterloo em que o lombo lhe fosse medido com tamanho arrocho, e tanta consciencia, que a Santa Helena que o esperava seria a cozinha de alguma casa de Pasto, ou o cepo d'algum Pasteleiro para o picado dos Pasteis Diarios; e que por tudo isto, e o mais que dos Autos constava lhe tinhão posto o nome de Bonaparte dos Burros; que me segurasse bem na albarda, porque não era certo. Sendo pois Cavroé tambem nome Francez, muito esquipatico em si, mas muito vulgar naquella Nação, havendo, como he constante muitos Cavroés, assim como ha mais Marias na Terra, quem sabe, se por motivos de analogia, ou outra qualquer causa, terão posto malignamente este nome a algum Jumento, assim como pelas congruentes razões analogas pozerão aos cães, e aos Burros de que acima faço menção, os nomes de Junot, de Tomieres, de La Gardes, de Bonapartes &c. &c., e se eu acertasse com elle, como lhe havia eu chamar para o fazer andar, se elle duvidasse como todos duvidão? Por tanto não se deve V. m. escandalizar, porque ha muitos Cavroés, assim como ha muitos Junots, La Gardes, e outros; assim como eu me não escandalizaria, se havendo, como ha, muitos Macedos, pozessem este nome a algum Burro, ou por ter sido de algum, ou por ter as manhas de muitos, ou por se persuadirem que de Macedo a Maçado vai mui pouca distancia, devendo eu ter este nome pelo muito que VV. mm. tem malhado em mim, mas com bem o digamos, nunca impunemente o fizerão, e louvado Deos, nunca o

farão, como V. m. vai vendo pelo fio, e conteudo nestas Cartas, que hão de ser tão immortaes, como as do Fogaça. Não me chamou V. m. em Editaes publicos, e impressos de quatro Pêz! Pois agora tenha paciencia, porque pelo mesmo caso que se faz a pergunta, se dá a reposta. *Cujus est hæc oratio*! *Ciceronis. Cujus est hæc imago*? *Petri.* De quem he esta oração? De Cicero. De quem he esta figura? De Pedro. Tenho dado a minha cortez satisfação, e creio que V. m. se contentará com ella. Diz V. m. mais abaixo na dita primeira columna =

" Ainda a semana passada me propu-
" zeste paz, e concordia. "

Mestre Pedro, perdôe-me o seu respeito, a palavra he dura, e assim como V. m. ma diz muitas vezes, soffra que eu lha diga algumas = *Mente* =. Encontrou-me no largo do Terreiro o nosso commum amigo Manoel João, e me disse estas formaes palavras (ei-lo ahi está vivo, são, e escorreito, e bem gordinho, que não me não deixará mentir) " *Eu quero interpor a minha protecção, para fazer hum tratado de paz entre V.m. e o Mano Pedro.* " Eu lhe respondi, que eu era muito amigo do Evangelho, e que não me dava mal com isso, que este manda que amemos os nossos inimigos, e façamos bem áquelles que nos aborrecem, e que assim, não para fazer o que me pedia a vontade, mas por cumprir com tão divino preceito, estava prompto a assignar o tratado, feito pela mediação de tão alta Potencia como era o Senhor Manoel João. Creio que divertido com outras arduas funções Diplomaticas, se esquecera da promettida composição amigavel en-

tre as partes contratantes, porque nem me apparecêrão Plenipotenciarios, nem V. m. se apresentou em Laiback nenhum para negociar comigo. O que eu vi apparecer de Tratados de paz e alliança, foi o seu impresso intitulado = *Responso a Santo Antonio*, = com seus versos, e orações que já expuz á devota contemplação do Publico. Libello seu tão injurioso, que merece quinhentas refutações, e seiscentas respostas; V. m. a teve já, e ainda não ha de ficar aqui.

Não posso, Mestre Pedro, deixar de copiar huma notavel passagem da segunda columna da sua Carta de 19 por ser a cousa mais fria, e desenxabida, que está impressa desde o anno de 1446, que he o da invenção da imprensa, até este de 1821, em que tanto se imprime! Ei-la tal, e qual.

" Depois de me teres roubado *a mi-*
,, *nha alma*, fizeste que eu me esteja
,, *remendando* com os teus desprezos. ,,

He verdade que a gente aqui se ri, mas não sabe de que, da tolice. Que tem as duas modas *incessantes*, e *causticantissimas* dos gaiatos da rua = *O' minha alma* ! = E, = *estou-me arremendando-me, vou-me arremendar, ó Ridim*, = com as nossas questões literarias! V. m. impugna alguma producção dos Agoadeiros do Loreto? Se V. m. se remenda com os meus desprezos, eu lhe permetto que elles sejão tantos, que ainda lhe sobeje panno para mangas. Eu roubar-lhe a sua alma! Se ella he tão bella, e tão bem formada que a todos rouba os corações, bem se doscobre a sua celestial formosura nesta mesma Carta; por toda ella se mostra, e se derrama a sua luz, e sobre tudo na seguinte passagem em que eu vou manifestar ao Mun-

do, Mestre Pedro, ou a alma de Mestre Pedro. Notem-se bem estas palavras, columna segunda, linha sexta.

" Dirás que me deixaste por eu ser tarasca.
,, He melhor a tarasca a quem tu hoje......
,, Que nos calemos......

Que será isto, eu o digo. Esta sua Carta, Mestre Pedro, de 19 de Março foi escrita no dia 18 do mesmo mez, em que cahio a quinta Dominga da Quaresma: acabando de prégar nos Martyres, sahi da Igreja com o Ex-Radactor do Diario da Regencia, atravessa-se na rua huma mulher velha (tarasca) a perguntar-me com impertinencia, se hia tambem pregar ao Sacramento? Onde com effeito hia. Mestre Pedro, ou algum por elle, dos senadores das suas Cadeiras, vio esta parada, esta pergunta, esta tarasca a quem tu hoje......, que isto quer dizer a aposiopesis, ou reticencia. Que tal he a sua alma, Mestre Pedro? Com esta simples, e casual passagem, por certo quer V. m. dar a conhecer ao Mundo huma mancebia escandolisissima com huma velha? Ah! Mestre Pedro, eu com huma *velha* não casava ainda que ella tivesse muito, muito, muito dinheiro!...... Muito!!! Que quererá dizer esta minha reticencia?

Ainda me fica muito que dizer, e quê a notar a sua Carta de 19, mas vai esta sendo muito comprida, e assim tomo a prudente resolução de escrever mais huma que fazem oito. Eis-aqui as futilidades ultrajantes, com que V. m. desfia as minhas composições literarias, não vejo no que V. m. escreve mais do que Libellos famosos contra a minha pessoa, e contra a Moral publica. Se-

ja capaz de outra cousa, que não sejão descomposturas, e ataques. Se eu tomar este tom que será de V. m.?

Do Poema dignissimo, e de Historia,
Digno do bronze, e de immortal memoria:
E de que veja o Mundo escrito em Cédro,
O nome, e presumpção do Mestre Pedro.

DISSE.

Forno do Tijolo 28
de Maio de 1821.